



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA  
CONTEMPORÂNEAS

**LUCIANA GOMES FERREIRA**

**PRODUÇÃO LABORATORIAL DIGITAL NOS CURSOS DE JORNALISMO:  
UM ESTUDO DAS TENDÊNCIAS E MUDANÇAS EM SALVADOR**

Salvador  
2011

**LUCIANA GOMES FERREIRA**

**PRODUÇÃO LABORATORIAL DIGITAL NOS CURSOS DE JORNALISMO:  
UM ESTUDO DAS TENDÊNCIAS E MUDANÇAS EM SALVADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas como requisito para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientação: Prof. Dr. Marcos Silva Palacios

Salvador  
2011

Ficha Catalográfica

**LUCIANA GOMES FERREIRA**

**PRODUÇÃO LABORATORIAL DIGITAL NOS CURSOS DE JORNALISMO:  
UM ESTUDO DAS TENDÊNCIAS E MUDANÇAS EM SALVADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas como requisito para obtenção do grau de Mestre em Comunicação, Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

DATA DO EXAME: \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2011

**EXAMINADORES**

Prof. Dr. Marcos Silva Palácios (orientador)

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**PARECER COMPREENSIVO**

Depois de avaliação a aula pública da Dissertação intitulada: xxxxxxxx, depositada no Curso de Mestrado deste Programa de Pós-Graduação e submetida para exame, em sessão privada ficou decidido que a candidata a mestre deve ser considerada \_\_\_\_\_ no exame compreensivo de dissertação a que se submeteu em conformidade com os regulamentos deste Programa.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Este trabalho, dedico aos meus pais pelos bons exemplos de vida com muito trabalho, honestidade e perseverança.

À minha irmã pelo incentivo de seguir em frente.

## AGRADECIMENTOS

São muitos e especiais,

Ao meu orientador Marcos Palacios que acreditou no meu projeto e na minha capacidade de executá-lo, e que, com a sua experiência acadêmica me ajudou a crescer.

A Coordenação do Póscom UFBA nas pessoas da Coordenadora Maria Carmem Jacob e da Secretária Michele Almeida, pela sempre excelente receptividade.

A todos os professores do Programa que muito colaboraram para o enriquecimento do meu aprendizado.

A todos os colegas do Grupo GJOL, pela oportunidade do crescimento em grupo e em especial a Graciela Natansohn e Beatriz Ribas pelas suas indicações acadêmicas que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho em momento de definição.

Aos colegas do Grupo GITS pelos momentos de partilha de conhecimento e demonstração de amizade.

Aos colegas da Rede PROCAD. Sem o trabalho colaborativo e receptividade desta equipe não seria possível esta dissertação.

A todos os meus entrevistados pela colaboração, confiança de seus depoimentos e doação de seu tempo.

A todos os colegas do curso, pois cada um, a seu modo, contribuiu para meu crescimento.

Ao CNPQ pelo apoio financeiro, fundamental para a dedicação à realização desta pesquisa.

À minha família pelo apoio em todos os meus projetos de vida.

“(...) existe uma Lei, invisível para vós, todavia mais forte que a rocha, mais poderosa que o furacão, que caminha inexorável movimentando tudo, animando tudo; essa Lei é Deus. Ela está dentro de vós, vossa vida é exteriorização dela e derramará sobre vós alegria ou dor, de acordo com a justiça, como o merecerdes.”

Pietro Ubaldi, 2007.

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado trata sobre a pedagogia do jornalismo na era da convergência tecnológica. Teve como meta investigar o ensino do jornalismo após a introdução dos componentes digitais nos programas de ensino. O objetivo principal foi analisar quais mudanças esses novos elementos promoveram no currículo dos cursos de jornalismo e nas práticas de ensino através da cultura das tecnologias digitais: se de forma transversal em todo o programa, ou apenas pontual. O recorte para caracterizar as especificidades deste estudo foi à produção laboratorial digital de cursos de jornalismo em Salvador, na Bahia, a partir de dados recolhidos através da metodologia do Projeto PROCAD da Rede Nacional para o estudo do *Ensino do Ciberjornalismo na Era da Convergência Tecnológica - Metodologias, Planos de Estudo e Demandas Profissionais* (2008-2011). A partir destas informações, também identificar as características das disciplinas que trabalham com o tema ‘jornalismo digital’.

**Palavras-chave:** Jornalismo digital, pedagogia, produtos laboratoriais digitais, ensino do jornalismo, convergência, currículo.



## ABSTRACT

This dissertation is about the pedagogy of journalism in the era of technological convergence and was aimed to investigate the teaching of journalism after the introduction of digital components in the curriculum. The main objective was to analyze what changes these new elements promoted in the curriculum of journalism, in teaching practices with the culture of digital technologies, is right across the program, or only occasionally. The clipping to characterize the specificities of this study was the laboratory production of digital journalism courses in Salvador, Bahia, from data collected through the methodology of Project PROCAD National Network for the Study of *Ensino do Ciberjornalismo na Era da Convergência Tecnológica - Metodologias, Planos de Estudo e Demandas Profissionais* (2008-2011). From this information also study the characteristics of the subjects who worked in the area of digital journalism.

**Keywords:** digital journalism, pedagogy, laboratory digital products, journalism education, convergence, curriculum.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Alfabetização digital.....	18
Quadro 2	Alfabetização ciberjornalística.....	19
Quadro 2	Anúncios de empregos para jornalismo retirados de sites de empregos...	62
Figura 1	<i>Lugar Incomum</i> - primeira revista digital da Bahia, 1995.....	71
Figura 2	<i>Panopticon</i> - jornal online experimental produzido na disciplina Oficina de Jornalismo Digital (2000).....	72
Figura 3	<i>Lupa Digital</i> - jornal laboratório online da disciplina Oficina de Jornalismo Digital (2010).....	77
Figura 4	<i>Folha Salvador</i> – Webjornal da Faculdade Dois de Julho (2010).....	81
Figura 5	<i>Labweb</i> – página principal do Laboratório Interdisciplinar de Jornalismo da FSBA.....	85
Figura 6	<i>Labweb</i> – página do <i>WebRádio</i> .....	85
Figura 7	<i>Agência Experimental de Notícias</i> . Produto laboratorial digital do curso de Jornalismo da UNIME.....	89
Figura 8	Site UNIME. Página principal.....	90

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS MODIFICANDO COMPONENTES CURRICULARES</b> .....	21
1.1 O CURRÍCULO NA CONSTRUÇÃO CONTEMPORANEA DAS FORMAÇÕES ACADEMICAS PROFISSIONALIZANTES.....	21
1.2 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E AS OUTRAS/NOVAS MANEIRAS DE SE ESTRUTURAR O CURRÍCULO .....	29
<b>2 DIRETRIZES CURRICULARES PARA O CURSO DE JORNALISMO</b> .....	36
2.1 CENÁRIOS ATUAIS DO JORNALISMO.....	36
2.2 DESAFIO PEDAGÓGICO DE FORMAR JORNALISTAS.....	40
2.3 TCNOLOGIAS DIGITAIS NO CURRÍCULO: AUTONOMIA E/OU TRANSVERSALIDADE?.....	48
<b>3 ENSINO DO JORNALISMO, PRODUÇÃO LABORATORIAL E CONVERGENCIA NA ERA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS</b> .....	53
3.1 PIONEIRISMO DA UFBA NO ENSINO DO JORNALISMO DIGITAL.....	53
3.2 LUGAR DOS ESPAÇOS LABORATORIAIS: UM HISTÓRICO.....	56
3.3 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E OS ÓRGÃOS LABORATORIAIS.....	59
3.4 A FUNÇÃO DOS PRODUTOS LABORATORIAIS DIGITAIS.....	66
3.5 AS PRIMEIRAS EXPERIENCIAS DE PRODUÇÃO LABORATORIAL DIGITAL EM SALVADOR.....	70
3.6 PRODUÇÃO LABORATORIAL DIGITAL: RESULTADO DA PESQUISA PROCAD/SALVADOR (2009/2010).....	74
<b>CONCLUSÃO</b> .....	92
<b>REFERENCIAS</b> .....	98
<b>ANEXO</b> .....	104

## INTRODUÇÃO

As faculdades de jornalismo introduziram em seus programas pedagógicos disciplinas que tratam do tema jornalismo digital e com elas surgiram novos produtos laboratoriais. Esses produtos são elaborados em plataformas de tecnologias digitais, sendo, portanto, mais baratos, interativos, multimídias e que oferecem um grande potencial para convergência midiática com os produtos de outras disciplinas. Apesar de muitos avanços, observou-se que a inserção da cultura digital e da convergência nas matrizes curriculares dos cursos ainda não é um fato completamente consolidado.

Este é o caso dos produtos laboratoriais digitais, que muito colaboram para a experimentação do estudante nas técnicas profissionais do mercado. Mas a realidade acadêmica da produção laboratorial dos cursos de jornalismo, em Salvador, ainda está muito distante das possibilidades que as novas tecnologias oferecem de simular o ambiente profissional.

A partir desses pressupostos, perguntas sobre o ensino do jornalismo na era das tecnologias digitais e da convergência midiática serviram de base para a condução desta dissertação, e para uma investigação do ponto de vista teórico e empírico, através do Projeto PROCAD da Rede Nacional para o estudo do 'Ensino do Ciberjornalismo na Era da Convergência Tecnológica - Metodologias, Planos de Estudo e Demandas Profissionais (2008-2011)'<sup>1</sup>.

A idéia de estudar a produção laboratorial digital na pedagogia do jornalismo como enfoque central, se dá com a reflexão sobre o ensino desta atividade profissional e a relação do aprendizado com o mercado de trabalho. Logo surgiram muitas indagações sobre este tema, muitos deles já levantados e discutidos no Projeto Comunicadores Digitais da Rede Ibero-americana de Comunicação Digital (Red ICOD)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup>A metodologia utilizada para a ação exploratória foi desenvolvida coletivamente no âmbito do Projeto PROCAD 049/2007 (Programa Nacional de Cooperação Acadêmica) Ensino do Jornalismo na Era da Convergência Tecnológica: Metodologia, Planos de Estudo e Demandas Profissionais O Projeto foi aprovado no final de 2007 pela CAPES e tem duração de 4 anos. Congrega 4 universidades (UFBA, USP, UFSC e TUIUTI) de três regiões diferentes (Nordeste, Sudeste e Sul) e de quatro estados (Bahia, Paraná, São Paulo e Santa Catarina).

<sup>2</sup> O Projeto "Comunicadores Digitais" nasce da iniciativa de um grupo de universidades da América Latina e Europa que compartilhavam um interesse pelo ensino e estudo das comunicações digitais. No contexto de uma colaboração entre universidades, em 2003 foi criada a **Rede ICOD** da qual fazem parte as seguintes instituições educativas e empresas: Universidade de Vic (Espanha), Universidade Nacional de Rosário (Argentina), Universidade de Beira Interior (Portugal) , Universidade da Patagônia Austral

Uma questão preliminar, que envolve a maioria das indagações sobre a utilização dos recursos digitais nos programas de ensino é se aconteceram de forma pontual e/ou transversal em todo o programa? Novos produtos laboratoriais foram introduzidos nos programas dos cursos de jornalismo, sendo alicerçados pelas tecnologias digitais que oferecem potencial técnico para convergência midiática. Mas essa convergência, de fato acontece entre esses produtos e no processo de produção? Em uma observação rápida em programas e matrizes curriculares essa inserção da cultura do digital com possibilidade de convergência é observada, mas será que se confirma?

De fato, muitos progressos aconteceram no ensino-aprendizagem do jornalismo na tentativa de atualização para a cultura da comunicação digital, mas constatamos que muito ainda está por avançar. Ao se considerar as questões da relação alfabetização digital e formação ciberjornalística, por exemplo, com a nova infraestrutura do conhecimento, percebe-se que a educação dos jornalistas está diferente, e que os modelos tayloristas<sup>3</sup> de se organizar o currículo vêm sofrendo duros golpes.

Mas muitas questões ainda estão por serem argumentadas a respeito das mudanças sociais com relação ao advento da conectividade da comunicação, da interação mediada pelas tecnologias digitais e, sobretudo, do aumento sistemático e colaborativo da inteligência coletiva e da convergência. Na era da informação, as tecnologias digitais se destacam como elementos indispensáveis para a comunicação humana e uma “nova” cultura que se aproprie desses recursos entram em sintonia com tais mudanças, e surgindo a partir desta relação. A cibercultura, por exemplo, vem contribuindo decisivamente para a emergência de novos paradigmas sociais, econômicos e culturais na sociedade do século XXI, a partir de novas tecnologias de comunicação e informação.

Em tal cenário, surge a necessidade de se desenvolver habilidades e qualificações profissionais renovadas, condizentes com as novas demandas sociais. Neste contexto de mudanças, o jornalismo - campo onde se desenvolve (entre outros) a comunicação da era contemporânea – se torna um potencial objeto de pesquisa, já que este se encontra

---

(Argentina) , Universidade de Havana (Cuba) , Universidade Federal da Bahia (Brasil) , Universidade de Lille 3 (França), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Brasil), Ars Media (Itália) (Red ICOD, 2006).

<sup>3</sup> Taylorismo é o modelo de administração desenvolvido pelo engenheiro norte-americano Frederick Taylor(1856-1915), que é considerado o *pai da administração científica*. Caracteriza-se pela ênfase nas tarefas, objetivando o aumento da eficiência ao nível operacional. É considerado um subcampo da perspectiva administrativa clássica.(Nota da autora)

em um meio de estudos sociais e tecnológicos de importância estratégica para o conhecimento e desenvolvimento da comunicação humana na cibercultura.

Atualmente, com as tecnologias digitais de comunicação transformando o fluxo do saber e a transmissão do conhecimento, exige-se constantemente a atualização dos currículos e práticas de ensino nos cursos voltados para a formação de comunicadores sociais, e especialmente de jornalistas. Um dos catalisadores desse processo pode-se dizer, foi o jornalismo digital que surge inicialmente no contexto da formação jornalística mais como um complemento da formação acadêmica, com o objetivo de aproximar os estudantes das ferramentas tecnológicas do exercício da profissão dos jornalistas da era digital.

É por volta da década dos anos 1990, que rapidamente as tecnologias digitais e o ambiente *online* vão adquirindo importância estratégica na atuação do profissional de comunicação no mercado de trabalho. De acordo com Castells (2006), a Era da Informação caracteriza-se, fundamentalmente, pela revolução técnica centrada nas tecnologias digitais de informação e comunicação em que a estrutura social se forma em rede, e com a organização global. As tecnologias digitais estão tão presentes em todas as atividades práticas contemporâneas que passam a dirigir novas experiências estéticas, principalmente no que diz respeito à internet. O ciberespaço é uma dessas novas experiências. É um novo espaço de interação humana de importância já consolidada, nos planos econômico, científico e social, e este processo afetou, de forma talvez irreversível, o campo jornalístico.

Certamente essa importância das tecnologias digitais para a comunicação continua a ser ampliada e se estende a vários outros campos sociais, como por exemplo, na educação, arte e política. Mas como avaliar o significado cultural disso? Como refletir acerca da relação contemporânea que se estabelece com esses novos saberes? Essas indagações do sociólogo e pesquisador da Cibercultura Pierre Lévy (1993) levam a uma importante constatação que envolve a velocidade do surgimento e renovação dos saberes, fato antes não existente. O surgimento e renovação dos saberes se davam de forma lenta e processual. As competências profissionais adquiridas por uma pessoa no início de sua carreira, por exemplo, vão estar obsoletas até o fim dela, em um contexto em que o conhecimento não pára de crescer, e em ritmo acelerado, com a ajuda das tecnologias digitais.

Esses novos elementos da cultura contemporânea estão conectados com o aprendizado colaborativo que se torna essencial para a cultura do trabalho, bem como com uma arquitetura do conhecimento que, cada vez mais, torna-se forçosamente multidisciplinar e complexa na busca de soluções para a sociedade, e toda a sua complexidade. Inserido nesse sistema, se encontra o jornalista que precisa desenvolver as novas competências digitais que surgiram na cibercultura provenientes das tecnologias informáticas e que são encontradas nos ambientes de trabalho da comunicação social.

Na cibercultura, o profissional de comunicação precisará desenvolver três competências básicas, explica Martín-Barbero (2006): a ‘histórica’ para relacionar os sentidos do ‘*para que*’ e ‘*em que*’, quando for lidar com os contextos das tecnologias, formatos, narrativas e gêneros; as competências ‘lógicas’ para uma experimentação científica e estética muito forte nesse novo desenho cultural; e por fim, as competências estéticas, suscitadas no homem com a grande abundância de possibilidades ofertada pelas tecnologias digitais. A idéia é que o campo educacional perceba essas tendências da sociedade e possa atender as demandas do mercado, pois os modelos de comunicação ensinados nas faculdades, em geral, estão bem mais atrasados em relação aos modelos de comunicação na sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2006).

Se a Internet promoveu muitas alterações na forma como circula o conhecimento, originando uma condição de descentralização dos saberes, de tal forma que começam a sair dos lugares até agora socialmente legitimados para a aprendizagem (as instituições de ensino), um novo desafio se apresenta: como socialmente é possível a legitimação e a apropriação de uma multiplicidade de saberes sem lugar próprio de produção e que são produzidos em espaços tradicionalmente não aceitos como tal? É um novo desafio que se apresenta às instituições formais de ensino que precisam assumir que controlar esta ou aquela estrutura teórica já não é suficiente. Precisa-se aprender a incorporar novos modos de gerenciar a informação que chega a cada pessoa para que se possa continuar a aprender o resto da vida. Tais modelos têm que ser pensados, experimentados e estar em contínuo processo de reformulação e lapidação.

Machado (Red ICOD, 2006) acredita que os primeiros passos metodológicos para a adoção de um perfil do comunicador, na era digital, é perceber que há um conjunto diferenciado de atores no que diz respeito à formação do comunicador social e suas várias habilitações. A partir desse princípio norteador, entende-se que todo o processo

de formação do indivíduo deve ser articulado e implementado no sentido de que o profissional possa compreender os processos do que significa trabalhar numa sociedade mediada pelas tecnologias digitais.

Já o aprendizado nos espaços constituídos pela tecnologia digital requer habilidades específicas e novas relações de ensino-aprendizagem entre professores e alunos. Estes precisam criar comunidades permanentes em que o intercâmbio de conhecimento seja estimulado continuamente. Este tipo de modalidade de educação depende da capacidade de ensino e aprendizagem que são estruturadas ao longo do percurso. Se definida como simples instrumento acentua o caráter apenas tecnológico, uma atitude típica de sistema que se preocupa apenas com o aperfeiçoamento do processo de assimilação reprodutiva do conhecimento (MACHADO, 2007).

Salaverría (2007) também defende alguns critérios para a formação dos jornalistas na era digital. Segundo ele, a preocupação deve ser instrumental, mas também informativa. Não basta o indivíduo estar conectado as atividades na Internet, mas fazê-lo tendo em vista uma linha jornalística de qualidade: buscar, redigir, analisar e elaborar informação, levando em consideração as características do meio, numa situação em que a capacidade de filtrar e validar informações super-abundantes é cada vez mais crucial. Essa é uma questão central relativa ao conhecimento e à informação na cibercultura, pois é justamente a abundância e a facilidade de acesso à informação que mais tem causado estranheza aos potenciais pesquisadores.

Obviamente a tecnologia não deve ser um fim em si mesmo, nem um remédio para todas as dificuldades encontradas atualmente na formação profissional. O que se constata, de fato, é que induz novas formas de apropriação do conhecimento, promove comportamentos sociais diferente, e até mesmo afeta princípios teóricos das ciências da informação e comunicação. Os usos do digital se tornam cada vez mais complexos e heterogêneos e tudo isso conduz a uma revisão dos valores da profissionalização, e as Instituições de Ensino Superior (IES) precisam encarar as novas exigências que colocam à Comunicação em plena importância estratégica (Red ICOD, 2006). Lemos e Cunha exemplificam bem essa relação da cultura com as técnicas contemporâneas:

“A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (*homebanking*, cartões inteligentes, celulares,



*palms, pages*, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo conseqüência direta da evolução da cultura técnica moderna.”(LEMOS; CUNHA, 2003 p.1).

A partir de tal contextualização depreende-se que às tecnologias digitais, emergentes na Cibercultura, assim como a complexidade das relações sociais, culturais e econômicas da contemporaneidade requerem dos profissionais da área de comunicação novas habilidades e competências, e especificamente dos jornalistas é exigido um novo posicionamento mercadológico, assim como das instituições de ensino superior onde se qualificam esses profissionais.

Para Lévy, tais questões trazem para a superfície as potencialidades das novas tecnologias da comunicação relacionadas à pedagogia, pois estas conseguem a convergência de vários sistemas em um mesmo espaço;

As ferramentas do ciberespaço permitem considerar amplos sistemas de testes automatizados acessíveis a todo o momento e redes de transação entre a oferta e a demanda de competência. Ao organizar a comunicação entre empregadores, indivíduos e recursos de aprendizado de todas as ordens, as universidades do futuro estariam contribuindo para a animação de uma nova economia do conhecimento (LÉVY, 1999, p.61).

Tomando como referência o sentido sobre as ferramentas e sistemas considerados por Lévy, deve-se lembrar que não é só a tecnologia que importa para a filosofia educativa, mas sim o princípio que empresta ao seu uso. Se o objetivo transdisciplinar é a compreensão do mundo presente, a partir de toda a sua complexidade, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento, o computador e todas as tecnologias possíveis a partir dele, principalmente a internet, precisa ser considerada como elemento chave potencializador dessa transformação cultural.

Vale ressaltar que se devem levar em conta muitos fatores no ensino da comunicação digital, como por exemplo, as diferentes realidades das escolas de comunicação, pois umas são permeáveis às transformações pedagógicas, enquanto outras são mais abertas à reflexão sobre a didática. Existem instituições que promovem uma formação mais adequada às necessidades de mercado (mais técnica), e outras aderem a uma perspectiva mais acadêmica, portanto, cada uma a seu turno, deixa algumas lacunas no equilíbrio da formação profissional digital (Red ICOD, 2006).

Calvo (2006) identifica que o conhecimento não passa somente pelo acúmulo de informações e habilidades técnicas, “[...] sino también refinada capacidad de lectura, escritura, investigación. Supone intensificar las capacidades para acceder, analizar, interpretar, processar e almacenar críticamente materiales multimedia y también impresos” ( p. 30). Já os ciberjornalistas, além de todos esses requisitos, completa Calvo (2006), devem possuir a “alfabetização digital”<sup>4</sup> (Quadro 1.0) pois, sem impedimentos de ordem técnica, as exigências sobre eles serão ainda maiores.

Quadro 1.0 Características para alfabetização digital

<b>ALFABETIZAÇÃO DIGITAL</b>
Reconhece quando há uma necessidade de informação
Identifica a necessidade de informação
Trabalha com diversidades de fontes e códigos de informação
Sabe dominar a sobrecarga de informações
Avalia e qualifica a fonte de informação
Organiza a informação
Usa a informação eficientemente para dirigir o problema de investigação
Sabe comunicar a informação encontrada para outras pessoas.

Fonte: Baseado em Tejedor Calvo (2006)

Essas reflexões nos situam em um cenário marcado pela aparição de um conjunto de transformações no desempenho profissional dos jornalistas que exigem também, modificações no seu processo de formação. Nesse sentido, a “alfabetização ciberjornalística” (Quadro 2) é entendida como uma ampliação da alfabetização digital,

<sup>4</sup> Para Tejedor Calvo (2006) a alfabetização digital do jornalista trata-se de estarem aptos ao uso das ferramentas de tecnologia e comunicação digital que serão usadas como instrumentos necessários para o desenvolvimento de tarefas que os Ciberjornalistas praticam como: acesso, manejo, integração, criação e avaliação das mensagens online.

pois responde a esta abordagem formativa dotada de dupla dimensão: a instrumental ou pragmática, por um lado, e a humanista cultural por outro( CALVO, 2006, p.37).

Quadro 2.0 Características para alfabetização ciberjornalística

<b>ALFABETIZAÇÃO DIGITAL CIBERJORNALÍSTICA</b>
Mudança de mentalidade sobre a informação em rede
Conhecimento das estruturas midiáticas que definem as estruturas da rede (internet)
Conhecimento e domínio das rotinas de produção de notícias na internet
Manejo das principais ferramentas telemáticas para o trabalho jornalístico
Domínio do trabalho com fontes na internet. Estratégias de busca e consulta de fontes online segura.
Capacidade de criar narrativas adaptadas a internet (multimídia)
Capacidade bastante desenvolvida de trabalhar em equipe
Atualização constante de conhecimentos sobre a internet relacionada a serviços e instrumentos.

Fonte: Baseado em Tejedor Calvo (2006)

Certamente a internet introduziu um novo cenário de trabalho para os jornalistas. Neste sentido, Calvo (2006) reconhece neste cenário modificado, o qual é necessário um exercício de humildade que o profissional ainda não conhecia, pois no jornalismo tradicional é o jornalista quem filtra e define o que é notícia. Já o ciberjornalista não pode se deter a esse pressuposto, pois agora é mais um “guardião” da notícia que a partir de um critério editorial seleciona o que lhe parece confiável e pertinente. Ou seja, os jornalistas não têm mais o monopólio da informação.

O jornalismo na cibercultura ultrapassa a função de levar informação aonde não havia, como antes. Agora seu papel é levar informação para pessoas e lugares que já

têm muita informação. E hoje, este é um dos maiores desafios da profissão, e do ensino, que tem de contemplar as necessidades práticas com a importância das teorias, e a correta inclusão no currículo desses elementos, é o início de um caminho para qualificar o ensino do jornalismo na cibercultura

Em vistas deste panorama das condições atuais do jornalismo e do ensino, optei por fundamentar as questões sobre a pedagogia do jornalismo na era das tecnologias digitais e convergência midiática buscando apoio teórico na Teoria dos Currículos, e correlacionando com as transformações provocadas com o surgimento das tecnologias digitais. É válido ressaltar que esses elementos vêm modificando a construção da aprendizagem e dos currículos, não só do jornalismo.

Em seguida, busco contextualizar o curso de Jornalismo nos cenários atuais da profissão e as novas diretrizes curriculares que estão sendo propostas para a formação do jornalista. Faço também uma revisão de referência sobre a introdução do ensino do jornalismo digital nos cursos de jornalismo, sobretudo nos cursos da cidade de Salvador, na Bahia.

Dessa forma, esta dissertação apresenta-se em três capítulos.

No capítulo um busco relacionar o surgimento das tecnologias digitais com a modificação dos componentes curriculares. Neste capítulo foi dada ênfase às questões de construção do currículo e sugeridas possíveis maneiras de se estruturar o ensino da cibercultura em cursos de comunicação.

No capítulo dois as novas diretrizes curriculares para o curso de jornalismo foram o ponto central, em torno do qual foram analisados os cenários atuais do jornalismo, o desafio pedagógico de formação de jornalistas em tempos de convergência midiática, bem como o tema da introdução das tecnologias digitais para a comunicação nos cursos de jornalismo em Salvador. O capítulo faz também uma breve recuperação histórica sobre o ensino do jornalismo em cursos de comunicação.

No capítulo três foram abordadas de forma mais específicas questões sobre o ensino do jornalismo digital e a convergência na era das tecnologias digitais, com ênfase nos produtos laboratoriais e seu lugar na concepção do ensino do jornalismo atual. O tópico da conclusão apresenta as considerações finais do trabalho realizado e retoma, na forma de resumo, algumas questões abordadas anteriormente.

## 1.0 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS MODIFICANDO OS COMPONENTES CURRICULARES

### 1.1 O CURRÍCULO NA CONSTRUÇÃO CONTEMPORANEA DAS FORMAÇÕES ACADÊMICAS E PROFISSIONALIZANTES

“Nunca se constatou na história da educação uma tamanha importância atribuída às políticas e propostas curriculares, diria mesmo, um tamanho *empoderamento* do Currículo enquanto definidor de processos formativos e suas concepções”(MACEDO, 2009, p. 13). A afirmativa do pesquisador sobre Teoria do Currículo e professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Roberto Sidnei Macedo, evidencia o contexto de importância que o currículo assume no mundo, quando se trata da concepção e construção contemporânea das formações e o seu empoderamento político-pedagógico.

A complexidade de relações disciplinares que emerge dessas configurações contemporâneas se torna uma responsabilidade formativa social e pedagógica incontestável, assim como a necessidade explícita de reflexão do campo curricular e da noção de currículo, no sentido de distinguir as suas perspectivas históricas, epistemológicas, e as suas práticas, que remetem a uma responsabilidade formativa social e pedagógica incontestável.

Faz-se necessário trazer para esse cenário discursivo o lugar do debate e da polissemia das concepções como forma de se dar atenção as reivindicações das mudanças de processos de aprendizagem que sejam compatíveis com a Era das tecnologias digitais em contraposição à tendência, segundo Macedo (2009), de “excessiva e impositiva modelização, tão cara aos modelos educacionais e acadêmicos, sempre movidos pelo *habitus* da busca de insulares panacéias pedagógicas” ( p. 112). Ou seja, que o diálogo e a abertura para modelos educacionais adequados aos processos e sistemas emergentes na Cibercultura tenham também lugar de destaque nos futuros modelos acadêmico de ensino e uso das tecnologias, que sejam viáveis e possíveis para as realidades educacionais existentes.

No campo da comunicação e do jornalismo o que se coloca em questão, ou pelo menos deveria estar em evidencia, não é só a revisão do currículo para inserir novas

disciplinas que atualizem seu projeto político-pedagógico, mas a necessidade do argumento sobre o que está instituído, o que se está inserindo neste campo que passa por tantas transformações, reduções, pulverizações e muitas vezes concepções acríticas da sua real sobrevivência, e qual formato condiz melhor com as necessidades comunicativas da era da comunicação digital.

Para entender esse processo de mudança é preciso voltar às origens da construção do currículo enquanto elemento norteador da educação para as demandas da sociedade. No caso da comunicação é importante que os educadores dessa área e neste contexto da história das perspectivas e práticas curriculares para a comunicação, e, sobretudo, as práticas digitais, entrem no mérito do que se configura como currículo e saibam lidar com suas complexas e variadas dinâmicas de ação.

É importante lembrar que a educação é o processo por meio do qual os indivíduos assemelham-se e diferenciam-se. “Por meio dela tornam-se iguais, mas tornam-se diferentes uns dos outros” (SILVA, 2008:23). A educação é o meio que permite as pessoas apropriar-se da cultura, estabelecendo com ela uma identidade, uma proximidade, mas essa ação educativa ao ser produzida é mediada por condições subjetivas e tanto pode atender a dimensão da realização social, como da individual.

Essa formação humana em processos de socialização tem privilegiado a adaptação, especialmente nos meios mais elaborados, intencionais e planejados, como são os centros educacionais (SILVA, 2008). Nesses ambientes prevalece certo tipo de organização do trabalho que, ao tomar a razão em um sentido instrumental, institui uma dimensão conservadora e conformadora ou estática. Modificar esses processos a fim de obter outros resultados não é tarefa fácil.

É urgente, neste contexto histórico das perspectivas e práticas curriculares, “que os educadores entrem no mérito do que se configura como currículo e saibam lidar com suas complexas e interessadas dinâmicas de ação” (MACEDO, 2009, p.14). Para Macedo, também não há dúvida de que o currículo ainda se constitui num dos artefatos educacionais dos mais iluministas, autoritários e excludentes. No entanto, ele concebe a práxis curricular como “fecundo analisador, podendo se constituir numa inspiração para o trabalho de revelação de outras complexas práticas contemporâneas do cenário educacional” (2009, p. 16). Essa realidade não é fácil de acontecer porque se vive ainda numa ética e hábito sócio-pedagógico, que dá preferência ao modelo e sistemas pre-montados, em detrimento das pessoas, suas demandas formativas, referências culturais

e históricas; em detrimento dos contextos e seus interesses, ao complexo mundo do trabalho e da produção.

É interessante lembrar que a palavra currículo proveniente do étimo latino *currere*, significa caminho, jornada, trajetória, percurso a seguir e contém, por isso, duas idéias principais: uma de seqüência ordenada, outra de noção de totalidade de estudos (PACHECO, 1996, apud MACEDO, 2009).

Os estudos e problemáticas do currículo educacional no sentido atual surgiram na virada do século 19 para o 20 e se consolidaram a partir da segunda guerra mundial, pois é na literatura dos Estados Unidos que aparecem pela primeira vez como campo especializado de estudos. O que viria a ser chamado de currículo, ainda mesmo em seus primórdios no período clássico grego, já continha uma perspectiva disciplinar na sua orientação. Mas é na obra de Frank Bobbitt: *The Curriculum*, publicada nos Estados Unidos em 1918, que tais orientações passam a ser consideradas um marco na fundação do currículo como objeto de estudo específico, conforme descrição abaixo:

“Bobbitt queria ver o currículo ser concebido e praticado tal qual se organiza a empresa e a fábrica, orientadas pelas idéias da administração científica de Frederick Taylor<sup>5</sup>. Precisar os objetivos e obter, pelas informações minuciosamente conhecidas e fragmentadas, a eficiência e a eficácia transformou-se no método eleito, e no caminho aceito científica e academicamente, para se obter a formação relevante para o contexto americano vigente” (MACEDO, 2009, p. 35)

Neste sentido o currículo passa a ser administrado como uma mecânica e por força das idéias deterministas que operavam a concepção da formação (para o capitalismo) e do próprio currículo, como seu mais importante mediador.

---

<sup>5</sup> Frederick Winslow Taylor (1856 - 1915) mais conhecido por F. W. Taylor, foi um engenheiro mecânico dos Estados Unidos. É considerado o "Pai da Administração Científica" por propor a utilização de métodos científicos cartesianos na administração de empresas. Seu foco era a eficiência e eficácia operacional na administração industrial. Sua orientação cartesiana extrema é ao mesmo tempo sua força e fraqueza. Seu controle inflexível, mecanicista, elevou enormemente o desempenho das indústrias em que atuou, todavia, igualmente gerou demissões, insatisfação e estresse para seus subordinados e sindicalistas. (Nota da Autora)

Certamente que muitas críticas e muitos críticos surgem, principalmente para dizer que o Currículo não é um artefato neutro, inocente e desinteressado. A ‘Teoria Crítica do Currículo’, por exemplo, é um movimento que vai desde as reflexões que vinculam as concepções e os atos de currículo, até a dinâmica de produção da lógica capitalista que vai se reproduzir na escola. Assim, nesta perspectiva, a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, desenvolvida através de uma visão de oposição clara a cultura de massa e a tecnização da sociedade moderna e à razão iluminista, vão desempenhar também um papel significativo na constituição da atitude crítica, principalmente através do pensamento de Adorno, Horkheimer e Benjamin (MACEDO, 2009).

Mas talvez o mais importante e interessante do que a busca da definição última de currículo, segundo Silva (1999), seja a de saber a que questões uma Teoria do Currículo, ou um discurso curricular busca responder. Por isso é mais importante pensar na questão central que serve de pano de fundo a qualquer teoria do currículo: que conhecimento deve ser ensinado? A despeito do caminho teórico a ser percorrido em relação a que teoria se apropriar é imprescindível à volta a questão inicial, sobre qual conhecimento ou saber que é considerado importante, ou válido, ou essencial, para merecer ser considerado parte do currículo (SILVA, 1999, p.13)

Por isso o currículo é sempre o resultado de uma seleção, de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes, e desses elementos seleciona-se aquela parte que vai constituir precisamente o currículo. As teorias do currículo, tendo decidido que conhecimentos devem ser selecionados, procuram justificar por que são “esses” e não “aqueles” conhecimentos que devem fazer parte do currículo. Assim, segundo Silva (1999), é imprescindível o levantamento de questões que determinem a correlação entre os tipos de conhecimentos que se quer dar ênfase e o tipo de currículo que pode promover tal efeito:

“[...] qual o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade? Será a pessoa racional e ilustrada do ideal humanista de educação? Será a pessoa otimista e competitiva dos atuais modelos neoliberais de educação? Será a pessoa ajustada aos ideais de cidadania do moderno Estado-Nação? Será a pessoa desconfiada e crítica dos arranjos sociais existentes preconizadas nas teorias educacionais críticas? A cada um desses “modelos” de ser humano corresponderá um tipo de conhecimento, um tipo de currículo” (SILVA, 1999, p.14).



Quando se pensa nestas questões percebe-se que no fundo das teorias do currículo está uma questão de identidade, ou de subjetividade, e que o currículo acaba por “determinar” o que as pessoas são. Mas na contemporaneidade o currículo vem sendo estudado em suas abordagens pós-formais, pós-críticas e pós-estruturalista, as quais se articulam uma crítica ampliada e indexada às pautas teóricas e agendas propositivas multiculturais e desconstrucionistas que hoje circulam no mundo.

De acordo com Macedo (2009) essas visões vão possibilitar uma maior ampliação participativa no que concerne à reflexão do campo curricular, desestabilizando a linearidade de análise e propostas, tentando colocar um ponto final nas perspectivas hierarquizantes que configuram historicamente as compreensões e práticas do currículo.

Por isso vale mencionar a proposta do modelo curricular por competências a partir da análise de Silva (2008), que reflete sobre o trabalho e as tendências no âmbito profissional. Assim, ela afirma que o debate contemporâneo em torno das demandas de profissionalização, sobretudo no que se refere à estruturação do modelo de competências, tem-se reportado a uma apropriação das teorias da competência. Ou seja, trata-se de tendências que se firmaram nos anos 1990 em termos de qualificação profissional, com vistas a formar o trabalhador contemporâneo, e vêm-se constituindo em objeto de investigação no campo da Economia e da Sociologia do Trabalho e, nestas teorias, tem ocupado lugar de destaque o chamado “modelo de competências” (SILVA, 2008:63)

A constituição desse novo padrão sustenta-se em alicerces que demarcam uma nova base técnica do trabalho e se caracteriza pela reestruturação produtiva, a adoção de novas tecnologias que utilizam da microeletrônica no processo de produção e de circulação de mercadorias e serviços. Essas novas demandas, em termos de formação do trabalhador exigem currículos com novas habilidades, tais como capacidade de pensamento autônomo, uso do raciocínio lógico, criatividade, responsabilidade e compromisso, e capacidade e disposição de estar constantemente informado e atualizado, assim como desenvolvimento de capacidade de aprender constantemente, facilidade de adaptar-se às mudanças, domínio das diferentes formas de comunicação, etc. (SILVA, 2008).

Considerando todas essas novas e amplas relações de conhecimentos e necessidade de se desenvolver tantas habilidades, pode-se inferir que hoje se vive uma crise com relação às lógicas disciplinares que secularmente se organizaram em torno do

currículo. Já está evidente, conforme dito anteriormente, que a perspectiva disciplinar fragmentou o currículo, organizou a perspectiva moderna de olhar o mundo de forma polarizada, separando elementos inseparáveis, porque a disciplina ensinou desse modo.

Diante da crise de paradigma da contemporaneidade quando a desconstrução da percepção disciplinar e a sua organização curricular são evidentes, há uma nova demanda formativa por métodos que possibilitem uma visão relacional do mundo que atenda a emergência da Cibercultura, por exemplo (LEVY, 1999). Porém, o *habitus* disciplinar e sua força simbólica constituem-se numa estrutura significativa que dificulta as iniciativas não disciplinares. Nesses termos “a nossa hipótese é que o *habitus* e o *ethos* disciplinares por muito tempo ainda guiarão as concepções e implementações curriculares” (MACEDO 2009:50).

No campo da educação, através de uma visão pós-formal sobre a perspectiva disciplinar do currículo, tentativas são feitas para criar dispositivos de diálogo entre as disciplinas e uma das propostas é a interdisciplinaridade. A noção chave para esse conceito é a interação entre as disciplinas, que pode começar com a simples comunicação de idéias até a integração mútua dos conceitos, da terminologia, da metodologia e dos procedimentos (FAZENDA, 2003). Os trabalhos da professora Ivani Fazenda e seu Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade (GEPI) da Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP) são muito apropriados para entender o acolhimento, os limites e a amplitude dessa perspectiva curricular.

Embora as pesquisas sobre interdisciplinaridade sejam mais comuns nos níveis de ensino básico e fundamental, o ensino universitário encontra as mesmas problemáticas sobre a questão e a sua pedagogia se beneficiaria muito da possibilidade de interação e inter-conhecimento com trabalhos pedagógicos baseado em projetos interdisciplinares, o ensino por problematização, por temas geradores, etc. Ou seja, são dinâmicas pedagógicas que fazem as disciplinas confluírem interativamente. Vale pontuar que apesar de algumas superações dos métodos formais de ensino, a interdisciplinaridade traz em seu conceito, dialeticamente, a necessidade de se levar em consideração, ainda, a disciplina.

Já a perspectiva transdisciplinar por seu turno, traz uma lógica bastante diferente da conhecida, porém, de compreensão bastante complexa e polêmica, que será tratada aqui de forma não finalizadora, mas na tentativa de se conhecer todas as possibilidades curriculares abertas na contemporaneidade.

O conhecimento transdisciplinar se caracterizaria por ser *in vivo*, ao invés de *in vitro*. Para entender a diferença, deve-se pensar a realidade como formada por vários níveis descontínuos, as referências, medidas e leis de um deles não servem para abordar os outros. Do mesmo modo nenhum desses patamares constitui um lugar privilegiado de onde se pode compreender completamente todos os outros lugares de realidade (NICOLESCU, 1999). Entretanto, todos esses lugares existem e atuam juntos para que a realidade seja como é. Portanto, há um nível de percepção para cada nível de realidade. Quando os diferentes níveis de percepção se integram coerentemente, no sujeito que percebe, há um aumento da consciência.

Essa abordagem científica da perspectiva transdisciplinar da educação visa à unidade do conhecimento e desta forma, procura articular uma nova compreensão da realidade relacionando elementos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade. Apesar das críticas relacionadas aos modelos transdisciplinares, o que os pensadores almejam talvez seja o enfrentamento ético-político, epistemológico e formativo das questões humanas e planetárias que em larga escala atingem as pessoas, a sociedade e suas ecologias, elementos que a lógica disciplinar não absorve mais (MORIN, 2007).

Nos termos curriculares, a idéia não é impor uma perspectiva transdisciplinar totalizante, mas reconhecer o seu potencial elucidativo e formativo. Dessa forma Macedo entende que “[...] o currículo transdisciplinar trabalha com as sínteses possíveis, com as relações possíveis, porque contextuais, históricas e políticas, sínteses estas requeridas pelas problemáticas humanas e seus desafios” (MACEDO, 2009:55).

Essa perspectiva transdisciplinar para o currículo pode encontrar eco, se analisada do ponto de vista da Cibercultura, como conceito que colabora na reflexão sobre as tecnologias digitais e sua influência nos processos educativos e no ensino do jornalismo, por exemplo, e as relações sociais que vêm se transformando a partir dela, pois se estima que nos espaços virtuais (ciberespaço), acontece a mesma experiência *in vivo* do pensamento transdisciplinar e onde a realidade pode ter vários níveis de percepção e ao mesmo tempo se interagem coerentemente.

Dessa forma, a chegada das tecnologias da informação e da comunicação nos cenários educacionais obriga, de alguma forma, o campo do currículo e as práticas curriculares a entrar no mérito das possíveis mediações estruturantes que essas

tecnologias podem implementar, e mesmo na natureza do contexto cultural e sociopolítico que produzem a partir da Cibercultura.

Implicações pedagógicas do enfoque transdisciplinar na comunicação, por exemplo, não devem ser traduzidas em termos somente de diversidade de disciplinas, mas como uma perspectiva transversal ao disciplinar, utilizando as tecnologias digitais e seus produtos como suporte, por exemplo. A tarefa mais importante seria a de desenvolver um pensamento, mudar o eixo da lógica para transdisciplinar.

Uma perspectiva dessa abordagem seria estudar um mesmo objeto a partir de várias disciplinas para mostrar o que elas têm para dizer sobre o objeto, com a finalidade de demonstrar as vantagens de uma "transdisciplinaridade metodológica" e, simultaneamente, para contrastar os resultados com a especificidade comunicacional, entendida como um olhar científico transversal (Red Icod, 2006).

A transdisciplinaridade busca o que Morin (2007) chama de *unitas multiplex*, ou seja, a unidade na multiplicidade. Mas essa unidade não é fixa, um somatório perfeito, mas algo plural, considerando a complexidade das partes evidentemente, realizando diferentes configurações. Mas muito antes que se possa alcançar o estágio transdisciplinar do conhecimento Michael Apple (2006) vai indagar sobre o que o currículo faz com as pessoas. Ele vai criticar a perspectiva neutra do currículo e afirmar que o currículo é uma opção formativa que traz consigo ideologias e formas instituintes de poder, pautadas na opção de formar para legitimar e perpetuar as relações de classes estabelecidas pelas sociedades capitalistas, sem que isso seja na maioria das vezes explicitado.

Em suas elaborações críticas Apple (1985) levanta os seguintes questionamentos: por que se elegem determinados conhecimentos como importantes e outros não? Que interesses orientam a seleção desses conhecimentos e a concepção do currículo? Quais são as relações de poder envolvidas nesse processo que resultou nesse currículo particular?

Importante ressaltar o já assinalado pelos investigadores da Red Icod (2006), no sentido de que a rápida expansão dos meios digitais apanhou de surpresa as instituições de ensino universitário para os profissionais de comunicação. O ritmo acelerado transmitido pela tecnologia a todas as atividades sociais deixou os cursos de comunicação em desencontro com o campo profissional, pois nascidos, em alguns

casos, há três ou quatro décadas, as licenciaturas em Comunicação foram pensadas para um tipo de profissional e de mercado que podem estar em vias de extinção. Neste contexto, a incorporação de conteúdos digitais nos currículos tradicionais de Comunicação decorreu de forma aleatória, sem que as competências exigidas pela sociedade digital tenham sido claramente definidas.

Em grande parte dos casos, o digital aparece nos planos curriculares sob a forma de disciplina de meio ou final de curso (Jornalismo Digital, Comunicação Multimídia, etc). Porém, a realidade demonstra que já não existem meios de comunicação não digitais: atualmente, os profissionais da comunicação trabalham imersos num ambiente de forte conteúdo tecnológico que influencia toda a rotina produtiva e não apenas o produto final (imprensa, rádio, televisão, etc.). Ao se compreender esta mudança no fato social influenciando o currículo, entende-se que os conteúdos digitais devem ser distribuídos nos planos de estudo dos cursos de comunicação, em vez de serem relegados para os últimos anos da formação.

Devido a esse cenário novo e singular no campo do ensino da comunicação (digital), percebe-se que o jornalista, sobretudo, se a questão é o jornalismo digital e a convergência midiática, há de pensar em uma formação específica não só para o jornalismo impresso, de TV e rádio, mas também para algum cibermeio, que provavelmente poderá utilizar todos os recursos anteriores, além das suas próprias características.

As faculdades de jornalismo devem formar um profissional que se caracterize por (CALVO, 2006), entre outras características, conhecer a estrutura informativa dos meios, produzir informação em tempo real, assumir vários papéis, dominar a internet também como fonte de informação, ser um gestor da informação, saber redigir para a internet, utilizar ferramentas de software, trabalhar em equipe e explorar a interação midiática e se colocar disponível para atualizações constantes.

Essas habilidades, somadas as já tradicionais que requerem a profissão de jornalismo, se somam ao perfil requisitado ao jornalista contemporâneo e esses novos elementos contribuem amplamente para a necessidade de se construir um currículo que caiba nas necessidades não só do jornalismo digital, mas também na formação geral do jornalista, seja qual for a sua especialidade. Obviamente que esta transformação não é uma tarefa fácil e exige um trabalho mais profundo e extenso que envolve muitas questões relacionadas à profissão do jornalista e do próprio ensino do jornalismo.

## 1.2 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E AS OUTRAS/NOVAS MANEIRAS DE SE ESTRUTURAR O CURRÍCULO.

As tecnologias digitais potencializaram novas maneiras de se estruturar o currículo. Incitam novas problemáticas éticas, políticas, epistemológicas e pedagógicas curriculares, embora, como qualquer contexto técnico, isso não signifique, necessariamente, avanço social e tampouco educacional, porém, de alguma forma, “obriga” o campo do currículo e as práticas curriculares a entrarem no mérito das possíveis mediações que essas tecnologias podem implementar (FAGUNDES; BURNHAM, 2004).

Essas novas tecnologias apontam para soluções diferentes quando se pensa na democratização da educação e na diversidade de configurações e modos de relações com o conhecimento, numa realidade que vem desafiando as percepções tradicionais do que é, e de como se produz em um ambiente de trabalho, do desenvolvimento da cultura, das novas configurações da informação e da comunicação.

As tecnologias atuais, que favorecem a conexão entre as redes, aumentam a interatividade de ampla conectividade, o que alarga os níveis de contato e, portanto, de possibilidades informativas. Ou seja, “diante de tanta proximidade com a diferença, a aprendizagem com o outro é enriquecida de forma significativa” (MACEDO, 2009:109). Esse ponto de partida demanda a construção de um currículo em rede, que é bem definido por Santos (2005) nos seguintes termos:

“Diante do paradoxo entre a natureza do ciberespaço, rede, e as produções lineares encontradas no mesmo, torna-se urgente discutir outras dimensões de comunicação para que novas ações sejam materializadas, sobretudo no campo do currículo e da educação. Um currículo em rede precisa ser instituído. A rede tem centros instáveis, configurados por compromissos técnicos, estéticos e políticos. Seus elementos circulam e se deslocam de acordo com as necessidades e problematizações dos sujeitos. Dessa forma, tanto professores quanto estudantes podem ser autores e co-autores de mensagens abertas e contextualizadas pelas diferenças das suas singularidades [...]. O currículo em rede exige comunicação interativa onde saber e fazer transcendem as separações burocráticas que compartimentalizam a autoria, quem elabora, quem ministra, quem tira as dúvidas e quem administra o processo da aprendizagem” (SANTOS, 2005, apud MACEDO, 2009:109).

Idéias como a de Santos certamente se fundamentam em alguns princípios da Cibercultura, muitos deles preconizados por Lévy (1999), em que o saber-fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva mudam profundamente os dados dos problemas da educação e da formação. Para Lévy, os percursos e perfis de competências singulares e cada vez menos lineares não conseguem ser canalizados em programas curriculares ou cursos que sejam válidos para todos.

Analisando-se a situação a partir desse ponto de vista, devem-se construir novos modelos de currículos para o espaço do conhecimento em rede, digital e interativo. Partindo desse pressuposto tecnológico, qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na Cibercultura deve ser fundada em uma análise prévia da transformação contemporânea da relação com o saber. Assim no pensamento de Lévy:

“ Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos, no lugar de uma representação social em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em níveis, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo aos saberes ‘superiores’, a partir de agora deve-se preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva (LEVY, 1999:158).

Mesmo que as idéias de Lévy busquem um modelo ideal de formação na Cibercultura, propondo duas grandes reformas nos sistemas de educação e formação, conceitos que serão explicados mais detalhadamente adiante, Macedo (2009) chama a atenção para o fato de não se enaltecer o discurso simplista de um currículo em rede que seja desprovido de hierarquia, pois se estaria afirmando que o poder não faz parte da relação com o saber, o que evidentemente os fatos históricos comprovam que não é verdade.

Outra característica da Cibercultura que pode atualizar o currículo é o hipertexto. Um currículo vivido como um hipertexto, por exemplo, configura-se como uma maior abertura para a formação multi-referencial na medida em que o hipertexto é concebido como uma inter-relação de vários textos e/ou narrativas. Se as redes possibilitam dialogar num cenário polifônico ampliado, múltiplas linguagens convergem para uma formação que disponibiliza a pluralidade de forma rápida e em tempo real. “Quanto mais diversidade e referências diferentes, mais possibilidades terá o participante da

formação de construir seu próprio ponto de vista” (SANTOS, 2005, apud MACEDO, 2009:112).

Em termos práticos, fica bem evidente a necessidade de uma reformulação para um novo currículo de jornalismo também pensado do ponto de vista do digital transversal. Nesse sentido, é possível analisar as propostas de Pierre Lévy para um novo estilo de pedagogia que favoreça ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede, e por isso fica mais fácil entender a necessidade e lógica da mudança. Obviamente que, para tornar essas aprendizagens coletivas em rede, e ao mesmo tempo personalizadas, deve-se levar em consideração a adequação do ensino às necessidades pedagógica de cada ambiente de formação.

Lévy (1999), como foi citado anteriormente, propõe duas grandes reformas necessárias aos sistemas de educação e formação. Mesmo que possam parecer idealistas para o contexto da educação atual no Brasil, frente aos problemas diversos a serem superados pela sociedade brasileira, ainda assim contém elementos que inegavelmente fazem parte da nova cultura emergente, a Cibercultura. A primeira sugestão trata da aclimatação dos dispositivos e do espírito do EAD (ensino aberto e à distância) ao cotidiano da educação. Segundo Lévy (1999) a EAD explora certas técnicas de ensino a distancia, incluindo as hipermídias, as redes de comunicação interativas e todas as tecnologias intelectuais da Cibercultura. Nesse caso a pedagogia deve favorecer ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede.

Essa metodologia híbrida de utilizar recursos de EAD nas aulas presenciais foi muito bem sucedida através da disciplina ‘Oficina Comunicação Escrita’ do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) oferecida no ano de 2009<sup>6</sup> e ministrada pelo professor e pesquisador em Jornalismo Digital, Marcos Palacios. É importante ressaltar que a plataforma de ensino a distância disponível na UFBA também é usada por outros professores do curso, mas por acompanhar o desempenho desta disciplina pude verificar os bons resultados. O curso de jornalismo da FACOM é totalmente presencial, porém os recursos de EAD, através da plataforma de ensino a distancia Moodle<sup>7</sup>, foram incorporados às aulas do

---

<sup>6</sup> A autora desta dissertação, neste ano citado, executou atividade de Tirocínio Docente pelo Póscom /UFBA, junto ao professor Marcos Palacios na disciplina Oficina de Comunicação Escrita quando pôde fazer as observações relatadas.

<sup>7</sup> Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (Moodle) é um software livre, de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual. O moodle pode ser instalado em várias plataformas que



professor Palacios permitindo o acompanhamento do desempenho dos estudantes fora dos horários das aulas presenciais com a postagem de textos e outros materiais multimídias referentes às atividades da disciplina e mensagens dirigidas por parte do professor.

Com este recurso tecnológico o professor pode, ao mesmo tempo em que monitora algumas atividades dirigidas, estimular seus alunos a participarem da dinâmica da rede do ambiente de aprendizado virtual, promover fóruns, pesquisas online, listas de discussões, aprendizado coletivo, etc. Este exemplo serve para ilustrar os recursos didáticos que as plataformas de EAD oferecem em programas pedagógicos com o uso de tecnologias digitais e nesse contexto pode-se observar a viabilidade da proposta de Lévy quando diz que o professor “é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimento”(1999, p.158).

A segunda reforma proposta por ele diz respeito ao reconhecimento das experiências adquiridas.

“Se é verdade que as pessoas aprendem com suas atividades sociais e profissionais, e a escola e a universidade perdem progressivamente o lugar formalizado e o monopólio da criação e transmissão do conhecimento, os sistemas públicos de educação poderiam assumir uma nova missão, como mediador social: a de orientar os percursos individuais no saber e contribuir para o reconhecimento dos conjuntos de saberes pertencentes as pessoas, neste pacote, incluído os saberes não acadêmicos (LEVY, 1999, p. 158).

Para o pesquisador, ferramentas não faltariam no ciberespaço, já que se colocam disponíveis vastos bancos de dados digitalizados que oferecem redes de transações entre oferta e procura de competências, por exemplo. Organizando a comunidade entre empregadores, indivíduos e recursos de aprendizagem de todos os tipos, as

---

consigam executar a linguagem php tais como Unix, Linux, Windows, MAC OS. Como base de dados podem ser utilizados MySQL, PostgreSQL, Oracle, Access, Interbase ou ODBC. Seu desenvolvimento é de forma colaborativa por uma comunidade virtual, a qual reúne programadores, designers, administradores, professores e usuários do mundo inteiro e está disponível em diversos idiomas. [http://moodlelivre.com.br/o\\_que\\_e\\_moodle/](http://moodlelivre.com.br/o_que_e_moodle/)

universidades do futuro contribuiriam assim para a animação de uma nova economia do conhecimento (LEVY, 1999)<sup>8</sup>.

O que se observa de concreto no campo do currículo relacionado à aprendizagem de competências é que a antiga relação com a competência era territorial e substancial, ou seja, os indivíduos eram reconhecidos por seus diplomas, que por sua vez eram vinculados ao conteúdo programático das disciplinas. Os empregados eram identificados por postos de trabalho que na maioria das vezes não correspondiam às profissões dos trabalhadores. A tendência para o futuro parece ser a de gerenciar processos, os seus trajetos e cooperações. Assim parece ser também a tendência para o profissional de jornalismo, por exemplo. Além disso, com a potencialização das ligações em rede as diversas competências adquiridas pelos indivíduos, feito por percursos singulares, próprios, estão alimentando a memória coletiva e a maior parte dela sendo armazenado no ciberespaço.

Com tantas mudanças de eixo na Cibercultura relacionadas à educação, formação e comunicação são urgentes as críticas e a criação de novas propostas de educação que contemplem a ressignificação da autoria do professor e do estudante como co-autor. O currículo em rede exige a comunicação interativa onde saber e fazer transcende as separações burocráticas que compartimentalizam a autoria em quem elabora, ministra, tira dúvidas e quem administra o processo da aprendizagem. Então é preciso investir na formação de novas competências em comunicação.

O currículo na era das tecnologias digitais tem como desafio integrar e coordenar grupos heterogêneos num programa multirreferencial em rede que permita que as competências dos sujeitos sejam solicitadas/ressignificadas no processo como um todo, onde a gestão dos saberes não se limite apenas à produção dos recursos/conteúdos, mas ao acompanhamento do processo que ganha potenciais co-autores, os discentes.

Esta breve incursão no campo das teorias do currículo serve para contextualizar as dificuldades de adaptação pedagógica dos cursos de jornalismo à realidade instituída pela emergência e generalização das tecnologias digitais. Nossa intenção não foi

---

<sup>8</sup> Em seu livro “Cibercultura”(1999), Levy desenvolve com mais profundidade as idéias que defende, propõe soluções práticas para elas como as “árvores do conhecimento”, mas que não serão expostas aqui por motivo de fugir ao tema proposto neste texto.

estabelecer qualquer orientação normativa prévia, mas simplesmente situar as discussões e possíveis caminhos abertos por pesquisadores para melhor podermos apreciar os alcances e limitações observados nas situações concretas dos cursos de comunicação que fazem parte de nosso corpus neste trabalho.

## **2.0 DIRETRIZES CURRICULARES PARA O CURSO DE JORNALISMO.**

### **2.1 CENÁRIOS ATUAIS DO JORNALISMO**

Como já assinalamos, no final do século XX e início do XXI o mundo vivencia uma situação de acelerada difusão das tecnologias digitais de informação, produzindo novos ordenamentos sociais, comportamentos culturais e relações de poder, fortalecendo os movimentos considerados periféricos. O poder agora emana também das redes de troca de informações e de manipulação de símbolos que estabelecem relações entre atores sociais, instituições e movimentos culturais (Castells, 1999).

O Jornalismo entrou nesse ambiente em estado de crise (MEYER , 2004). Antes de se olhar para o futuro, é preciso se recuperar – ainda que rapidamente - o que se entende por jornalismo para em seguida passar-se a uma avaliação do que se vem realizando, na prática dos cursos de comunicação, no que diz respeito ao ensino de novos modelos de pesquisa, apuração, difusão e consumo de notícias que correspondam aos novos modelos de negócios que se fazem possíveis nas novas plataformas de difusão.

Marques de Melo (1985) assinala que o Jornalismo é um processo social que se articula a partir da relação entre organizações formais no âmbito da comunicação e seus públicos. Já na opinião de Traquina (2008), Jornalismo pode ser explicado pela frase que é a resposta a pergunta que as pessoas fazem todos os dias “o que é que aconteceu/está acontecendo no mundo? No Timor, no meu país, na minha terra?” (p.20). Ao longo dos séculos, as pessoas têm desejado serem informadas sobre o que as rodeia, usando a lente do jornalismo para se manterem atualizadas com os últimos acontecimentos. Pode-se dizer, emprestando a idéia de Traquina (2008), que os jornalistas são os modernos contadores de histórias da sociedade moderna e contemporânea, em comparação aos antigos contadores de ‘estórias’ do período pré-moderno.

E desde que o ser humano começou a se comunicar de forma consciente, na produção de formas simbólicas e na transmissão desses elementos para as outras pessoas, os indivíduos geralmente empregam um meio de comunicação técnico. Esse meio técnico da comunicação é o elemento material com que, ou por meio do qual, a

informação ou o conteúdo simbólico é fixado e transmitido do produtor para o receptor (THOMPSON, 2009). O Jornalismo é um desses “meios técnicos” modernos no processo social que se articula a partir das relações entre as organizações comunicacionais e seus públicos, pois assegura a transmissão de informações, mesmo que sob a égide de interesses e expectativas com seus universos culturais ou ideológicos próprios.

Nesse contexto moderno de comunicação das representações sociais, o processo comunicacional da transmissão de informação, em parte, girava em torno do jornalista, da noção passiva de atualidade e da espera dos acontecimentos para serem relatados pelos profissionais da informação. Só aconteciam fatos que fossem noticiados pelo jornalista (*gatekeeping*), e sob sua decisão do que seria notícia (*framing*). O estado de crise se instala, porém, quando da superação de tais conceitos pela nova realidade na contemporaneidade, que está sendo moldada no ambiente criado pelas modernas tecnologias de produção e difusão de informações.

Os fenômenos das tecnologias digitais também trouxeram um aspecto que se não novo, é altamente potencializado e caracterizado pela convergência tecnológica, empresarial, profissional e de conteúdos com reflexos na estrutura do trabalho do jornalista. Como consequência é clara a reconfiguração das funções jornalísticas.

Diante dessa avalanche de mudanças, preocupações sobre o futuro do jornalismo, sobretudo do ensino, voltam a mover o ambiente acadêmico que busca entender os processos de mudanças, com o intuito de orientar, qualificar e formar profissionais de jornalismo condizentes com a nova cultura que as tecnologias digitais estão introduzindo. Isto porque o mercado da comunicação, e, sobretudo, as empresas jornalísticas têm vivenciado, desde 2005, (CORRÊA, 2008) uma onda de reconfiguração liderada pela integração de diferentes redações especializadas num único espaço multimídia de produção de conteúdos para múltiplas plataformas e audiências, como parte daquilo que se convencionou designar por “processos de convergência midiática”.

Processos de convergência midiática e seus efeitos sobre a produção jornalística são temas centrais nas discussões acadêmicas em nossa área, mas nesta dissertação não adentraremos pelas diversas questões que tais processos suscitam.

Para os propósitos desta dissertação será operacionalmente estabelecido um conceito sobre o que é convergência midiática e a proposta do professor e pesquisador da área de comunicação da Universidade do Sul da Califórnia, Henry Jenkins é bastante pertinente. Ele define convergência como o fluxo de conteúdos que circula através de múltiplos suportes midiáticos, acontece em uma cooperação entre os muitos mercados midiáticos e se refere também ao comportamento migratório do público dos meios de comunicação de massa que vai a busca da experiência do entretenimento que deseja. Além disso, Jenkins afirma que “convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando” (2006:43).

Evidentemente que os estudos teóricos sobre a convergência não se caracterizam pelo consenso de estabelecer uma definição para o conceito, como bem assinala Machado (2010).

Para Silva Júnior (2008) esse debate ainda está no começo, e ele chama a atenção para o fato da convergência midiática apontar também para ações de reestruturação de práticas, dinâmicas e organização de atividades no campo da mídia, no estabelecimento de fluxos de conteúdos e informações. Deve-se ainda considerar a importância do fenômeno da convergência dos formatos, dispositivos e modalidades de discursos criados a partir das tecnologias digitais, defendendo que o debate deve ser ampliado, no sentido de contemplar uma percepção mais aguda da questão da convergência em outros contextos de produção de conteúdo jornalístico.

O mais importante a se ressaltar aqui é que convergência não é, portanto, um fenômeno acabado, porém em curso e que, portanto, seu desenvolvimento e efeitos devem ser continuamente acompanhados, desde o ponto de vista daqueles que se dedicam à preparação profissional dos futuros jornalistas.

Para o professor de jornalismo e diretor do site *The Knight Center for Digital Media Entrepreneurship* da Universidade do Arizona, Dan Gilmor (2010), considerado o atual panorama de convergência, os jornalistas do futuro devem assumir determinadas características adquiridas em sua formação, que ele propõe nos seguintes termos, citando apenas algumas:

- Acabar com a diferença entre o jornalismo impresso, de tv e rádio e o online, já que estes estão se fundindo. Gilmor enfatiza que a nova geração já nasce imersa nessas tecnologias, portanto é desnecessário diferenciá-las.

- Na pós-graduação estimular o aprofundamento em conhecimento de áreas específicas e com isso melhorar e certamente ampliar o campo jornalístico.

- Incentivar e exigir, em alguns casos, a multidisciplinaridade e o aprender fazendo. Criar parcerias em torno da universidade, trabalhando com empresas de engenharia / ciência da computação, cinema, ciência política, direito, design e muitos outros programas. Os objetivos seriam tanto desenvolver os próprios projetos, como também para ser uma comunidade com recursos essenciais para o futuro da mídia local.

- Ensinar aos alunos não apenas os conceitos básicos de mídia digital, mas também o valor dos dados disponibilizado na rede e da programação para o seu trabalho futuro. Isso não significa necessariamente que eles precisam se tornar programadores, mas sim, saber se comunicar com os programadores.

- Incluir no currículo o ensino de estatística e pesquisa básica, pesquisa e metodologia científica também são fundamentais.

- Incentivar uma agenda de investigação, com as ligações entre e para as questões de mídia de hoje é essencial. Mais do que nunca, precisamos de dados concretos e análises rigorosas.

- É importante incentivar nos estudantes de jornalismo aprender a entender sobre conceitos de negócios, especialmente os relativos à comunicação social. E este item, afirma Gilmor, não é apenas para modificar a negligência de longa data sobre questões de negócios na comunicação, mas também para reconhecer que os estudantes de hoje estarão entre as pessoas que desenvolvem modelos de negócios do jornalismo no amanhã.

- Fazer do empreendedorismo uma parte essencial do ensino de jornalismo. Os profissionais de jornalismo têm que reagir rápido as mudanças, ser flexível e estar sempre, sempre atento as mudanças de circunstâncias.

- Um outro instrumento de valorização do ensino do jornalismo consiste em ajudar as pessoas a apreciarem o valor do jornalismo ético, e das mídias

locais de todos os tipos, não apenas a mídia tradicional. O objetivo é trabalhar com pessoas da própria comunidade, novas mídias e organizações locais. Assessorar e treinar jornalistas cidadãos para compreender e aplicar os princípios e boas práticas e mostrar que uma boa formação pode ajudar nessa construção de conhecimento.

Todas essas demandas de qualificações e competências, segundo Gilmore (2010), sugerem uma missão consideravelmente maior para as faculdades de jornalismo e programas do que os existentes no passado. Sugere também uma enorme e única oportunidade de renovação para as escolas de jornalismo. Muitos pesquisadores em jornalismo consideram que ao contrário de se acreditar no fim do profissional de jornalismo existe uma tendência que a necessidade deste tipo de formação se torne imprescindível para a sociedade da informação nas mídias de tecnologia digitais.

## 2.2 O DESAFIO PEDAGÓGICO DE FORMAR JORNALISTAS

Os pioneiros da profissão certamente reconheciam a necessidade de cuidar da formação intelectual dos jornalistas no Brasil e foi a partir da década de 1960 que ter passado pelos bancos universitários passou a ser um pré-requisito para exercer a profissão. Foi durante a gestão do Ministro da Educação Jarbas Passarinho, em governo militar, que se instituiu a obrigatoriedade do diploma universitário para o exercício profissional do jornalismo, uma dificuldade a mais para a prática do jornalismo profissional pelos militantes políticos opositores (KOSHIYAMA, 2008).

Atualmente existem mais de 300 cursos superiores de jornalismo em universidades e outras instituições de ensino superior em todo o país (MELO et al, 2009). Historicamente, esses cursos beneficiaram-se do acervo pedagógico legado pelos idealizadores do modelo de ensino de jornalismo brasileiro do empresário Cásper Líbero<sup>9</sup>, em São Paulo e Danton Jobim, no Rio de Janeiro. Eles pensaram e projetaram

---

<sup>9</sup> Casper Líbero (1889-1943) jornalista brasileiro, fundador do jornal Última Hora na cidade do Rio de Janeiro e criador da primeira agência de notícias de São Paulo, a 'Agência Americana'. Em 1918 tornou-se diretor e proprietário do vespertino A Gazeta, modernizando-o e transformando-o num dos maiores órgãos de imprensa da época. (Nota da autora)



estruturas didáticas sintonizadas com as experiências consolidadas em outros países, porém destinadas a formar profissionais para atuar nas empresas jornalísticas do Brasil.

Segundo Melo et al. (2009), Danton Jobim promoveu o debate sobre como educar jornalistas profissionais com os professores de outros países (França, Estados Unidos e América Latina). Seu esforço para construir uma pedagogia brasileira de jornalismo foi continuado por Luiz Beltrão<sup>10</sup>, na cidade do Recife, onde implantou um modelo alternativo para regiões menos desenvolvidas. O resultado do empenho de Jobim foi recompensado ao ser chamado a compartilhar dessa inovação com outros países latino-americanos.

Na seqüência histórica, outras universidades do país aperfeiçoaram e consolidaram tais métodos e processos de ensino-aprendizagem (MOURA, 2002). As conseqüências desses esforços refletiram na criação de um modelo pedagógico do currículo de jornalismo brasileiro mesclado ao padrão europeu (estudo teórico) com o modelo americano (aprendizagem pragmática), com o objetivo de consolidar uma via crítico-experimental de ensino-pesquisa.

Atualmente o debate sobre currículo do jornalismo retoma algumas questões que sempre foram muito polêmicas na pedagogia do jornalismo, por exemplo: o Jornalismo é uma profissão reconhecida internacionalmente, regulamentada e descrita como tal no Código Brasileiro de Ocupações do Ministério do Trabalho, e está classificada como uma habilitação da área da comunicação social. Já a Comunicação Social não é uma profissão em nenhum país do mundo, mas sim um campo que reúne várias diferentes profissões (MEDITSCH, 1999; TRAQUINA, 2008).

A Comunicação é também uma área acadêmica que engloba diversas disciplinas específicas, como ocorre também em outras áreas das ciências aplicadas como, por exemplo, a da Saúde, que reúne em seu âmbito as profissões (e respectivas disciplinas) de Medicina, Odontologia, Enfermagem, Fisioterapia, etc. Desta forma os especialistas na área de pedagogia do jornalismo consideram inadequado o Jornalismo como

---

<sup>10</sup> Luiz Beltrão (1918-1986) Pioneiro da pesquisa científica sobre os fenômenos comunicacionais nas universidades brasileiras, fundador do Instituto de Ciências da Informação, primeiro centro acadêmico nacional de estudos midiáticos, e da revista *Comunicações & Problemas* (Universidade Católica de Pernambuco, 1963). Primeiro Doutor em Comunicação do Brasil (UnB, 1967). Sua obra ganhou reconhecimento nacional e prestígio internacional, nos âmbitos do jornalismo e comunicação de massa. (Fonte: <http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/luizbeltrao.htm>)

habilitação da Comunicação Social, uma vez que esta, como profissão, não existe, assim como não existe uma profissão genérica de Saúde.

O equívoco não se origina nas diretrizes curriculares nacionais em vigor. Anteriormente a elas, a mesma organização já estava prevista nos Currículos Mínimos “do Curso de Comunicação Social”, emanados do Conselho Federal de Educação a partir de 1969. Desde então, os Currículos Mínimos de Comunicação Social substituíram os Currículos Mínimos “do Curso de Jornalismo” adotados até então (MOURA, 2002).

Ocorre que, no contexto da ditadura militar, o Brasil adota, como obrigatório, o modelo de ensino da Comunicação Social proposto então pela UNESCO para o Terceiro Mundo, com a intenção de substituir todas as profissões do campo da Comunicação historicamente existentes (Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Editoração, etc) por uma profissão de “novo tipo”, a de ‘Comunicador Polivalente’. O aniquilamento das profissões consolidadas no campo era então justificado com o argumento do Terceiro Mundo não necessitar do jornalismo tal qual o existente nas sociedades desenvolvidas, mas sim de uma outra forma de Comunicação Social, voltada ao desenvolvimento econômico e educacional. Conforme o mesmo raciocínio, só uma vez alcançado este desenvolvimento, é que então se justificaria a existência do Jornalismo nas sociedades antes subdesenvolvidas (MELO, 1974)

Tal formulação teórica foi evidentemente forjada no contexto da Guerra Fria, segundo Melo (1974), quando a maior parte das nações ao Sul do Equador se encontrava sob controle ditatorial e não podia admitir a existência de uma prática profissional da Comunicação baseada na liberdade de expressão, no direito à informação e na fiscalização do poder.

Como seria de se esperar, a proposta do ‘comunicador polivalente’ para substituir as profissões existentes foi rechaçada fortemente pelos meios profissionais e acadêmicos no Brasil. A conciliação, encontrada, em uma época de pouca liberdade de expressão, foi a de criar o Curso de Comunicação Social com diversas habilitações, em que a formação das profissões consolidadas se daria ao lado de mais uma: a do ‘profissional polivalente’. Com o tempo, a proposta do comunicador polivalente foi esquecida, por naquele momento não encontrava respaldo nas demandas sociais, e esta habilitação deixou de aparecer nas versões posteriores do currículo mínimo obrigatório. No entanto, sobreviveu desta proposta a concepção do Curso de Comunicação Social,

com as formações profissionais específicas estruturadas como suas Habilitações (MOURA, 2002).

A manutenção dessa estrutura se explica em parte pela dinâmica interna da área acadêmica das Ciências da Comunicação. A *Comunicação de Massa* (depois *Comunicação Social*, atualmente *Ciências da Comunicação*), como área científica, tem origem nos anos 40 do Século XX, no contexto da Segunda Guerra Mundial como não podia deixar de ser, já que foi momento de grandes transformações e consolidação da importância da comunicação enquanto elemento de ampliação de poderes.

O Departamento de Estado dos Estados Unidos reuniu acadêmicos de diversas áreas para auxiliarem na mobilização do esforço de guerra e no enfrentamento do uso que Hitler então fazia dos meios de comunicação de massa para os seus propósitos. As respostas a estes problemas chamaram a atenção para a necessidade de um novo campo estruturado de estudos, e a partir desta constatação foi fomentada a criação dos primeiros doutorados em Comunicação de Massas nos Estados Unidos (ROGERS, 1997, apud MELO et al, 2009).

Internacionalmente, a área acadêmica de Jornalismo é mais antiga: o primeiro curso de graduação surge nos Estados Unidos em 1908, e o primeiro doutorado na década de 1920. Quando do aparecimento da Comunicação, décadas mais tarde, várias escolas de Jornalismo já existiam, e as duas áreas e suas respectivas concepções de cursos passaram a funcionar em paralelo, conforme as opções das diversas universidades, situação que em alguns casos perdura até o presente. Mais comum, no entanto, foi a reunião de ambas, e dos demais cursos pré-existentes do mesmo campo profissional, como Publicidade e Relações Públicas, em Faculdades de Comunicação de Massa, que compreendiam vários cursos independentes, voltados para os diversos ramos profissionais, modelo que se propagou e tende a prevalecer internacionalmente até o presente.

Foi com este modelo que a Comunicação chegou inicialmente ao Brasil, por meio do projeto da Faculdade de Comunicação de Massas da Universidade de Brasília (UnB) elaborado por Pompeu de Souza e Darcy Ribeiro em 1963, englobando três escolas com perspectivas distintas, as de Jornalismo (indústria da informação e opinião), Rádio-TV-Cinema (indústria da recreação e arte) e Publicidade e Propaganda (indústria da sugestão e da persuasão). Mas essa distinção só perduraria apenas até 1969, quando o

Currículo Mínimo Obrigatório extinguiu as identidades específicas dos cursos da UnB e de todo o Brasil (MELO et al, 2009)

A questão é ainda muito polêmica dentre analistas da área de Comunicação, mas, segundo algumas opiniões, a imposição do Curso de Comunicação Social de modelo único, em substituição ao Curso de Jornalismo, tiveram conseqüências prejudiciais para a formação universitária dos jornalistas. Ocorreu o desaparecimento de conteúdos fundamentais, como Teoria, Ética, Deontologia e História do Jornalismo, ou sua dissolução em conteúdos gerais da Comunicação, que não respondem às questões particulares suscitadas pela prática profissional.

“Mas o jornalismo não pode ser guiado por objetivos de publicidade, relações públicas ou mero entretenimento” acredita Melo et al (2009:13). Decorre daí o grave problema da ruptura entre a teoria e a prática nos cursos de comunicação, falha esta que, quarenta anos depois, ainda não foi solucionada de maneira adequada: por se voltarem inicialmente a um outro tipo de profissional, as disciplinas teóricas do currículo mínimo imposto abandonaram as referências fundamentais para a prática do jornalismo, quando não se voltaram contra elas.

Contudo, com o abandono do projeto de formar o comunicador polivalente, nos cursos, posteriormente a teoria não retornou às questões suscitadas pelas habilitações profissionais específicas, como seria o esperado. Ganhou, em vez disso, crescente autonomia em relação às práticas da comunicação, na direção de se tornar uma disciplina estritamente crítica, da área das Ciências Humanas, e não mais da área das Ciências Aplicadas. Em conseqüência, passou a não reconhecer legitimidade no estudo voltado ao exercício profissional, desprestigiando a prática, ridicularizando os seus valores e se isolando do mundo do jornalismo, especialmente nas universidades públicas, onde o interesse em formação teórica predominou.

A partir desta perspectiva (MEDITSCH, 1999; MELO et al, 2009), o conteúdo profissional do curso de jornalismo passou a ser caracterizado como “meramente técnico” e destituído do interesse teórico. Por outro lado, a teoria da comunicação evoluiu desvinculada do exercício da profissão, focada numa crítica geral da mídia, mas em muitos casos sem compromisso com o diálogo para uma intervenção prática na mesma.

Os cursos de jornalismo atualmente se estruturam no modelo curricular teórico-prático. Esta característica advém de longa polêmica profissional e acadêmica, se a formação do jornalista deve ser teórica ou prática. O professor Nelson Traquina (2008) há muito defende uma formação teórica sobre a prática do jornalismo e sustenta que o ensino tecnicista da profissão deveria oferecer algo mais do que apenas a “tarimba” que caracteriza o aprendizado da profissão na prática. Para Traquina o que deveria distinguir a formação universitária seria o estudo teórico dessa prática. Já para Meditsch (1992) que se reporta a experiência de Paulo Freire, um educador vinculado à pedagogia crítico-social relacionado à tendência dinâmico-dialógica, afirma que o espírito crítico é inerente a profissão de jornalista, assim como a competência técnica e nesse aspecto, ele acredita que os cursos de comunicação que ensinam jornalismo precisam se transformar ao mesmo tempo em cursos de ‘conhecimento do jornalismo’ e ‘sobre o jornalismo’.

Toda a teoria tratada nesse curso precisa estar alicerçada na prática para, de um lado, não se perder do objeto e, do outro, transformar a visão da profissão de técnica para tecnológica, para interferir nessa prática, acredita Meditsch (1992, apud MOURA, 2002). O importante, contudo, é que a atividade do jornalista é caracterizada como abrangente, embasando as áreas de relações públicas e publicidade e propaganda e que essas duas habilitações, assim como o jornalismo, são decorrentes das necessidades do mercado, exigidas pela sociedade, e não de discussões teóricas a respeito de suas origens (MOURA, 2002). Enfim, desde o surgimento dos primeiros cursos de jornalismo até hoje, os jornalistas tem tido dificuldades em afirmar a profissão como um campo acadêmico com as suas especificidades (LOPES, 1989).

As conseqüências? O jornalismo demorou a encontrar o seu lugar numa universidade pouco preparada para recebê-lo e ainda menos preparada para entender as suas necessidades específicas, pois um curso de jornalismo não é um curso de letras ou de humanidades, embora exija eficácia e eficiência lingüística, referentes humanísticos e capacidade de ler o mundo, tão pouco é um curso de ciências sociais e humanas, embora exija competências científicas para analisar o mundo e obter e processar informação; também não é um curso de tecnologia, apesar de requerer muitas competências tecnológicas que transcendem o uso básico de um computador, por exemplo (SOUSA, 2004).

Para Sousa (2004) um curso de jornalismo deve ser analisado, primeiramente, como um curso de técnica, pois jornalismo é essencialmente técnica, “no sentido de ser uma engenharia de produção e gestão de informação e conhecimento ” (p. 04).

Em função desses problemas de acomodação acadêmica e não sabendo como integrar o jornalismo nesta ambiência, os responsáveis pela estruturação curricular situaram o jornalismo no universo da comunicação, das humanidades e das ciências sociais e humanas, um campo potencialmente quase ilimitado e que, por sua vez, também pode ser abordado segundo múltiplas perspectivas, explica Sousa (2004) com as seguintes justificativas: “as próprias disciplinas da área do jornalismo diluem-se num conjunto de disciplinas de filosofia, ciências humanas e sociais, línguas e outras de uma maneira tal que se torna difícil a definição clara dos objetivos educacionais desses cursos” (p. 04).

Uma importante questão é apontada por Sousa (2004) sobre a pedagogia do jornalismo criticando a política de avaliação universitária, cada vez mais baseada em “indicadores acadêmicos” em que o número de doutores, de livros e artigos publicados, participações em congressos com comunicação, número de projetos de investigação realizados, etc., são priorizados em detrimento aos indicadores pedagógicos e técnicos, como a implantação de novos e mais performativos modelos de ensino, com recursos laboratoriais condizentes às tecnologias disponíveis aos profissionais de jornalismo no mercado de trabalho.

Não são poucos, portanto, os questionamentos sobre a educação universitária dos jornalistas. Neste campo, são muitas as perguntas formuladas que podem e devem ser colocadas. Uma delas é se deve privilegiar uma formação centrada nas demandas das tecnologias digitais, no âmbito das comunicações que permita aos estudantes enveredar por uma carreira em qualquer área dessa especialidade? O privilégio de uma formação específica do jornalismo com componentes tecnicizantes deve ser valorizado?

Essas e outras questões a cerca da formação do jornalista e de como deve ser o currículo em tempos de tecnologias digitais voltam à pauta das discussões sobre o ensino do jornalismo alavancadas pelas práticas do jornalismo digital que ao ser inserido nos programas dos cursos, trouxe a necessidade urgente de se repensar todo o processo, já que está em suspenso até quando as universidades conseguirão sustentar as antigas modalidades de ensino para modelos novos de representação do jornalismo. Esse fato, entretanto não impediu que o jornalismo digital adentrasse as portas da

Universidade e cursos de jornalismo, promovendo, se não uma ‘revolução’ curricular, a partir das novas tecnologias, muitas mudanças que serão relatadas no próximo tópico.

Nos últimos anos, as áreas acadêmica e profissional do Jornalismo apontaram para o desmembramento das diretrizes comuns e a retomada do curso específico como caminho para a solução desses problemas. Em abril de 2006, o 9º. Encontro do Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo aprovou uma resolução recomendando ao Ministério de Educação que, em razão da maturidade teórica e do reconhecimento social de sua importância, os Cursos de Jornalismo deveriam constituir graduação específica em Jornalismo e não mais uma habilitação dos cursos de Comunicação Social. Poucos meses depois, o 32º. Congresso Nacional dos Jornalistas, realizado em Ouro Preto, em julho de 2006, aprovou uma resolução no mesmo sentido.

No plano internacional, a UNESCO revisou sua posição, reconhecendo a importância do jornalismo para o desenvolvimento das nações e a consolidação das democracias, ao recomendar curso com foco específico e não mais atrelado a outras áreas da comunicação. Assim, em 2007, um novo modelo de currículo, com tais indicações, foi apresentado no I Congresso Mundial sobre o Ensino de Jornalismo apoiado pela entidade e realizado em Cingapura pelo Centro Asiático de Informação e Comunicação Midiática (UNESCO, 2007).

A iniciativa da UNESCO se dá no contexto de uma série de outros acontecimentos que sinalizam a retomada do estudo específico do Jornalismo, em nível internacional, nesta virada de século. A partir do ano 2000, foram criadas novas revistas acadêmicas em língua inglesa, com circulação internacional, como *Journalism: Theory, Practice and Criticism*, *Journalism Studies* e *Journalism Practice*, e as principais associações internacionais de pesquisadores da comunicação, como a International Communication Association (ICA) e a International Association for Media and Communication Research (IAMCR), criaram sessões próprias para debater o Jornalismo. Países europeus que por muito tempo relutaram em criar Escolas de Jornalismo em suas universidades, como Itália e Grã-Bretanha, revisaram esta posição a partir dos anos 1990 (MELO et al, 2009).

No Brasil, com uma das mais antigas e sólidas tradições teóricas no campo, este movimento foi acompanhado pelo lançamento de um Programa de Qualidade do Ensino de Jornalismo no âmbito da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), que reúne as entidades sindicais; pela criação da Associação Brasileira de Pesquisadores de

Jornalismo (SBPJor), que congrega os acadêmicos; e também do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), que congrega os docentes.

No âmbito destas entidades e das instituições de educação superior, surgiram novas revistas (como *Brazilian Journalism Research*, *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, *PJ:BR – Jornalismo Brasileiro*, *Estudos em Jornalismo e Mídia*; *Pauta Geral*, etc) e voltou a ser valorizado o estudo de questões específicas do jornalismo na pós-graduação, com a criação de grupos e linhas de pesquisa especializadas em programas consolidados e o ressurgimento de um programa *stricto sensu* especializado em Jornalismo, que havia desaparecido do panorama brasileiro em anos passados.

Em nosso entendimento, estas iniciativas não representam um rompimento com a área acadêmica maior da Comunicação, mas antes a sua revitalização, pelo fortalecimento de sua diversidade e dos vínculos com as práticas sociais e culturais que a originaram, justificando a sua existência.

### 2.3 TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CURRÍCULO: AUTONOMIA E/OU TRANSVERSALIDADE?

No campo educacional é muito comum se encontrar projetos pedagógicos arrojados no que se referem ao uso das tecnologias digitais da comunicação. O objetivo é tentar vencer as limitações do sistema de ensino tradicional e oferecer à sociedade a imagem de modernidade tão esperada por todos. Mas os programas pedagógicos e a construção de matrizes curriculares de Comunicação parecem ainda pouco permeáveis as discussões dessas mudanças estruturais, embora esteja em andamento a mudança do currículo dos cursos de comunicação pelo Ministério da Educação até o fechamento desta dissertação. Assim, a despeito da aparente influência da pedagogia relacionada a projetos – com os projetos interdisciplinares dos quais muitos recursos tecnológicos são acionados para a criação de produtos, segundo alguns modelos educacionais vigentes-, a postura pedagógica a ser trabalhada e assumida ainda é, freqüentemente, pouco dialógica.

É bom que se diga que este tipo de lacuna na formação, não se limita ao ambiente de aprendizagem acadêmico do jornalismo. No caso dos cursos de jornalismo,



o resultado dessas opções de ensino muitas vezes tem sido a formação de profissionais acostumados com processos verticais de tomada de decisão, com limitada receptividade às propostas colaborativas das novas formas de comunicação e pouco, muito pouco empreendedorismo. Ou seja, muitos desses projetos pedagógicos desperdiçam a oportunidade de proporcionar aos participantes uma experiência efetivamente democrática, cidadã e afinada com as necessidades contemporâneas.

Para os estudantes de jornalismo, quando este fato acontece, o risco é o de permanecerem desparelhados para lidar com um contexto em que a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão está sendo revista, redações trabalham com cada vez menos pessoas, a interatividade viabilizada pela informática torna os leitores (com suas críticas e contribuições) cada vez mais próximos e em que blogs, sites e redes sociais tornam-se importantes veículos de informação e circulação de idéias (MARIANO, 2010).

Mas é provável também que esses mesmos projetos reúnam pistas (e provavelmente reúnem) indicando caminhos possíveis para a formação de jornalistas empreendedores, por meio dos seus próprios equívocos e acertos. É imprescindível que os professores se habilitem a lidar com o número cada vez maior de estudantes que chegam para a formação universitária com domínio das técnicas digitais, mas não sabem direcionar esses conhecimentos para competências e habilidades que se requer de um profissional de jornalismo. E mesmo que digitalmente alfabetizado, ainda assim carente de técnicas e conhecimentos que o capacite a ser um webjornalista, por exemplo.

Se por um lado o campo acadêmico se esforça para acompanhar as tendências tecnológicas da atualidade, por outro, no campo profissional, as mídias tradicionais (jornais, revistas, rádio, TV) convergem rapidamente para os novos suportes digitais, integrando conteúdos de texto, áudio e vídeo em portais na internet ou oferecendo serviços por assinatura – agências de notícias, personalização de conteúdos, que podem ser distribuídos através de computadores ou telefones móveis, canais digitais pagos de TV e rádio, por exemplo.

Cada vez mais, veículos impressos e eletrônicos usam a Internet para difundir material jornalístico e publicitário em suportes diversos. Emissoras de TV e rádio,

jornais diários e revistas semanais atualizam sítios em tempo real, possibilitando o consumo de notícias em múltiplas temporalidades e plataformas. Veículos impressos divulgam vídeos e áudios de entrevistas, enquanto redes de televisão oferecem transcrições de reportagens ou a íntegra de documentos e estações de rádio põem câmeras no estúdio e criam webtv's. Dentro dessa nova lógica produtiva, as empresas e organizações de comunicação buscam, crescentemente, profissionais aptos a lidar com informações em suas mais diversas formas contemporâneas, numa efetiva perspectiva multimidiática.

Embora as transformações pareçam longe de chegar ao fim, pode-se afirmar que um novo sistema de comunicação surge, não para substituir os já existentes, mas complementar, com novas formas de transmissão de dados. Um sistema no qual decrescem os custos de criação, produção, edição e distribuição de produtos editoriais e aumenta, por um lado, a concentração de mercados nas mãos de conglomerados privados, embora, paradoxalmente, surjam também nichos de mercado para novos competidores, incluindo pequenas e médias empresas.

Essa reordenação da indústria da comunicação impõe uma reflexão sobre a capacidade dos cursos de graduação em Comunicação de formar profissionais aptos a lidar com uma nova realidade em constante movimento. A disseminação das tecnologias digitais chega de modo desigual às salas de aula, e com diferenças impressionantes se considerarmos as diversas regiões de um mesmo país.

Grandes centros urbanos tendem a contar com escolas mais bem estruturadas, em que as novas ferramentas tecnológicas são empregadas de modo decisivo no processo de ensino-aprendizagem. Agências de fomento são severas com instituições de ensino superior desprovidas de laboratórios devidamente equipados para as aulas práticas dos alunos, mas, pelo menos no Brasil, raros são os casos em que discentes contam com infra-estrutura realmente apropriada para a realização de trabalhos práticos.

Uma das possíveis explicações para este fato se dá pelas visões dicotômicas em relação à composição curricular, opondo o fazer jornalístico e a teorização acadêmica, que marcam as disputas políticas internas nos cursos de Comunicação oferecidos no Brasil, desde a década de 1980. Mais do que resultado de possível desarticulação nas matrizes curriculares, esta divisão dos docentes entre as trincheiras “teoria” e “prática”

origina-se de perspectivas equivocadas, que desconsideram as necessárias articulações entre os âmbitos de formação profissional (BRAGA, 2007).

É preciso pensar o currículo de graduação como uma oportunidade para realizar, articuladamente, diversos fazeres sobre um mesmo tipo de objeto. Nesse ângulo, o objeto complexo que exigiria aquela variedade de atividades seria o processo da mediação efetivamente existente enquanto fenômeno social – envolvendo as práticas profissionais, a recepção que é prevista e a que é dada aos produtos dessas práticas, e os processos críticos e de interação social, segundo os quais tais produtos circulam entre as pessoas e retornam, ou não, ao âmbito da produção. O objeto inclui também – é claro – as condições de produção e as condições de reconhecimento, na sociedade, do que se produz e o que circula; os contextos sociais, políticos e culturais em que cada tipo de produção se desenvolve e passa a ser trabalhado pela sociedade (MARIANO, 2010).

Nesse contexto, ainda que se mantenha a divisão entre teoria e prática dos conteúdos curriculares, se dá inexoravelmente o processo de incorporação do jornalismo digital nos planos de ensino-aprendizagem, e dos elementos das tecnologias digitais em todo o programa de ensino dos cursos de jornalismo. Obviamente que os usos destes elementos são aplicados de forma diferenciada por cada professor e instituição, e também de acordo com os objetivos programáticos de cada disciplina. Mas o que queremos aqui enfatizar é que as tecnologias digitais perpassam por todo o ensino da comunicação, ultrapassando com muita habilidade o dilema curricular da importância da prática versus a teoria na formação profissional.

A incorporação da cultura das tecnologias digitais aconteceu de forma variada nas disciplinas, seja de forma específica e pontual, através de produtos digitais como recurso didático-pedagógico, pelo recurso das teorias com o estudo das mudanças culturais promovidas pelas tecnologias digitais, ou através de recursos técnicos com o uso de ferramentas digitais (software, hardware) para a elaboração de produção laboratorial em rádio, TV e impressos. Enfim, a certeza é que a cultura do digital já foi incorporada aos programas pedagógicos, e mesmo que de forma desequilibrada, conduzida como elemento imprescindível na educação profissional dos estudantes de comunicação.

Mas como o objetivo aqui é enfatizar a educação dos jornalistas, vale ressaltar que o processo de incorporação do jornalismo digital nos programas curriculares não foi algo tão fácil, natural e planejado quanto se gostaria, embora não tão difícil, já que a

função de webjornalista se impôs em decorrência das demandas de mercado e os cursos de jornalismo precisaram se adequar a nova realidade que exigia a presença do jornalismo digital assim como das tecnologias digitais nos programas dos cursos. Mas se pudéssemos sintetizar quais e quantas são as barreiras da implantação do jornalismo digital nos programas e da cultura das tecnologias digitais nos currículos, esta seria denominada *burocracia*, sobretudo quando se trata de instituições públicas (que são consideradas referência em pesquisa e extensão no Brasil). Na burocracia está contida a dificuldade de modificar os programas de ensino, a necessidade de atualização por parte dos docentes, a dificuldade de se estabelecer um modelo pedagógico para o jornalismo digital, a falta de coordenação entre professores e disciplinas, e, sobretudo, a falta de estrutura técnica (CALVO, 2006).

Enfim, quando se trata sobre um enfoque transversal ou pontual a respeito do uso das tecnologias digitais entre docentes e disciplinas dos cursos de jornalismo, para além da disciplina jornalismo digital, fica constatado que o uso dessas tecnologias existe nas disciplinas, perpassando por todas elas de forma pontual, quando necessário, através de recursos técnicos digitais disponíveis em sala de aula, ou nos laboratórios de informática, de rádio, TV, impresso e até mesmo nas disciplinas teóricas pelos usos de recursos pedagógicos modernos como blogs, educação a distância, aprendizado teórico, etc.

Porém, considerando tudo o que foi levantado anteriormente neste tópico, um enfoque transversal nos programas pedagógicos que incluísse a cultura do digital permitiria que o estudo do jornalismo digital e das práticas laboratoriais convergentes se realizasse simultaneamente em diferentes disciplinas. Certamente que este aspecto transdisciplinar exigiria coordenação entre docentes de diferentes disciplinas para determinar os conteúdos de cada uma delas, podendo com essa metodologia garantir um estudo mais completo e profundo, não só do jornalismo digital, mas do campo jornalístico como um todo, já que atualmente é ambientado em um cenário onde as tecnologias digitais e toda a construção cultural e social da comunicação se alteram em função dessas tecnologias.

### **3.0 ENSINO DO JORNALISMO, PRODUÇÃO LABORATORIAL E CONVERGENCIA NA ERA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**

#### **3.1 O PIONEIRISMO DA UFBA NO ENSINO DO JORNALISMO DIGITAL**

A parte final deste trabalho está direcionada para a perspectiva do ensino do jornalismo a partir da produção laboratorial digital. Através da observação das atividades laboratoriais digitais e de seus produtos foi possível fazer uma análise dirigida e exploratória de mapeamento e diagnóstico do ensino do jornalismo digital na cidade de Salvador, suas práticas e inserção nos currículos dos cursos.

A metodologia utilizada para a ação exploratória foi desenvolvida coletivamente no âmbito do Projeto PROCAD 049/2007 (Programa Nacional de Cooperação Acadêmica) “Ensino do Jornalismo na Era da Convergência Tecnológica: Metodologia, Planos de Estudo e Demandas Profissionais”, do qual sou participante. O PROCAD 049/2007 envolve quatro universidades (UFBA, USP, UFSC e TUIUTI-PARANÁ), que por sua vez se debruçam em estudos específicos de faculdades e cursos de jornalismo localizados nas capitais dos estados de suas respectivas áreas de inserção geográfica (Salvador, São Paulo, Florianópolis e Curitiba).

Uma das constatações foi que os produtos laboratoriais do jornalismo se diversificaram com a implantação, nos programas disciplinares, das ferramentas digitais para a comunicação.

O corpus da investigação são as faculdades de jornalismo (e respectivos programas) que integram as pesquisas da Rede PROCAD em Salvador: UFBA, Dois de Julho, Faculdade Social da Bahia, UNIME, Estácio/FIB. A amostra pode ser considerada representativa por incorporar cursos públicos e privados, em diferentes estágios de implantação, já que criados em diferentes momentos do processo de expansão do ensino do jornalismo na capital baiana.

Várias questões foram levantadas em busca de reconhecimento dos processos de transformação pelo qual passa o ensino do jornalismo e do jornalismo digital. Uma das principais questões trata da convergência. Será que os meios digitais oportunizaram a

convergência das mídias nas práticas laboratoriais dos estudantes de jornalismo? Como são criados, desenvolvidos e mantidos os produtos laboratoriais digitais? Como se dá a inserção desses produtos nas disciplinas? Eles ainda se restringem as disciplinas ligadas apenas ao jornalismo digital ou se expandem para outras disciplinas?

Os resultados dessa pesquisa, se não surpreendentes, demonstram um descompasso entre o ensino do jornalismo e o mercado de trabalho no que se refere à produção laboratorial e convergência.

Paralelamente ao debate, no interior da área de Comunicação, quanto às especificidades da formação jornalística, que descrevemos no capítulo anterior, o jornalismo – enquanto atividade social - atravessa tempos de transformações. Uma das mais importantes está marcada pela emergência e uso crescente da internet que começou a ser explorada como suporte midiático na década de 90 do século passado. O uso dessa plataforma pelo jornalismo promoveu mudanças em cadeia e transformações a todos os demais meios de comunicação, principalmente os de massa, como o jornal impresso, o rádio e a televisão.

Os usos da internet não se limitaram apenas a ser um veículo para difusão de informação. Ampliaram as ferramentas de pesquisa e investigação de informações, alargou a interatividade com as fontes e o público e criou uma nova modalidade de jornalismo que ainda está em pleno tempo/espço de transformações, o jornalismo digital.

Com a internet, cresceu também a tendência para a segmentação da informação (PALACIOS, 2002), pois permite produção e consumos personalizados de conteúdos. Porém, esse modelo de comunicação segmentada e com possibilidade de personalização, convivendo com os meios de comunicação massiva, ainda está no processo, e a despeito dos esforços do meio acadêmico para estudar e compreender esses fenômenos, propondo meios de lidar com essas transformações, não se desenvolve tão rapidamente como se desejaria.

Mesmo com toda a “lentidão” da academia em absorver as mudanças, no campo do jornalismo verificou-se uma alteração na educação na tentativa de absorver os novos elementos e incorporar a realidade que se apresenta. Muitos elementos se cruzaram, na teoria e nas atividades práticas, com o jornalismo digital nos programas disciplinares das faculdades de jornalismo.

Mas antes de discorrer sobre os resultados da pesquisa realizada pelo PROCAD relativo a produção laboratorial digital, o ensino do jornalismo digital em Salvador e as questões da convergência, é necessário discorrer de forma mais pontual sobre as mudanças que ocorreram na atualização dos currículos dos cursos de jornalismo. A análise realizada foi baseada nos dados da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, pois, como será explicado posteriormente, esta instituição de ensino é considerada uma referencia quando se trata de mudanças no programa pedagógico por seu pioneirismo no ensino do jornalismo digital no Brasil e serve como diretriz para outras faculdades de jornalismo, sobretudo dos cursos da cidade de Salvador. Fica, entretanto, aberta a possibilidade de ampliação das informações aqui analisadas para uma pesquisa de maior amplitude no que diz respeito a relação dos temas currículo, tecnologias digitais e mudanças nos cursos de jornalismo.

Foi a liberação do serviço comercial de provimento para a internet (ISP), em 1995, que desencadeou os primeiros estudos do jornalismo digital no Brasil. As primeiras experiências desta nova prática jornalística vinham da região sul e sudeste e teve nos jornalistas Sergio Charlab e Rosental Calmon Alves, do Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, os primeiros a colocarem o conteúdo completo de um jornal impresso na internet brasileira (SCHWINGEL, 2007).

No mesmo período os professores pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Marcos Palacios e Elias Machado, implantaram uma disciplina optativa para o estudo do jornalismo online, no curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação em forma de laboratório e que veio a se tornar, dois anos depois, em uma das primeiras disciplinas obrigatórias de Jornalismo Digital nos currículos das universidades brasileiras.

As mudanças trazidas pelo jornalismo digital vão sendo introduzidas de maneira gradual e sem diretrizes centralizadas, de acordo com estudos de Schwingel (2007). Evidentemente que havia, nos cursos, uma considerável diferença entre as diversas instituições de ensino, tanto no grau quanto na forma de incorporação na adoção do currículo para as demandas do mercado do jornalismo digital. As matrizes curriculares foram sendo atualizadas e a experimentação em laboratórios para a produção de produtos online, apoiados pelas tecnologias digitais era um desafio.

O caso da UFBA tem grande importância neste relato, não só pelo caráter de pioneirismo na introdução do ensino do jornalismo digital, mas também pelo fato de

que as primeiras experiências com a disciplina de ‘Jornalismo Digital’ na UFBA, em 1995, adotarem uma metodologia baseada na produção de um jornal laboratório online com carga horária de quatro horas semanais. Os estudantes eram introduzidos à Linguagem HTML e produziam o jornal fazendo a programação com utilização dos códigos HTML. Além disso, tomavam conhecimento e analisavam criticamente as edições comerciais do jornalismo online já então existentes, mas a ênfase era, desde o início, em uma inserção prática, através do modelo laboratorial.

Para tratar do tema ‘produtos laboratoriais digitais nos cursos de jornalismo’ procedo inicialmente a uma revisão sobre a importância – e as limitações - dos produtos laboratoriais na concepção do ensino do jornalismo, desde o período anterior à emergência das tecnologias digitais, e seu papel na preparação do estudante para ser profissional de jornalismo e atuar no mercado de trabalho.

### 3.2 LUGAR DOS ESPAÇOS LABORATORIAIS: UM HISTÓRICO

No Brasil, por tradição, o jornalismo era em seus primórdios uma atividade paralela de intelectuais, políticos, professores, bancários, funcionários públicos, ou seja, todos que tivessem habilidades com a escrita e em geral se envolviam com a política. Os poucos que realmente trabalhavam com jornalismo, enquanto primeira carreira, não tinham boas condições de trabalho e eram precariamente remunerados.

A profissionalização no jornalismo como a única, ou pelo menos a principal fonte de ganhos financeiros para seus trabalhadores, no Brasil, inicia-se nos 1950 do século XX, se consolidando nos anos 1960 (KOSHIYAMA, 2008). Essa profissionalização, como foi dito anteriormente, advém das primeiras escolas de comunicação no Brasil que foram instituídas a partir de 1943, e que tem neste ano a inauguração do primeiro curso de jornalismo no sistema de ensino superior.

Ocorreu que a formação acadêmica do jornalista enfrentou durante muitos anos o desafio da interação de disciplinas teórico- prática. Os primeiros jornalistas diplomados, afirma Melo (1988), acumularam conhecimentos sobre rotinas jornalísticas, mas tal conhecimento não foi proveniente da vida acadêmica. “Faltaram às pioneiras escolas de jornalismo os laboratórios didáticos capazes de propiciar treinamento para os processos de captação, redação e edição dos fatos cotidianos” (MELO apud LOPES, 1989, p.12).



A prática jornalística dependia, fundamentalmente, da incorporação dos jornalistas às empresas de comunicação, como estagiários ou geralmente de maneira informal, como “focas”, como eram chamados no jargão das redações, muitas vezes sem qualquer remuneração.

A renovação do ensino no jornalismo acontece com a introdução de atividades laboratoriais que reproduzem, no curso, os modos de produção pertinentes aos meios de comunicação da época. Em 1978 o Conselho Federal de Educação criou, através de Resolução (nº 03/78), a obrigatoriedade da prática laboratorial de produção jornalística para os alunos. A Resolução estabelecia que cada estabelecimento mantenedor de curso de Comunicação Social deveria possuir equipamentos mínimos como: redação modelo, oficina gráfica, sala de diagramação, laboratório fotográfico, de rádio, tele e cine jornalismo, hemeroteca (LOPES, 1989).

Quase desnecessário se faz assinalar que essas determinações não foram rigorosamente cumpridas e a falta de fiscalização do Ministério da Educação e Cultura (MEC), aliada ao não cumprimento das exigências para o funcionamento dos laboratórios pelas instituições de ensino, tornaram precário esse treinamento prático dos estudantes no ambiente acadêmico.

No entanto, ainda com todas as dificuldades e precarização do ensino laboratorial, os órgãos laboratoriais estudantis foram ganhando espaço, a despeito da polemica entre os defensores de uma formação jornalística mais humanística e os que lutavam por uma formação mais prática. Com a proibição do estágio profissional, a partir de 1979, a prática laboratorial ganha força e os cursos se vêem estimulados a introduzirem novas disciplinas práticas ampliando as atividades laboratoriais (LOPES, 1989).

Na opinião do professor Marques de Melo:

Ao jornal laboratório pode-se creditar uma mudança significativa na apreensão da competência profissional pelos jovens estudantes que optaram pelo ingresso no jornalismo através dos bancos universitários. Trata-se de uma experiência pouco conhecida fora do mundo acadêmico, cuja repercussão sociocultural começa a ganhar terreno em função de iniciativas duradouras realizadas pelas principais universidades brasileiras (apud LOPES, 1989:11).

A predição do Professor Marques de Melo foi bastante pertinente e com o passar do tempo e o amadurecimento das instituições e cursos de jornalismo, mais ainda na era das tecnologias digitais, a produção laboratorial deixa de ser um mero exercício escolar, confinado às paredes da sala de aula ou realizado para atender ao exercício prático-pedagógico dos estudantes, e se converte, em alguns casos, em uma atividade pedagógica socialmente relevante. Ultrapassou a noção de ensaio experimental para se tornar, muitas vezes, uma iniciativa factível de serviço comunitário e produção midiática alternativa.

Apesar disso, formar bons jornalistas destinados às empresas de comunicação, capazes de rapidamente se integrarem às rotinas da produção profissional, continua a ser um desafio para as Faculdades de Comunicação. Seguidas mudanças curriculares vem ocorrendo ao longo do tempo, e as tensões escola-mercado continuam ainda hoje. Em geral, as empresas de comunicação reclamam que os profissionais formados na Universidade saem despreparados para enfrentar o mercado de trabalho.

Luiz Beltrão (apud LOPES, 1989:14) enfatiza que as escolas de jornalismo têm como objetivo cumprir três funções primordiais: 1) formar profissionais para que seus conhecimentos atendam a demanda jornalística de coleta, redação, interpretação, seleção e apresentação da notícia com a utilização de métodos e processos condizentes com as tecnologias em vigor; 2) desenvolver e promover investigações e análises sobre os meios de comunicação embasados nos modernos métodos de investigação com o emprego do instrumental adequado; e 3) funcionar como um núcleo de renovação dos processos jornalísticos servindo de laboratório para experiências de exercício de texto e produção de conteúdo, ações e serviços que a comunidade espera encontrar nos meios de comunicação.

Os jornais produzidos enquanto exercícios laboratoriais nas faculdades de jornalismo constituem espaços que reúnem condições para convergir toda sorte de atividades e reflexões que articulem teoria e prática no ensino de jornalismo. Isso necessariamente não significa que o sejam, já que uma considerável parcela de docentes da atividade queixa-se, nos fóruns de professores da disciplina, de uma boa dose de indiferença que percebem existir entre docentes e discentes em relação aos produtos laboratoriais.

Ressalte-se ademais que a importância dos laboratórios não está apenas em sua função de colaborar na formação de jornalistas formatados para tarefas do mercado, mas

em seu papel de ‘espaço de experimentação’ e formação de análise crítica. Existe sempre o risco de uma definição demasiadamente estreita de tais funções com o perigo de institucionalização de um ensino excessivamente técnico e prático, voltado apenas para demandas de mercado, o que pode vir a se construir em uma distorção no processo ensino-aprendizagem em nível universitário. O importante não é a mera demonstração de como fazer, mas de experimentação crítica dos modelos jornalísticos dominantes e a criação de modelos alternativos ou modos de fazer alternativos.

### 3.3 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E OS ÓRGÃOS LABORATORIAIS.

Este impasse e tensão entre a formação teórica, a experimentação crítica e criação de modelos alternativos através das atividades práticas estende-se até hoje, e talvez de forma até mais contundente, já que a rápida expansão dos meios digitais apanhou de surpresa as instituições onde se preparam os futuros comunicadores.

Tanto na Europa como na América Latina, segundo a Rede ICOD (2006), os cursos de jornalismo rapidamente se defasaram quanto aos avanços do mercado no que diz respeito à incorporação das tecnologias digitais. As licenciaturas e bacharelados em comunicação foram pensados para um tipo de profissional e de mercado que rapidamente se modificam.

Em face da surpresa da rapidez das mudanças, a incorporação de conteúdos digitais nos currículos tradicionais de comunicação decorreu de forma aleatória, sem que as competências exigidas pela sociedade digital tenham sido claramente definidas (Red ICOD, 2006). Na maioria dos programas disciplinares, o digital ainda aparece nos planos curriculares sob a forma de disciplina do meio para o final do curso sob diversos nomes como Jornalismo Digital ou Online, Comunicação Multimédia, Webjornalismo, Oficinas de Jornalismo Digital/Online, etc. Porém, a realidade demonstra que já não existem meios de comunicação não digitais: atualmente, os profissionais da comunicação trabalham imersos num ambiente de conteúdo tecnológico que influencia toda a rotina produtiva e não apenas o produto final como o jornal, a revista, o rádio, a televisão, a internet, etc. Da mesma forma, os conteúdos digitais deveriam ser distribuídos nos planos de estudo dos cursos de comunicação, em vez de serem relegados para os últimos semestres do curso.

Observa-se ainda que os conteúdos pedagógicos apresentados por alguns cursos de comunicação no Brasil, a partir do ano 2000, apareciam ainda com alguns pontos de indefinição e questionamento, como por exemplo: (a) a não definição e uniformidade dos termos usados para o digital/eletrônico/online; (b) inconsistência de conteúdos nas diferentes fontes analisadas; (c) um conjunto de habilidades e competências coletivas ainda não identificadas e não crescidas no perfil profissional do comunicador diante do uso das tecnologias de informação e comunicação(TIC's); e (d) a dificuldade de construção de um conjunto de disciplinas básicas decorrentes das TIC's (CORRÊA; CORRÊA, 2004).

De maneira direta, colocava-se e ainda se coloca a pergunta: que perfil profissional os cursos de Comunicação deveriam visar com o advento das tecnologias de comunicação e informação?

A questão resolve-se apenas com a inclusão de disciplinas básicas ou demanda uma completa reestruturação curricular diante da abrangência de uso das tecnologias digitais, da convergência mediática e dos novos formatos de gestão? Quais as necessidades de capacitação docente para enfrentar essa mudança de modelos? Quais as necessidades de estrutura física e laboratorial para o ensino adequado as tecnologias relacionados à comunicação? Como seria o equilíbrio entre técnica (práxis), habilidades gerenciais e base conceitual nessa formação? Seria realmente necessária a inclusão de mudanças curriculares e pedagógicas no ensino das diferentes habilitações da Comunicação Social?(CORRÊA; CORRÊA, 2004; Red ICOD, 2006)

Sabe-se que estudar os impactos de uma inovação tecnológica de ruptura e propor estruturas educacionais adequadas para resultar num perfil profissional competitivo exige uma boa dose de adaptabilidade de pesquisadores, educadores e discentes. O ambiente de aprendizagem, hoje, vivencia velocidade e instantaneidade. Observa-se o caráter não definitivo das práticas, a demora na consolidação de proposições, modelos e conceitos, e a instabilidade das decisões. Além disso, há que se considerar que tais mutações ocorrem a partir de uma variedade de tecnologias correlacionadas, envolvendo os campos das telecomunicações, da informática, das ciências da informação e da comunicação (SOUZA, 2004).

Os produtos gerados por estas ligações tecnológicas – e que provavelmente são utilizadas como ferramentas para o exercício da atividade comunicacional digital – passam por sistemas de armazenamento, softwares de publicação em ambientes

hipermídia, processamento editorial não-linear, sistemas de captura e edição de imagens e sons, indexação e recuperação de dados, sistemas de reconhecimento de padrão informativo de usuários, softwares inteligentes, etc., citando apenas uma parte das possibilidades tecnológicas à disposição do profissional de comunicação (CORRÊA; CORRÊA, 2004).

Mais do que conhecer e ter acesso aos produtos das tecnologias digitais o profissional de comunicação deverá adquirir habilidade de aplicação dos produtos e a competência de gestão das inovações decorrentes. Os critérios de adequação de uso das técnicas digitais às ações comunicativas ainda não estão claramente definidos, ou melhor, estão ainda em construção. Corrêa e Corrêa (2004) exemplificam: pelo lado das empresas de mídia se verifica ainda extremos que vão desde a simples transposição para a web do conteúdo produzido para o meio impresso, até produtos digitais concebidos exclusivamente para públicos específicos com ênfase no valor agregado à informação. E esse processo é ainda válido até hoje. Na comunicação empresarial, por exemplo, ainda hoje se encontram sites institucionais que nunca foram atualizados desde o seu lançamento e, portanto, sem valor comunicacional, até interessantes criações de relacionamento com o mercado através do meio digital.

Assim, os diferentes usos da Comunicação, decorrentes das mudanças tecnológicas, têm reflexos claros no campo do ensino e formação profissional, que ficam evidentes quando nos deparamos com dilemas e inadequações como disciplinas denominadas jornalismo digital ou online e afins que oferecem programas diversos e, em alguns casos, colocam sob o mesmo prisma o ensino de técnicas de html, manuseio de software e recursos diversos com discursos de interatividade, e que se concentram apenas na criação e produção de produtos comunicacionais. Fica, portanto, relegada a um segundo plano (ou simplesmente inexistente) a preocupação em discuti-los e analisá-los criticamente, ou dedica-se pouquíssimo espaço para debater o seu planejamento, função social e integração à estratégia global de comunicação nas organizações, muitas vezes por falta de tempo durante o período do curso, ou por impossibilidade de promover a interdisciplinaridade dentro da própria instituição.

Outra questão a se colocar é que por muito tempo as empresas buscaram especialistas para atuar em suas áreas funcionais, porém a partir dos anos 1980 a característica profissional generalista começa a predominar. Talvez aqui se consolide e se observe em seus efeitos a formação polivalente desejada nas décadas anteriores. As

organizações queriam um trabalhador que pudesse atuar em qualquer área, o problema é que o custo da generalização impedia que o profissional se aperfeiçoasse em uma área. Hoje a busca é por um profissional multi-especialista – aquele que tenha característica generalista, mas domina em profundidade algumas áreas-chave da gestão empresarial.

Com isso, a realidade de gestão contemporânea busca combinar capacitações profissionais em condições de atuar em três diferentes níveis da organização (MAXIMIANO, 2000:77): (a) o nível técnico agrega pessoas/grupos que tenham conhecimentos e dominem métodos e equipamentos dentro de seus campos de especialidade; (b) um segundo nível requer habilidades e competências de atuação em entender, liderar e trabalhar com pessoas; (c) já no terceiro nível busca-se a habilidade conceitual – a capacidade de lidar e compreender a complexidade da organização como um todo e usar o seu intelecto para formular estratégias. Criatividade, planejamento, raciocínio abstrato e entendimento do contexto são manifestações da habilidade conceitual. Hoje não basta conhecer e agir dentro dos limites da própria empresa. É necessário conhecer e agir em seu segmento econômico e realizar ações que tornem todo o setor mais competitivo (SOUZA, 2004).

Para a pesquisadora e professora de jornalismo Melinda McAdams (2004) da Universidade da Flórida e pioneira do ensino de jornalismo online nos Estados Unidos, o primeiro dilema do educador para a comunicação da era digital é como priorizar e distribuir as disciplinas do curso entre o ensino de software, necessário para aumentar a sua empregabilidade, e o ensino das técnicas do jornalismo como reportagem, edição e pesquisa para a web. Para McAdams, as saídas do dilema estão em estabelecer previamente as seguintes questões:

- De fato resolver o dilema entre a prioridade do ensino de ferramentas de software ou teorias;
- Estabelecer se os alunos vão produzir uma publicação (produto) on-line como parte do curso de jornalismo digital;
- O curso a ser ministrado inclui algum tempo de laboratório, não usa laboratório, ou vai ser dado inteiramente em um laboratório de informática?
- Existem pré-requisitos em ciência da computação, tais como um curso de Internet básica?

Alguns jornalistas ainda acreditam que basta ensiná-los a escrever e saber encontrar uma notícia que a parte do aprendizado de software será na própria empresa.

Para a professora americana é preciso ter cautela quanto aos rumos a se seguir. Ela alerta que antes de seguir este conselho, de deixar o aprendizado da prática para quando o jornalista for ao mercado de trabalho, há que se pensar nos anúncios para cargos em organizações de notícias online. A autora deu exemplo de anúncios de empresas americanas. Aqui serão usados exemplos de empresas brasileiras. Vejamos alguns:

**Tipo de Profissional 1:**

Editorial – Jornalista

**Local:** São Paulo,SP

**Anúncio:** Procuramos uma pessoa dinâmica, que tenha noção de usabilidade e acessibilidade, analista de Quality Insurance Q.A, experiência comprovada na área.

**Requisitos:** não mencionado.

**Tipo de Profissional 2:**

Editorial : Webwriting / redator

**Local:** São Paulo,SP

**Anúncio:** Profissional com mais de 5 anos de experiência na área de publicidade. Formado em Publicidade, Letras ou jornalismo.

**Requisitos:**

Criativo com ótima redação publicitária

Revisor de textos

Bom relacionamento em equipe e espírito de liderança

Gerenciar e coordenar cronograma.

Inglês Avançado

Conhecimento dos programas gráficos(diferencial)

**Tipo de Profissional 3:**

Comunicação - Assistente

**Local:** São Paulo,SP

**Anúncio:** Período integral/efetivo. Profissional formado em jornalismo, marketing ou administração

**Requisitos:**

Inglês fluente, elaboração de pauta, coordenação de layout e revisão final das publicações da companhia, preparo de briefing para assessoria de imprensa, etc. Desejável bons conhecimentos de manipulação de imagens, editoração e estratégias online.

Domínio dos programas do pacote Office, Adobe Acrobat, Microsoft Publisher e conhecimentos de materiais gráficos.

**Tipo de profissional 4:**

Arquiteto da Informação

**Local:** Salvador, Ba

**Anúncio:** Período integral/efetivo. Profissional com curso superior em Desenho Industrial-Programação Visual(Design) (completo ou não), Comunicação, Biblioteconomia ou Jornalismo.

**Requisitos:**

Atuar com processos, classificação e ordenamento da informação, trabalhar em projetos de comunicação para internet contemplando temas familiares como usabilidade, acessibilidade, SEO, Web Metrics. Possuir visão multidisciplinar e conhecer os processos de construção de publicação para Web.Experiência em projetos para Web.

**Tipo de profissional 5:**

Marketing de Mídias Sociais

**Local:** Rio de Janeiro, RJ

**Anúncio:**, Analista/Jornalismo. Atuar na gestão do site institucional da empresa (gerenciamento de conteúdo), colaborar na alimentação de 4 blogs (1 de tecnologia, 3 de seguros), gerenciamento de mídias sociais para empresa e para colaboradores (twitter, orkut, facebook, linkedin, etc).

**Requisitos:**

Experiência na função.

Conhecimento de ferramentas (grátis ou não) para mídias sociais e blog;  
Design e html são diferenciais.

Quadro 2.0 - Anúncios de empregos para jornalismo retirados de sites de empregos.

Esses e muitos outros anúncios de vagas que absorvem jornalistas, assim como outras áreas profissionais, deixam evidente duas questões a serem discutidas e levadas em conta:

1ª questão: os recrutadores das organizações não conhecem as especificações de cada área do conhecimento para solicitar profissionais, buscando apenas atender a suas demandas com aquele profissional emblemático dos anos 1980, o “faz de tudo um



pouco”, mas no momento em que as dificuldades aparecem se contrata um especialista, ou

2ª questão: os bancos acadêmicos estão completamente fora de sintonia como o mercado, precisam se aproximar da realidade externa as instituições de ensino e atender com mais ênfase as demandas profissionais, quem sabe deixando o aprofundamento teórico para as pós-graduações?

Apesar dos considerados entraves, quanto à formação mais teórica ou prática, competências diversificadas podem dar ao jovem aspirante a jornalista um bom estágio ou um bom trabalho, na opinião da professora McAdms (2004). Se os alunos podem sair de um curso de jornalismo online, com pelo menos uma compreensão rudimentar de HTML e bastante conhecimento de Photoshop e Dreamweaver para construir uma página da Web básica com links e imagens, pode ser suficiente para abrir algumas portas que poderiam ser fechados para eles, acredita McADAMS (2004).

Nesse contexto faz sentido a importância de produção laboratorial dos estudantes quando estão nas cadeiras escolares, principalmente quando o estágio não é regulamentado enquanto componente disciplinar e em se considerando que a maioria dos estudantes quando optam por estágios, geralmente são completamente absorvidos pelas práticas do trabalho ou não atuam nas funções que lhes garante um aprendizado amplo e complementar aos seus estudos. As produções laboratoriais continuam a ser fundamentais para permitir aos estudantes a realização de treinamento na própria escola, possibilitando que coloquem em execução, ainda que experimentalmente, os conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas da área técnico-profissionalizante, ajudando a integrar os alunos nas problemáticas da profissão, tornando possível que obtenham uma visão global do processo jornalístico.

Os cursos de graduação em jornalismo, se considerarmos o jornalismo como uma engenharia de produção e gestão de informação e conhecimento, têm de ser orientados para critérios de competência técnica e profissional, nos domínios da tecnologia, do uso eficiente e adequado da língua, das linguagens mediáticas, da ética e do profissionalismo, o que no jornalismo compreende a capacidade de produzir e comunicar conhecimento (MEDITSCH, 1999), de avaliar o que é notícia, de recolher e

processar jornalisticamente a informação e de entender os efeitos da comunicação jornalística, de maneira a poderem tomar-se decisões eticamente balanceadas.

Os cursos de jornalismo deveriam ter uma dimensão importante de prática profissionalizante, experimental, laboratorial e interativa, simulando, inclusive, o ambiente empresarial e de uma redação, o que possibilitaria ao estudante aprender com os seus erros e procurar as melhores soluções para os problemas jornalísticos que enfrentará.

### 3.4. A FUNÇÃO DOS PRODUTOS LABORATORIAIS DIGITAIS

Como inúmeras vezes insistiu McLuhan em várias de suas obras, quando surge um novo meio de comunicação, em geral seu conteúdo é sempre uma réplica ou extensão do meio em que se inspirou para existir, a exemplo da televisão que se inspirou a partir dos conteúdos do rádio. Assim também aconteceu com a internet, que por questões técnicas (baixa velocidade na rede e interfaces textuais) começou por distribuir os conteúdos jornalísticos do meio que se espelhou: o jornal.

Só mais tarde o rádio e a televisão aderiram ao novo meio, mas também nestes casos se limitaram a transpor para a internet os conteúdos já disponibilizados no seu suporte eletrônico. Olhar para o atual jornalismo online ainda é algo semelhante a imaginar a afirmação muito difundida pelo senso comum sobre o jornalismo para justificar a diferença de conteúdo dos três tipos tradicionais de meios: o rádio; que “fala” com o ouvinte os acontecimentos, a televisão; que mostra, e o jornal; que explica. Ora, este pensamento não é mais do que constatar que cada meio tem as suas próprias narrativas e linguagem. E se é assim, a internet, pela sua característica de poder utilizar texto, som e imagem em movimento, deveria ter também uma linguagem própria, baseada nas potencialidades do hipertexto, memória e interatividade, e, além disso, ser construída em torno de alguns dos conteúdos produzidos pelos meios já existentes.

Surge então um dos primeiros desafios ao jornalismo para a web: a procura de uma linguagem/narrativa atrativa para a notícia online, mais adaptada às exigências de um público que prima pela rapidez, objetividade e com o passar do tempo com a não linearidade de leitura.

Relembrar a história do Jornalismo Digital significa trazer a memória como se processou a digitalização das informações e de informatização das redações. O primeiro processo (digitalização da informação) configurou-se como a gradativa ‘desmaterialização’ dos sistemas de produção; o segundo (a informatização das redações) trata-se da entrada do computador como ferramenta de produção nas redações jornalísticas, substituindo as tradicionais máquinas de escrever e alterando de forma significativa as rotinas produtivas. O computador transforma-se assim em suporte e sistema de produção de conteúdos (BASTOS, 2000).

Quase de forma concomitante em grande parte das redações brasileiras, a entrada da internet coloca em evidência o conceito de rede e a necessidade de se pensar nos fluxos comunicacionais (CASTELLS, 1999), o que possibilitou o aparecimento de novas configurações e sistemáticas de produção.

De acordo com Barbosa (2002, p.36 apud SCHWINGEL, 2004), “os jornais são um dos primeiros setores industriais a aderir ao ambiente digital”, sendo que naquele momento estabelecem modelos de produção de conteúdo de transposição do impresso. O processo de digitalização dos dados então se institui e denomina-se virtualização das redações, pois as empresas jornalísticas entendem a necessidade de constituir equipes específicas para atualizar e produzir informações para as edições on-line. Em um primeiro momento, as equipes do jornalismo digital dividem o trabalho com a redação do impresso, mas depois passam a ter sistemáticas e espaços próprios na estrutura da empresa jornalística. Os profissionais responsáveis por essas atividades, denominados de jornalistas *online* são, na maioria, recém-formados ou mesmo estagiários (MACHADO e PALACIOS, 2003). Essa tendência se confirma ao observarmos as constatações de Jones (1999, apud SCHWINGEL, 2004) para o ambiente de trabalho do jornalismo digital:

- Rápidas e constantes mudanças tecnológicas, levam à necessidade de se conhecer novos programas e aplicações em rede;
- As informações, cada vez mais disponíveis, encontram-se ao alcance de quem quiser e puder acessar;
- Cresce entre o público a noção não linear de consumo da informação e passam a se deslocar por “janelas” com maior familiaridade. Assim, são os profissionais mais jovens que possuem maior discernimento das tecnologias internet e pouca ou nenhuma

resistência às necessárias alterações nas rotinas já estabelecidas no impresso para o Jornalismo Digital.

Porém, o fato deles não terem experiência jornalística aliada à situação dos jornais não investirem, de maneira geral, em uma formação específica para seus funcionários, acaba por se refletir, em última instância, no profissionalismo (ou em sua ausência) dos produtos jornalísticos (MACHADO e PALACIOS, 2003; BORGES, MACHADO e MIRANDA, 2003). Por isso, distintos pesquisadores na última década apontaram, basicamente, para três fases do jornalismo digital a partir de uma categorização dos produtos: a) transposição do impresso; b) metáfora do impresso; c) e jornalismo de terceira geração. Este último é denominado e identificado ainda por webjornalismo (MIELNICZUK, 2001), por produtos exclusivos da internet (PAVLIK, 2001) ou por jornalismo hipermediático (SILVA JR, 2000). Atualmente os estudiosos do tema procuram expandir os produtos do Jornalismo Digital a seus contextos, analisando-os não mais de forma isolada, mas como partes de sistemas que definem modelos de produção de conteúdos:

Como resultado desta estratégia, para nossos propósitos, webjornalismo de primeira geração consiste na transposição de conteúdos dos demais meios, sem sistemas próprios de apuração; webjornalismo de segunda geração, que produz conteúdos próprios, mas sem sistemas de apuração, produção e circulação de conteúdos adaptados às redes digitais e webjornalismo de terceira geração, quando todas as etapas do trabalho jornalístico são desenvolvidas no ciberespaço, com adoção de sistemas descentralizados de produção (MACHADO e PALACIOS, 2003, p. 01).

O atual Jornalismo Digital, de acordo com Pavlik (2001) e Machado e Palacios (2003), difere em relação às técnicas anteriores que utilizavam o computador (o jornalismo assistido por computador, por exemplo) devido à sua lógica estrutural em rede que inaugura distintos encaminhamentos para pesquisa, produção e difusão de dados. Anteriormente, com a reportagem assistida por computador, os bancos de dados de informações eram acessados como forma instrumental, desconsiderando-se completamente as implicações que a tecnologia poderia representar para a prática e para o avanço da teoria do jornalismo. Com o passar do tempo uma ruptura acontece, tanto pelo novo aprendizado, quanto porque o Jornalismo Digital permite que os profissionais agora extraiam significados das novas ferramentas.

Se a prática exige tal esforço do jornalista para se adaptar aos novos formatos e processos, nada mais natural que a formação do jornalista acompanhe as novas tecnologias da comunicação no processo de ensino-aprendizagem em todas as etapas da formação do estudante (FIDALGO, 2003). Como as tecnologias informacionais são estruturantes (CASTELLS, 2006) para a sociedade atual, girando em torno de uma economia globalizada, acabam se estendendo a todos os setores e a educação não foge a regra.

Recursos tecnológicos digitais como listas de discussão, blogs, sites de postagens de vídeos como YouTube, plataformas de ensino à distância e outras ferramentas vão sendo apropriadas por professores e alunos. O problema é o descompasso entre os ritmos da incorporação destas novas tecnologias no ensino e o desenvolvimento de metodologias que acompanhe esses novos saberes (DEMO, 2006).

No caso do ensino do jornalismo, percebe-se, em menor ou maior grau dependendo das circunstâncias de cada instituição, a incorporação dessas tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem. Essa diferença de incorporação contribui para um processo de mudanças que vai desde medidas simples e de adaptação, como a reordenação dos currículos, até alterações mais precisas como o desenvolvimento de novas metodologias de ensino, de novos cursos e disciplinas com conteúdos que atendam a demanda do mercado (MACHADO e PALACIOS, 2007).

Fundados nesse aspecto pedagógico com a utilização das tecnologias digitais por professores e estudantes, que passa em geral por dois tipos de usos: a) como ferramenta auxiliar no processo de ensino aprendizagem, e b) como fator construtivo do próprio ambiente de ensino aprendizagem (MACHADO e PALACIOS, 2007), foram investigadas faculdades de jornalismo em Salvador com o intuito de se identificar como se dá o ensino do jornalismo digital, em instituições pública e privadas, a partir dos seus produtos laboratoriais digitais ligados as disciplinas de jornalismo digital e/ou afins.

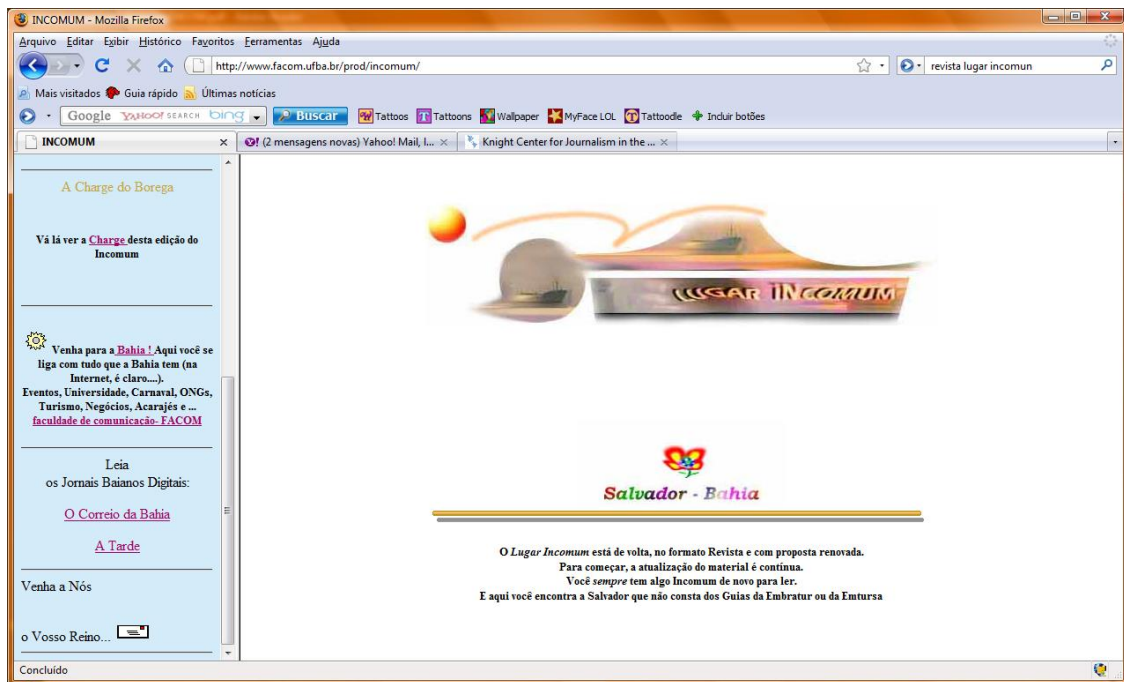
O objetivo foi investigar se o ensino do jornalismo digital, com seus recursos tecnológicos e potencialidades laboratoriais convergentes, por exemplo, corresponde a oportunidade inédita na vida acadêmica de um estudante de jornalismo de se aproximar das práticas profissionais. É necessário frisar que a ruptura com o modelo de uso apenas ferramental das tecnologias digitais para a comunicação pressupõe a superação da prática do ensino reprodutivo e a adoção de uma filosofia de ensino-aprendizagem,

centrada na capacidade de compreensão e produção orientada dos alunos, e que a tecnologia não seja apenas um simples substituto do quadro negro (DEMO, 2006; MACHADO E PALACIOS, 2007), mas como um fator estruturante, assim como vem se construindo na sociedade informatizada.

### 3.5 AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE PRODUÇÃO LABORATORIAL DIGITAL EM SALVADOR (FACOM/UFBA)

As primeiras experiências de produtos laboratoriais digitais em Salvador surgiram na Faculdade e Comunicação da UFBA (FACOM), a partir de 1995 quando os professores Marcos Palacios e Elias Machado resolveram oferecer uma disciplina opcional de jornalismo digital na Faculdade.

O nome da disciplina era *Gêneros Jornalísticos* e foi planejada em forma de Oficina (MACHADO E PALACIOS, 2005). Nesta disciplina os estudantes teriam como tarefa principal, e final, produzir um produto jornalístico online. Este produto online foi a revista digital *Lugar Incomum* (Figura 1) e sua formatação foi pensada a partir dos modelos editoriais das revistas.



**Figura 1: Lugar Incomum: primeira revista digital da Bahia (1995)**

Até mesmo a periodicidade era semanal. Esta talvez tenha sido a primeira publicação jornalística online no Estado da Bahia, segundo Machado e Palacios (2005). Com o progressivo desenvolvimento do jornalismo na internet, a disciplina passa a ser incorporada definitivamente no programa do curso a partir de 1997.

Com o desenvolvimento do Grupo de pesquisa em Jornalismo Online (GJOL) do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da UFBA (Póscom), por meio do professor Marcos Palacios, uma nova experiência em jornalismo digital se estabelece na Faculdade de Comunicação, e com ela um novo produto. Em 2000 é lançado o jornal online *Panopticon*, (Figura 2) cujo desenho foi elaborado pela então mestrandia do Póscom e pesquisadora do GJOL, Beatriz Ribas.

**panopticon** Universidade Federal da Bahia Faculdade de Comunicação Maio / 2002

um olhar jornalístico sobre o jornalismo online

**SCAN25.04.02:** Encontro de Jornalismo Online, em São Paulo, dias 7 e 8 de maio. »

**SCAN25.04.02:** Jornalismo online é uma das categorias do Prêmio Senai de Reportagem. »

**SCAN18.04.02:** O recém-lançado site referência sobre Ciberidades e Governo Eletrônico é mais uma produção do Grupo de Ciberpesquisa da Facom. »

**COPA BALANÇA A REDE**  
Será que os portais de jornalismo esportivo estão explorando todas as potencialidades que o webjornalismo oferece?

**EPITÁFIO DE UM SITE**  
Xico Vargas, um dos editores do No., fala do fechamento do site e do que deu para aprender com os dois anos na Internet.

**DA TV PARA A REDE**  
A Internet abre espaço para o telejornalismo. Apresentadores com as mesmas caras e bocas da televisão podem ser vistos na tela do computador.

**QUEBREM AS MÁQUINAS!**  
"Afirmar que recorrer ao rádio ou à TV em busca de informação é coisa do passado é, no mínimo, forçar a barra".

» [Seu dinheiro vale mais informação](#)

» ["Vocação do JOL é atingir as pessoas onde elas vivem" Entrevista com Zélia Leal Adghiri, professora da UnB.](#)

» [Um caso à parte: Jornalismo na Web sem transposições](#)

» [Segredos do Estado Entrevista com Sérgio Vaz, editor-chefe do estadoao.com.br](#)

» [Colunismo social migrou para a Internet](#)

» [Webjornalismo ainda é pouco premiado](#)

HOME FALE CONOSCO EXPEDIENTE MATÉRIAS ENTREVISTAS COLABORADORES SCAN JORNAIS BRASILEIROS ONLINE

**panopticon** Universidade Federal da Bahia Faculdade de Comunicação AGOSTO / 2003

um olhar jornalístico sobre o jornalismo online

**SCAN23.10.02:** Revista Imprensa promove oficina de webjornalismo. »

**SCAN14.10.02:** IV Congresso Iberoamericano de Jornalismo na Internet, que vai acontecer de 29 a 31 de outubro de 2002 em Lima, Peru. »

**SCAN18.9.02:** "Telejornalismo digital: o que vem por aí" é um dos painéis do fórum "Salvador pela Imprensa 3". »

**SCAN16.9.02:** O I Ciclo de Debates sobre Jornalismo acontece entre os dias 17 e 19, no auditório da Faculdade de Comunicação. »

**DIÁRIOS DE GUERRA**  
Correspondentes de guerra criam blogs para relatar suas impressões pessoais no Iraque

**A PRESENÇA DO ÁUDIO NO JORNALISMO ONLINE**  
Como sites jornalísticos e rádios online integram esse recurso ao texto noticioso

**BBC E CNN: JORNALISMO NA REDE EM PORTUGUÊS**  
As duas redes produzem notícias específicas para leitores brasileiros

» [Sites governamentais utilizam a internet para divulgar notícias, mas o jornalismo praticado ainda fica a dever](#)

» [A moda dos pop-ups que incomoda muita gente](#)

» [Os movimentos sociais marcam presença na rede e a usam como campo de ativismo](#)

» [Rede de computadores pode ser um mar de difícil navegação para os marujos mais velhos](#)

» [A importância dos profissionais que dominam as tecnologias digitais para a prática do jol](#)

HOME FALE CONOSCO EXPEDIENTE MATÉRIAS ENTREVISTAS COLABORADORES SCAN JORNAIS BRASILEIROS ONLINE

**Figura 2: Panopticon - jornal online experimental produzido na disciplina Oficina de Jornalismo Digital (2000).**

O jornal era produzido na disciplina Oficina de Jornalismo Digital e era voltado para os modelos de jornalismo digital que na época circulavam nas redes. Este produto



laboratorial utilizava editores de textos como o *Frontpage* e o *Dreamweaver* para formatar e colocar na internet as reportagens desenvolvidas pelos alunos.

No entanto, os próprios pesquisadores do GJOL, quando analisavam o produto online da FACOM percebiam que este método de ensino e produto laboratorial, estático e com conteúdos em forma de texto e imagens fixas, não refletiam os conceitos teóricos trabalhados no grupo, mais atuais e conectados com as últimas tendências no jornalismo digital (MACHADO E PALACIOS, 2005). Assim, um ano após ser criado, o *Panopticon* passa por reformulação através da professora da Oficina de Jornalismo Digital, Carla Schwingel, que desenvolve uma plataforma específica para o jornal online que permite incorporar ao sistema de publicação as características-chaves do jornalismo digital: interatividade, instantaneidade, hipertextualidade, multimídia, personalização e memória.

O *Panopticon* passa então a ter um sistema dinâmico e distribuído que permitia o ensino e a alimentação de conteúdos por parte dos alunos de forma remota (MACHADO E PALACIOS, 2005). Com essa nova tecnologia o jornal também se abre para a possibilidade de interação com o público do periódico. E tal como ocorre hoje no jornalismo online, os leitores tinham espaço para comentar as matérias e enviar seus próprios artigos para publicações.

Foi a partir do ano de 2003 que a ferramenta “blog” começa a fazer parte dos produtos laboratoriais da FACOM. O professor Marcos Palacios insere o software “Blogger” e lista de discussão própria da disciplina Oficina de Jornalismo Digital para propor exercícios e poder acompanhar os alunos nas atividades de jornalismo online (MACHADO E PALACIOS, 2005).

Nesses primeiros dez anos de ensino do jornalismo digital Machado e Palacios perceberam que o futuro da pedagogia do jornalismo digital está em projetos de plataformas de trabalho jornalístico que devem ser pensados como um conjunto de sistemas interligados e interdependentes. A separação feita nos sistemas aplicados na FACOM, de acordo com Machado e Palacios (2005) serviram para a visualização independente de cada plataforma e a forma de se desenvolver o trabalho com cada uma delas, mas o principal aprendizado dessas experiências pode ser resumido na seguinte conclusão:

“1)La enseñanza del periodismo en las redes es una necesidad frente a la consolidación de esta nueva forma de hacer periodismo y supone el desarrollo de metodologías específicas.

2) En la sociedad de las redes cambian totalmente las funciones de los estudiantes y de los profesores. Cada vez más el estudiante puede trabajar de forma colectiva y autónoma, con la tutoría del profesor.

3) Más que nunca, en el caso de las redes cuando todo está por hacerse, la investigación debe estar por detrás de los proyectos de enseñanza en el periodismo.

4) La base tecnológica que está por detrás del periodismo en las redes pone de relieve la vocación para la investigación aplicada y la innovación tecnológica, hasta hoy casi inexistente en los cursos de periodismo.

5) Los cursos de periodismo y los postgrados en comunicación deben estrechar lazos con agencias de fomento a la investigación, empresas de vocación tecnológica y organizaciones periodísticas para el desarrollo de tecnologías y softwares.” (MACHADO E PALACIOS, 2005, p. 101)

Apesar dessas conclusões sobre a importância de sistemas integrados na pesquisa e ensino do jornalismo digital, os blogs, como plataformas gerenciadoras de conteúdos, e com sua característica de independência dos suportes informáticos das instituições de ensino, é um dos recursos mais usados no desenvolvimento de produtos laboratoriais de jornalismo digital, por sua simplicidade de recursos e autonomia de funcionamento na rede. Os blogs usados no ensino do jornalismo são tratados como um meio que viabiliza a comunicação entre o professor e o aluno com ambientes de produção individual temático, como plataforma de construção coletiva do conhecimento, ferramenta para aperfeiçoamento de estilo, instrumento de prática do jornalismo opinativo e espaço de produção jornalística descentralizada (RIBAS & PALACIOS, 2007, in MACHADO E PALACIOS, 2007)

### 3.6 PRODUÇÃO LABORATORIAL DIGITAL: RESULTADO DA PESQUISA PROCAD/SALVADOR (2009/2010)

#### **PROCAD/Salvador - UFBA**

A Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM) é uma instituição pública que recebe anualmente 120 estudantes de jornalismo. Também oferece habilitação em Produção Cultural, mas estes dados não foram analisados para

este trabalho. No total se encontram matriculados 650 pessoas do primeiro ao oitavo semestre (2010) e tem em seu quadro de professores de graduação 34 profissionais. Na matriz curricular do curso de jornalismo são, atualmente, 29 disciplinas que os discentes têm de cumprir para finalizar o curso e se graduar em jornalismo. Desse total, 21 são do tronco principal do fluxograma (obrigatórias), sete optativas em que o estudante pode escolher dentro das ofertadas no semestre e uma se chama eletiva, que pode ser cumprida em outro curso de graduação, de acordo com o leque de oferta da matriz e a escolha do aluno.

Esses dados são gerais e servem para contextualizar o universo da pesquisa, embora a análise se concentre nos elementos relacionados ao ensino do jornalismo digital. Quando nos referimos especificamente ao tema jornalismo digital encontramos no currículo duas disciplinas ligadas a esta temática: *Comunicação e Tecnologia*, cujo conteúdo é de ordem teórica e está localizada no quarto semestre, e *Oficina de Jornalismo Digital*, disciplina teórica-prática localizada no sexto semestre. É importante destacar que enquanto as demais disciplinas da matriz curricular da Faculdade de Comunicação têm carga horária de 68h, *Oficina de Jornalismo Digital* possui carga horária de 136h acompanhando as demais disciplinas de prática jornalística como *Oficina Jornalismo Impresso*, *Oficina de Radiojornalismo* e *Oficina de Telejornalismo*, denotando a colocação da temática jornalismo digital no mesmo grau de importância das demais mídias.

Esse lugar de igualdade com as disciplinas de mídias tradicionais é um indício de que o jornalismo digital se estabeleceu de forma definitiva para a profissão de jornalista, embora ainda encontre algumas dificuldades em sua execução, sobretudo no que se referem às práticas laboratoriais. Fato, aliás, não exclusivo do jornalismo digital, mas também aos demais laboratórios das disciplinas de rádio, TV e impresso. Outro aspecto importante relativo à análise de matriz curricular é a não convergência dos produtos laboratoriais. Cada disciplina trabalha o seu próprio produto, não existindo convergência entre eles, ou mesmo uma plataforma única que exercite a idéia de convergência midiática, de acordo com os critérios estabelecidos do que é convergência midiática, e que é apenas estudado na teoria. Muito da não viabilidade de produção laboratorial convergente está na estrutura pedagógica já analisada anteriormente quando se falou em currículo, e também no uso aplicado de recursos tecnológicos digitais que permitam produtos convergentes.

Para se ter uma idéia da infraestrutura informática oferecida pela Faculdade, relativa aos laboratórios destinados as praticas de jornalismo digital, foi informado que existe uma sala de aula onde se encontram instalados 16 computadores de uso exclusivo para a disciplina *Oficina de Jornalismo Digital*, o que dá uma média de 2,5 alunos por máquina, segundo informações da coordenação. Entretanto, há mais dois outros espaços voltados para práticas de textos em ambiente online, embora também usados por outras disciplinas e para outros fins. O LabJor, com cerca de 20 computadores, é uma dessas opções e é usado para as aulas de Oficina de Jornalismo Impresso, Editoração e Programação Visual. Tem o LabMedia, com cerca de 30 computadores usados por alunos para elaboração de trabalhos acadêmicos, leitura *online* e uso de redes sociais.

No projeto pedagógico, de acordo com as diretrizes curriculares nacionais aprovadas pelo MEC em 2001, o curso de jornalismo da FACOM possui duas disciplinas relacionadas ao jornalismo digital. Uma teórica, situada no quarto semestre, que é *Comunicação e Tecnologia*, e uma teórico-prática, situada no sexto semestre, que é *Oficina de Jornalismo Digital*. Atualmente a disciplina Oficina de Jornalismo Digital utiliza como produto laboratorial o *Lupa Digital* (Figura 3), site jornalístico que tem o mesmo nome do produto da disciplina *Temas Especiais em Comunicação*, uma revista publicada por meio impresso e eletrônico.



**Figura 3: Lupã Digital – Jornal laboratório online da disciplina ‘Oficina de Jornalismo Digital’ (2010)**

Apesar de ter o mesmo nome da Revista *Lupã*, o *Lupã Digital* é um produto diferenciado, pois segue os modelos de produção do jornalismo digital. O *Lupã Digital* como a maior parte dos produtos laboratoriais digitais produzidos por faculdades de jornalismo, tem problemas de atualização e de possibilidade de convergência midiática como os demais produtos laboratoriais eletrônicos, como os laboratórios de rádio, fotografia e TV.

A atual docente da disciplina *Oficina de Jornalismo Digital*, Suzana Barbosa, recém ingressa no quadro de docentes da FACOM, (2010), explica em entrevista ao Projeto PROCAD/Salvador que pretende reformular o produto laboratorial, em

conjunto com os alunos, e decidir se mantêm, ou não, o modelo e nome do produto laboratorial da disciplina.

Vale ressaltar que embora a troca de nome ou design de um produto online seja fácil, o mais difícil é modificar os processos produtivos relacionados a este produto laboratorial do jornalismo digital, principalmente quando se trata de convergência midiática, pois requer mais do que a disposição do docente em querer proporcionar o que há de mais moderno aos seus alunos, se não existe apoio pedagógico na construção da matriz curricular que viabilize a interdisciplinaridade, por exemplo, ou o acesso a recursos técnicos de ponta.

No caso da disciplina *Oficina de Jornalismo Digital*, o programa pedagógico pré-estabelecido está elaborado na forma de uma oficina, modelo de programa e ensino teórico-prático, articulando atividade expositiva/teórica com atividade prática do jornalismo digital. Porém, na matriz curricular deste curso de jornalismo não foi possível encontrar previsões de atividades interdisciplinares com outras disciplinas. Acredita-se que se este fato ocorra, deva ser por esforço dos próprios docentes em promover atividades acadêmicas cruzadas.

As maiores dificuldades encontradas na implantação e veiculação do produto laboratorial online, segundo a professora Suzana Barbosa são as limitações técnicas como: infra-estrutura dos laboratórios e a aquisição de softwares pagos de uso profissional.

Este fato, que repercute na maioria dos cursos de jornalismo em Salvador, de acordo com resultados da Pesquisa PROCAD/Salvador (Rede PROCAD, 2008-2011), restringe o uso de ferramentas e aplicativos dos produtos das disciplinas, e em geral, os professores optam por ferramentas e dispositivos disponíveis online, gratuitamente. Já o conteúdo da disciplina, segundo Barbosa, é estruturado de maneira a fornecer uma compreensão básica dos processos e fundamentos da produção, redação e edição de conteúdos jornalísticos em meios digitais, bem como das plataformas para distribuição e circulação da informação (Rede PROCAD, 2008-2011).

Além disso, existe a preocupação de se dar atenção ao processo de desenvolvimento do jornalismo nas redes digitais, as características da produção jornalística, apresentando os distintos formatos narrativos para os conteúdos, bem como diferentes tipos de sites noticiosos.

O programa da Oficina abrange também o estudo de modelos para a arquitetura da notícia, os diagramas hipertextuais, as particularidades da apuração na web, a construção da pauta integrada e os sistemas de edição. O conteúdo programático cobre ainda os gêneros no jornalismo digital, as redes sociais e sua aplicação no jornalismo, o jornalismo móvel e a convergência jornalística. Atenção especial é dada para o estado da arte em publicações on-line brasileiras e estrangeiras, com o intuito de prover conhecimento de primeira mão sobre o estágio em que se encontram, apontando as tendências e as perspectivas na área, de acordo com a professora Suzana Barbosa (Rede PROCAD, 2008-2011). A docente da disciplina trabalha também as técnicas, recursos e ferramentas para criação e disseminação de conteúdo jornalístico, tendo em vista o desenvolvimento de produto laboratorial.

Quanto à questão da convergência tecnológica referente ao produto laboratorial da disciplina ‘Oficina de Jornalismo Digital’ e os demais laboratórios, é evidente que não existe. Cada disciplina tem seus próprios recursos didáticos, produção laboratorial e produtos. Apesar de desejável, na opinião de Barbosa (Rede PROCAD, 2008-2011), a convergência midiática não acontece, por muitos motivos, mas talvez o principal esteja no programa pedagógico que não favorece a integração das disciplinas e possíveis transversalidades.

### **PROCAD/Salvador – Faculdade Dois de Julho**

A Faculdade Dois de Julho é onde se encontra um dos cursos de Jornalismo mais antigos e consolidados de Salvador, entre as instituições privadas, por isso foi escolhido para compor a amostra da Rede PROCAD. O curso de Jornalismo foi criado em 2001 e disponibiliza 100 vagas anuais para o ingresso de alunos.

Em sua matriz curricular encontram-se duas disciplinas diretamente ligadas ao jornalismo digital: ‘Jornalismo Digital’, no sexto semestre, e ‘Técnica de Apuração e Edição em Jornalismo Digital’, no sétimo semestre. Este modelo curricular coincide com a maioria da estrutura de localização de disciplinas relacionadas ao jornalismo digital, nos últimos semestres de formação dos estudantes. Fato observável na matriz curricular do curso é que temas sobre comunicação e tecnologias só aparecem, de forma explícita, com as disciplinas ligadas ao jornalismo digital. O que não significa que não

esteja sendo trabalhada de forma transversal em outras disciplinas, porém de forma espontânea e não sistemática.

O professor das duas disciplinas citadas, André Holanda, (no período desta pesquisa era Doutorando do Programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA), em resposta ao questionário PROCAD/Salvador considera que o ensino do jornalismo digital deve ser realizado de forma específica, embora confirme que temas como pesquisa online, fontes disponíveis na rede, questões linguísticas e sociológicas trazidas pelas novas práticas de produção e consumo de notícias devem estar presentes de forma transversal em outras disciplinas.

O perfil metodológico das disciplinas ‘Jornalismo Digital’ e ‘Técnica de Apuração e Edição em Jornalismo Digital’ é teórico-prático e por estarem localizadas em semestres subsequentes são complementares, de acordo com explicações de Holanda. A primeira discute características básicas como hipertextualidade, convergência, interatividade, temporalidade no jornalismo digital e produz matérias para o jornal laboratório digital *Folha Salvador* (<http://www.folhasalvador.com.br/>) (Figura 4).



PRINCIPAL SOBRE O FOLHASALVADOR

---

**Manchetes**

**Vereadora cobra melhorias para os trens de Salvador**  
[8 dez 2010 | Sem comentários | ]



Foto: divulgação  
Os trens do Subúrbio estão abandonados. Falta de segurança e limpeza também são alguns dos problemas que têm prejudicado a população. Além de ter um sistema ferroviário precário, Salvador ainda enfrenta problemas no transporte rodoviário e na falta de infraestrutura para comportar o grande número de automóveis que circula na cidade.  
A vereadora Aladice [...] [Leia na íntegra >](#)

**Destques**

 Mudanças no curso de Comunicação Social da Faculdade 2 de Julho causam polêmica  
[8 dez 2010 | Sem comentários | ]

 20 de novembro, para conscientizar  
[3 dez 2010 | Sem comentários | ]

 O que os bruxos têm a nos ensinar?  
[3 dez 2010 | Sem comentários | ]

 Café e guaraná em pó podem causar riscos a saúde dos estudantes  
[20 nov 2010 | Sem comentários | ]

---

**Seções**

<b>cidade</b> As notícias mais importantes sobre Salvador. Informação sobre cidadania e fatos políticos que podem influenciar a sua vida.	<b>cultura</b> As manifestações culturais, artísticas e a diversão que constroem o patrimônio simbólico da cidade.	<b>bem estar</b> Informações sobre saúde, esporte, lazer e tudo para cuidar do seu corpo e espírito.	<b>educação</b> Notícias sobre o universo do conhecimento, sobre a educação seja fundamental ou superior, pública ou particular.	<b>oportunidade</b> Dicas para conseguir estágio, emprego e para melhorar seu desempenho no trabalho, além de notícias de economia que podem afetar sua carreira.
--	---	---	---	--

---

**cidade »**  
**Consumidores se preparam para compras de final de ano**  
[8 dez 2010 | Sem comentários | ]  
Tamires Souza  
Com a chegada das festas de final de ano, milhares de consumidores se preparam para a compra de presentes e utensílios. As lojas ampliam os horários de atendimento e na reta final, muitos shoppings em toda cidade funcionam até de madrugada. A expectativa dos lojistas é superar as vendas do ano anterior a [...]

**educação, oportunidade »**  
**Investir nos colaboradores beneficia Emissoras**  
[8 dez 2010 | Sem comentários | ]  
É crescente o número de pessoas que trabalham enquanto fazem Faculdade. Dados do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), do Ministério da Educação, revelam que 3,9 milhões de alunos estão matriculados nos cursos superiores do Brasil. Essa informação ilustra a realidade da junção de trabalho e estudo, como um processo diário que resulta [...]

**cidade »**  
**Esculturas de Rodin atraem turistas**  
[8 dez 2010 | Sem comentários | ]  
Antônia Lucinda Neto



**FACULDADE  
2 DE JULHO**

**Tags**

amor Bahia Blog carnaval Cidade comércio Comportamento copa do mundo Cultura deficientes Destaque Diploma Educação eleições emprego empregos Estudantes Faculdade 2 de Julho futebol Games Governo do Estado da Bahia Guarda Municipal Interatividade internet Investimento jogos Jornalismo jornalismo mulheres

**Figura 4: Folha Salvador - Webjornal da Faculdade Dois de Julho (2010). Também produto laboratorial digital da disciplina Jornalismo Digital.**

A segunda disciplina discute pesquisa e fontes online, explora possibilidades de ferramentas online de publicação multimídia e prepara uma reportagem multimídia, que pode ou não ser usada no webjornal do curso.

No que se refere à relação entre as disciplinas relacionadas ao jornalismo digital e as outras áreas, como telejornalismo, radiojornalismo e jornalismo impresso, quando se trata de produzir produtos em conjunto, segundo o professor André Holanda, ainda não foi possível realizar essa interdisciplinaridade, embora afirme ter feito propostas aos outros docentes para criar um produto com conteúdos convergentes.

Como justificativa para tal dificuldade, Holanda (Rede PROCAD, 2008-2011) aponta as diretrizes curriculares estabelecidas para os cursos de jornalismo. Além disso,

existem dificuldades de ordem prática: por atuarem em uma instituição privada, na qual o regime de trabalho não é de dedicação exclusiva, os professores não são remunerados por suas horas de trabalhos extra o horário das aulas e os recursos investidos dependem da mensalidade de alunos, ou seja da quantidade de alunos matriculados, o que coloca obstáculos para investimentos em recursos tecnológicos e para a plena integração das atividades de ensino entre as diversas áreas do curso.

Holanda (Rede PROCAD, 2008-2011) acredita que a incorporação da convergência nos cursos de jornalismo deva ocorrer de forma transdisciplinar, com a possibilidade de um formato que dê vazão à produção de todas as matérias. Em sua disciplina, discute sobre o tema convergência midiática e trabalha junto aos alunos questões sobre produção em diversas mídias, mesmo que não possa utilizar o computador como plataforma de convergência de conteúdos interdisciplinar.

Para Holanda o jornalista da era das tecnologias digitais deve saber pesquisar e encontrar fontes online, saber planejar e criar estruturas hipertextuais, que organizam o conteúdo na rede e, além de muitas outras tarefas, implantar uma produção de conteúdo autônoma e de baixo custo.

### **PROCAD/Salvador – Faculdade Social da Bahia (FSBA)**

A Faculdade Social da Bahia (FSBA) foi credenciada pelo MEC em 2001 e o curso de Jornalismo começou a funcionar em 2002 (e-MEC, 2010b), tornando-se assim o segundo curso de jornalismo, em ordem cronológica, em uma instituição privada em Salvador.

De acordo com o relatório PROCAD/Salvador (Rede PROCAD, 2008-2011) o curso de Jornalismo da Faculdade Social da Bahia tem um total de 2.790 horas que se dividem em matérias obrigatórias e optativas. De acordo com a matriz curricular do curso, a disciplina ‘Jornalismo Online’ é obrigatória, embora outras disciplinas relacionadas ao tema se encontrem classificadas como optativas, como por exemplo ‘Comunicação e Tecnologias’ e ‘Cibercultura’.

Este é um fato importante a ser assinalado, já que de acordo com a proposta pedagógica do curso, investigado através dos questionários PROCAD/Salvador (Rede

PROCAD, 2008-2011), as disciplinas optativas nem sempre são oferecidas, pois variam de um semestre para outro na oferta da grade. Além disso, sendo as disciplinas optativas, fica a cargo do aluno escolher se vai cursar, ou não, estas ou aquelas disciplinas, e se esses temas relacionados a cultura do digital vão fazer parte do seu aprendizado, ou não.

Atualmente a disciplina ‘Jornalismo Online’ é ministrada pela professora Tatiana Rodrigues Lima ( no período desta pesquisa doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da UFBA). Lima, em resposta ao questionário PROCAD/Salvador (Rede PROCAD, 2008-2011), acredita que o tema jornalismo digital deve ser ensinado através de uma disciplina específica, voltada para a prática, mas que seja necessária a inclusão de discussões acerca do tema em outras disciplinas, como por exemplo: ‘Teoria do Jornalismo’, ‘Crítica de Mídia’, entre outras. Ou seja, o tema deve ser trabalhado de formar direta e também transversal.

Para a professora Lima, a disciplina de Jornalismo Online está bem localizada no sexto semestre, pois o estudante tem como pré-requisito a aprovação em cinco disciplinas em que aperfeiçoam o texto para diversas mídias, como duas disciplinas de Redação. Os alunos passam também por disciplinas de Teorias do Jornalismo, Crítica de Mídia, Radiojornalismo I e II e no mesmo semestre em que frequentam ‘Jornalismo Online’ cursam também Telejornalismo II, informa a professora no questionário PROCAD/Salvador(Rede PROCAD, 2008-2011).

Para a professora Tatiana Lima, as disciplinas teóricas e praticas anteriores, mesmo que não sejam de jornalismo digital, habilitam o estudante a pensar e experimentar práticas de jornalismo digital mobilizando conteúdos multimídias e com visão crítica sobre o processo.

O perfil da disciplina ‘Jornalismo Online’ da FSBA é teórico-prático e tem como objetivo capacitar o discente para a atuação em publicações jornalísticas veiculadas na internet (blogs, sites, portais etc.); habilitar o aluno para o planejamento e produção de conteúdos jornalísticos hipertextuais, multimidiáticos e interativos; estimular a visão crítica do discente quanto aos produtos de jornalismo on-line (Rede PROCAD, 2008-2011). Mas para atingir esses objetivos, Lima (Rede PROCAD, 2008-2011) considera importante adquirir em disciplinas anteriores o aprendizado de softwares livres de edição de áudio e vídeo.

Já para o exercício laboratorial digital, os alunos acompanham o blog com instruções acadêmicas da disciplina (<http://jornalismo-on-line.blogspot.com/>), produzem blogs em duplas e blogs em conjunto durante o curso.

Para a professora os obstáculos na criação de produtos laboratoriais são: a velocidade de conexão, quando o link da Faculdade está sendo usado em vários laboratórios, o bloqueio de acesso aos sites de postagens de vídeos como o Youtube, devido a limitação dos links e do bloqueio dos filtros de navegação, embora a professora ressalte que ao ser solicitado liberação dos filtros ao setor de informática, há sempre o atendimento.

Para Lima (Rede PROCAD, 2008-2011) as produções laboratoriais digitais são muito importantes, pois permitem aos alunos aplicarem seus conhecimentos ao produzirem conteúdos de webjornalismo que serão aperfeiçoados em estágios em portais locais, e/ou assessorias de imprensa.

Sobre a questão da convergência nos cursos de jornalismo, Lima em resposta ao PROCAD/Salvador (Rede PROCAD, 2008-2011), acredita na possibilidade de interdisciplinaridade, da convergência entre os produtos das disciplinas práticas e a discussão da convergência em disciplinas de Teorias do Jornalismo. Em sua própria disciplina, trata a convergência a partir da multimídia e hipertextualidade.

Quanto às competências do profissional de jornalismo no contexto da convergência, a professora de Jornalismo Online considera importante o aluno estar habilitado a fazer planejamento e produção de conteúdos, reflexão crítica sobre plataformas e produtos do jornalismo digital.

O curso de Jornalismo da Faculdade Social da Bahia é o único, até o fim desta pesquisa, a ter um produto laboratorial em forma de agência de notícias chamada *Labweb* (Laboratório Interdisciplinar de Jornalismo - <http://labweb.fsba.edu.br/>) (Figuras 5 e 6).



Figura 5: Labweb - Página principal do Laboratório Interdisciplinar de Jornalismo da FSBA.



Figura 6: Labweb. Página do WebRádio.

O produto é um portal hipermídia onde trabalhos práticos produzidos nas disciplinas do curso, por alunos do primeiro ao último semestre, são publicados em caráter experimental e laboratorial. O *Labweb* tem estrutura para integrar áudios, vídeos, textos, hiperlinks, fotos, gráficos e outros tipos de dados, a fim de dar visibilidade aos trabalhos práticos produzidos pelos futuros jornalistas formados pela FSBA.

A edição do portal é realizada pela jornalista e professora Tatiana Lima, que vê no produto laboratorial um espaço para experimentar novas formas de comunicação e jornalismo na web.

Os professores e estudantes da FSBA são os principais colaboradores, e as práticas desenvolvidas por eles nas disciplinas constituem o conteúdo publicado.

Como todo produto laboratorial pesquisado pelo PROCAD/Salvador (Rede PROCAD, 2008-2011), o *Labweb* tem dificuldades de atualização, pois depende da produção multimídia das disciplinas do curso. Lima explica, em sua entrevista que para evitar este tipo de dificuldade e estabelecerem regularidade nas atualizações, alunos de jornalismo são contratados como estagiários com o compromisso de trabalharem para o portal de forma mais comprometida, mesmo fora do horário das aulas.

### **PROCAD/Salvador – UNIME**

A UNIME (União Metropolitana de Educação e Cultura) é um Centro Universitário que oferece 31 cursos de graduação, entre eles o de Jornalismo, com autorização do MEC desde 2006. O curso de jornalismo desta instituição foi considerado na pesquisa PROCAD/Salvador (Rede PROCAD, 2008-2011) por se mostrar um empreendimento de relevância no âmbito da educação superior na Cidade e ter o curso de Jornalismo funcionando de forma regular.

O curso de Jornalismo da UNIME é calculado para ser concluído em 2.620 horas de aulas, distribuídas em 42 disciplinas e oito semestres. A disciplina ligada a jornalismo digital está localizada no quarto semestre e foi intitulada ‘Webjornalismo’. Não foi possível analisar seu conteúdo programático e as informações obtidas sobre a metodologia de ensino da disciplina de jornalismo digital foram fornecidas pela docente

da disciplina Jan Alyne Barbosa e Silva em entrevista ao PROCAD/Salvador (Rede PROCAD, 2008-2011). Uma das primeiras questões a ser abordada trata da localização da disciplina 'Webjornalismo' na matriz curricular do curso, que diferentemente das outras instituições pesquisadas em Salvador - e que constam neste trabalho - na UNIME, se localiza no quarto semestre.

Questionada sobre este fato, a docente respondeu que não encontra nenhum problema de ordem pedagógica na posição semestral da sua disciplina estar no quarto semestre, pois a localização não é o ponto central da questão, mas sim os conteúdos aprendidos anteriormente que preparam os alunos para as práticas do jornalismo digital.

Outro ponto de questionamento quanto ao posicionamento de matriz curricular, diz respeito ao tema jornalismo digital ser tratado em disciplina específica, que neste curso é Webjornalismo. A docente acredita que deve existir uma disciplina específica, pois trata-se de um gênero específico, embora não desconsidere a possibilidade, e talvez a necessidade, do tema vir a ser tratado de forma transversal.

Sabe-se que cada professor que assume uma determinada disciplina imprime em seu programa características que considera de relevância, ou não, naquele assunto. A docente da disciplina 'Webjornalismo', em resposta a pesquisa do PROCAD/Salvador (Rede PROCAD, 2008-2011), afirma que o perfil do ensino de jornalismo digital deve ser teórico-prático e ter como prioridade de conteúdos, entre outros temas, o ensino de softwares, estudos de casos, elementos de desenhos de conteúdos, redação multimídia, desenho da web e gestão de conteúdos.

Além disso, é importante dar ênfase, segundo Jan Alyne, ao ensino de algum tipo de software para o gerenciamento de conteúdos, embora afirme não fazê-lo em sua disciplina em função da carga horária (60 horas) e de limitações técnicas do laboratório.

Para ela, por ter tão pouco tempo dedicado ao jornalismo digital, opta por dar prioridade ao ensino das diversas possibilidades narrativas na web, produtos e processos produtivos que a web oferece e a comunicação multimídia. Além disso, a docente acredita que áreas como telejornalismo, radiojornalismo, jornalismo impresso já fazem interface com o jornalismo digital, pois considera que a web é multimidiática e que seria uma ótima oportunidade trabalhar a convergência midiática através de diversas plataformas, embora afirme que no curso de Jornalismo da UNIME, essa convergência

não aconteça, nem entre os produtos laboratoriais e nem entre a produção de conteúdo da diversas disciplinas.

Segundo Jan Alyne, alguns dos problemas na implantação de atividades pedagógicas de ordem interdisciplinar se encontram no regime de contratação dos professores, no caso das instituições privadas, por horas trabalhadas, e também na falta de docentes, em geral, preparados para as questões relacionadas ao jornalismo na era digital e da convergência tecnológica (Rede PROCAD, 2008-2011).

Em sua própria disciplina, a professora explora as características da convergência midiática da internet com o objetivo de desenvolver narrativas jornalísticas, já que não tem condições de implementar uma redação convergente, por restrições técnicas, econômicas e de mão-de-obra especializada.

Mas que tipo de competências deve adquirir o futuro profissional do jornalismo no contexto da convergência, pergunta o PROCAD/Salvador (Rede PROCAD, 2008-2011)? Em resposta, a professora diz que conhecimentos sobre as especificidades das ferramentas digitais e do ambiente online, conhecimento sobre as possibilidades de narrativas e da arquitetura da informação e conhecimento, mesmo que não prático, sobre a possibilidade de convergência no ambiente online.

A disciplina ‘Webjornalismo’ não possui um produto próprio, pois segundo Jan Alyne, não há necessidade de se criar vários produtos, quando já existe um institucionalizado, pois acredita ser mais interessante manter atualizado o produto específico da Faculdade de Jornalismo, o qual recebe materiais como reportagens, fotos e vídeos de várias disciplinas. Este produto é um blog do Wordpress, com o título de “Agencia Experimental de Notícias” (Figura 6) que é classificado, de acordo com apresentação própria, como um projeto de extensão voltado à prática jornalística do seu corpo discente e docente (<http://agenciaunime.wordpress.com/quem-somos/>).





**Figura 7: Agência Experimental de Notícias. Produto laboratorial digital do curso de Jornalismo da UNIME.**

Vale ressaltar que apesar do blog ser uma “agência de notícias” do curso de jornalismo, não há destaque do blog enquanto produto ‘Agência de Notícias’ na principal do site da Unime, conforme demonstra a figura 7. E assim como os demais produtos laboratoriais digitais das Faculdades de Jornalismo, também tem problemas de atualização periódica.

Home | Institucional | Faculdades | Campus | Vestibular | Processo Seletivo | Notícias | Contato

UNIME

**Cursos**

- A UNIME oferece 31 cursos de graduação, além de cursos de pós-graduação e extensão.
- Graduação
- Pós Graduação - MBA
- ENADE
- Cursos de Extensão

**Infra-estrutura**

- Exposição Anatômica
- Núcleo Prático

**Serviços**

- Biblioteca
- Crédito Universitário
- Crédito Universitário
- Eventos Acadêmicos
- Outros serviços

**Crédito Universitário**

**Crédito PRA VALER**

Este programa financia até 100% do valor do curso.

Confira mais formas de crédito

**Cursos de Graduação**

**Seja referência**

Estão abertas as inscrições para o Vestibular 2011.1

[FAÇA SUA INSCRIÇÃO AQUI](#)

Envie por e-mail | Imprimir página

**Turno - Duração - Modalidade**

Matutino e Noturno - 8 semestres - Bacharelado

**Objetivos**

Tem como objetivo preparar profissionais capazes de refletir e atuar criticamente frente às exigências do mundo globalizado.

**O papel do Jornalista**

O profissional irá adquirir bagagem teórica e crítica aprofundada sobre a comunicação e sobre a sociedade em geral, bem como estar tecnicamente habilitado para atuar no mercado com competência técnica e senso ético. É alguém que deve compreender o jornalismo como serviço público, responsável pela mediação entre os cidadãos e o espaço social e político, e pela fiscalização das instituições em uma sociedade democrática.

**Mensalidades**

Escolha um dos créditos-educativos abaixo e tenha a melhor opção para pagar os seus estudos:

UNIBANCO: [www.unibancouniversitario.com.br](http://www.unibancouniversitario.com.br)  
 INSTITUTOEDUCAR: [www.institutoeducar.com.br](http://www.institutoeducar.com.br)  
 PRAVALER: [www.creditopravalter.com.br](http://www.creditopravalter.com.br)  
 FIES: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)

**BLOG**

Conheça o BLOG da Agência Experimental de Notícias:

[BLOG AEN](#)

**Calendário Acadêmico**

[2010.1](#)

**Autorização**

Curso autorizado através da Portaria Nº 125 de 12 de janeiro de 2006. Publicada no Diário Oficial da União de 13 de janeiro de 2006.

**Corpo Docente**

PROFESSOR - TITULAÇÃO - REGIME DE TRABALHO

Elisângela Rodrigues é Mestre e Celetista  
 Dalva Barros é Especialista e Celetista  
 Marcos Dias é Mestre e Celetista  
 José Carlos Peixoto é Mestre e Celetista  
 Marcos Aurélio é Mestre e Celetista  
 Antônio Moreno é Especialista - Celetista

**Figura 8: Site UNIME. Página principal.**

## **PROCAD/Salvador – Estácio/FIB**

O primeiro curso de Jornalismo da cidade de Salvador, depois da Faculdade de Comunicação da UFBA, foi criado no ano de 2000 (e-MEC, 2010a) pelo primeiro Centro Universitário da Bahia, chamado Faculdades Integradas da Bahia (FIB). Recentemente, porém, em negociações que se concretizaram em 2009, a FIB foi

comprada pelo grupo Estácio, instituição privada de ensino superior do Rio de Janeiro/RJ, e o Centro Universitário passa a se chamar Estácio/FIB. O curso de Jornalismo foi mantido, como a maioria dos já existentes na Instituição.

A graduação de Jornalismo da Estácio/FIB é presencial, com duração de quatro anos. Este curso fez parte da amostra de pesquisa do PROCAD/Salvador por ter uma das mais antigas Faculdades de Comunicação que possuía habilitação em Jornalismo, supondo-se estabilidade na área de ensino do jornalismo.

A coordenação do curso de Jornalismo da Estácio-FIB, até o fim desta pesquisa, estava sob a responsabilidade da doutoranda do Programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA, Graça Penha Nascimento Rosseto, que também era professora da disciplina relacionada ao tema jornalismo digital.

Quando foi feita a coleta de dados, em 2009 e 2010, para o questionário PROCAD/Salvador, Rosseto informou que a instituição, por passar recentemente por mudanças na direção geral, com a compra pela Estácio, estava enfrentando muitas mudanças estruturais e não garantia que as informações prestadas em meados de 2010 pudessem se manter sem alterações.

Considerando tal particularidade, e analisando o site da Estácio/FIB no link do Curso de Comunicação Social, para o fechamento dos dados para esta dissertação, observamos que a matriz curricular de Jornalismo teve muitas alterações, e em função dessa mudança optamos por não utilizar os dados anteriores a junção da FIB pela Estácio, fornecido pela coordenação do curso de Jornalismo, nesta análise.

Nessa rápida observação para fins de atualização, verificamos que a matriz curricular atual não tem mais o nome da disciplina sobre jornalismo digital informada pela entrevistada que era 'Oficina de Jornalismo Digital'. Comparando os nomes das disciplinas das matrizes do currículo verifica-se que muitas disciplinas do curso de Jornalismo da FIB foram excluídas e outras agregadas, provavelmente criadas a partir da junção institucional. Para se ter certeza se houve ou não mudança nos conteúdos, seria necessária uma nova análise das ementas das novas disciplinas para a comparação com as antigas, e não houve tempo hábil para isso. Dessa forma, para não comprometer a validade das informações sobre o curso de jornalismo desta instituição, seus dados foram retirados desta pesquisa.

## CONCLUSÃO

Não obstante os avanços pedagógicos que se podem assinalar, os resultados alcançados neste trabalho mostraram que existe ainda um grande diferencial entre o campo profissional e o que se ensina nos bancos universitários. Isto porque, o desenvolvimento profissional de discentes e também de docentes para a educação superior é um processo complexo, complexidade esta, que reside na própria organização acadêmica, na qual, por tradição, os cursos superiores estão estruturados. São estruturas rígidas e pouco flexíveis que dificultam as mudanças dos padrões estabelecidos e legalmente instituídos.

O Jornalismo Digital difere em relação às técnicas anteriores que utilizavam o computador (o jornalismo assistido por computador, por exemplo) devido à sua proposta estrutura, em rede, que inaugura distintos caminhos para pesquisa, produção e difusão de dados. O problema é o descompasso entre os ritmos da incorporação destas novas tecnologias no ensino e o desenvolvimento de metodologias que acompanhe esses novos saberes. O descompasso, porém, é percebido em menor ou maior grau, dependendo das circunstâncias de cada instituição, e da incorporação dessas tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem. Este fato foi bastante evidente quando da análise das experiências laboratoriais digitais dos cursos de jornalismo de Salvador através da metodologia da Rede PROCAD (2008-2011).

A análise dos cursos de Jornalismo da UFBA, Dois de Julho, Faculdade Social da Bahia, UNIME, Estácio/FIB, e principalmente dos produtos laboratoriais digitais das disciplinas relacionadas ao jornalismo digital, mostrou que apesar de vários aspectos coincidentes, como por exemplo, a formação dos professores, mestres e doutores, os recursos técnicos têm muita influência nas práticas do ensino, variando de objetivos e propostas pedagógicas.

Foi observado também que a maioria das disciplinas de jornalismo digital dos cursos utiliza em suas plataformas de produtos laboratoriais a ferramenta blog, não “diversifica” o *design* de seus produtos, e não possuem atividades de mídia convergentes com outras disciplinas e laboratórios, a quase exceção é da Faculdade Social da Bahia (FSBA), que desenvolveu produto em plataforma própria e que mais se

aproxima de atividades laboratoriais digitais com características convergentes. Assim como a transversalidade do tema nas disciplinas, a convergência midiática na produção laboratorial depende de uma reforma curricular pautada nessas questões, sem esquecer as dificuldades técnicas e processuais existentes nas instituições, segundo afirmações dos professores pesquisados da Rede PROCAD (2008-2011).

A título de conclusão verificou-se que nas instituições pesquisadas os professores das disciplinas de Jornalismo Digital e afins tem como formação mínima o mestrado e a maioria está com o doutorado em andamento, ou concluindo. A exceção se encontra na UFBA, cuja docente já é pós-Doutora, especialista na área de Jornalismo Digital. Outro ponto importante que deve ser destacado: os professores das disciplinas de jornalismo digital da amostra do PROCAD/Salvador são pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da UFBA. Esses fatos contribuem, em nosso modo de entender, para uma certa homogeneidade nas perspectivas de ensino adotadas nos diferentes cursos analisados.

É cabível supor-se que, por terem formação coincidente, os professores mostraram semelhanças em referências bibliográficas e acadêmicas ao ensino do jornalismo digital, embora esta conclusão não seja tida como possibilidade única, já que o campo de estudo do jornalismo digital ainda é pequeno e restrito quanto à quantidade de pesquisadores no Brasil e no mundo, conforme dados de Palacios e Diaz Noci (2007), se comparado a áreas de pesquisa mais antigas e tradicionais no campo da Comunicação.

Todos os docentes entrevistados consideraram a transversalidade do tema na matriz curricular dos cursos de suma importância para a formação dos futuros jornalistas, mas sabem que para isso não basta apenas a boa vontade dos docentes, tem que haver uma reforma pedagógica no ensino do jornalismo e nas diretrizes curriculares que comporte tais necessidades.

A questão da convergência tecnológica relacionada ao jornalismo digital é tratada nas disciplinas na forma de teoria e narrativas jornalísticas, mas não acontece na prática dos produtos laboratoriais. Há pouca ou quase nenhuma convergência nos produtos laboratoriais relacionados às demais disciplinas como telejornalismo, jornalismo impresso e radiojornalismo.

Na maioria dos cursos, cada professor trabalha seus produtos laboratoriais de forma individual e pontual. Assim como a transversalidade do tema nas disciplinas, a

convergência na produção laboratorial provavelmente depende de uma reforma curricular pautada nessas questões, além da superação das muitas dificuldades técnicas e administrativas existentes nas instituições, segundo afirmações dos professores. O curso de Jornalismo que tem o produto laboratorial que mais se aproxima da convergência é o da Faculdade Social da Bahia, com o *Labweb*.

É óbvio que o que se tem nos cursos analisados ainda não é o ideal para as práticas do jornalismo e, sobretudo do jornalismo digital e da convergência midiática. Estão longe de ser plenamente contempladas as inúmeras possibilidades que as tecnologias digitais oferecem ao campo da comunicação e, principalmente, ao jornalismo. Isso não deixa de surpreender se compararmos os custos relativamente baixos de uma adequada implantação de órgãos laboratoriais online, quando comparados aos laboratórios relacionados às mídias tradicionais como rádio e TV, de alto custo.

Por outra parte, sem dúvida é importante frisar que os estudantes nunca publicaram tanto, como atualmente, com as práticas laboratoriais do jornalismo digital.

Quanto às características técnicas, as produções laboratoriais dos cursos de jornalismo em Salvador não são tão variadas. Existem os produtos ligados às disciplinas, especificamente, que têm como ferramenta os blogs para os exercícios práticos de aprendizagem do texto jornalístico para a internet e da reportagem multimídia; e têm os portais de notícias que absorvem os conteúdos produzidos em outras disciplinas, não só a de jornalismo digital.

A rigor, apenas os professores da FSBA e a Dois de Julho, declararam o uso de portais de notícias institucionais. A FSBA, com desenvolvimento próprio de plataforma de conteúdo e a Faculdade Dois de Julho, com o uso do Wordpress. Já a UFBA, Unime e Estácio/FIB utilizam a plataforma blog também do Wordpress para exercício prático de suas disciplinas de jornalismo digital.

No quesito uso de softwares específicos para publicações de jornais online das disciplinas, estão disponíveis no mercado softwares pagos e open source, de design mais completo e profissional, com ferramentas eficientes de redação e gestão dos conteúdos, controle dos usuários com diversas permissões de acesso diferenciadas, ampla flexibilidade com utilização de *plugins*, para criar galerias de fotos, visualização de vídeo, tocadores de arquivos sonoros, etc. Mas o que predomina na criação dos

produtos das disciplinas para gerenciamento de conteúdos e publicação de notícias são os blogs. Ainda que se reconheça o valor dos blogs como ferramenta para publicação de notícias, cabe perguntar o que está por trás da opção por uma plataforma de uso muito mais limitado, sobretudo quando se fala de fluxo de conteúdos em múltiplos suportes midiáticos convergentes?

Para os docentes das disciplinas Jornalismo Digital e/ou afins (Rede PROCAD, 2008-2011) a ferramenta utilizada para gerar produtos jornalísticos online vai depender da estrutura da instituição, facilidade no manuseio do produto, atualização independente e rápida, habilidade técnica do professor da disciplina e grau de instrução técnica do estudante.

Dois exemplos de prática na produção laboratorial com o uso dos recursos tecnológicos digitais para exercitar as habilidades tecnológicas dos estudantes, inclusive para a convergência, que já foram analisados separadamente, e agora são colocados juntos são: as faculdades Social da Bahia/FSBA e a Dois de Julho. O *LabWeb*, produto laboratorial digital da Faculdade Social da Bahia foi concebido através de projeto próprio e específico para integrar áudio, vídeos, textos, hiperlinks, fotos, gráficos e outros tipos de dados, a fim de dar visibilidade aos trabalhos práticos produzidos pelos alunos do primeiro ao último semestre, por isso foi considerado como um produto laboratorial convergente dentro dos conceitos de convergência midiática já citados.

Já o *Folha Salvador*, webjournal da Faculdade Dois de Julho, tem como função ser um ambiente de estágio regulamentar e de jornal laboratório. O jornal online nasceu como versão interativa do impresso *Folha Salvador*. Segundo André Holanda (Rede PROCAD, 2008-2011), professor da disciplina Jornalismo Digital, o site do *Folha Salvador* tem como função promover a convergência entre os diversos produtos comunicativos criados com o empenho dos estudantes no âmbito de diversas disciplinas da grade curricular.

Operando desde julho de 2008, o site estabeleceu como público alvo pessoas jovens, que estudam, trabalham e se interessam por notícias da Região Metropolitana de Salvador. Para Holanda (Rede PROCAD, 2008-2011), uma das dificuldades de manutenção do jornal digital se encontrava no suporte de gerenciador de conteúdos, o *Joomla*, que apesar de ser *open source* exige um tempo razoavelmente longo de adaptação para os alunos. Segundo ele, a ferramenta de gestão de imagens, apesar de

haver melhorado muito nas últimas versões, ainda é desnecessariamente complicada. Atualmente o *Folha Salvador* é publicado por meio do suporte Wordpress, ferramenta mais simples de manuseio, do ponto de vista de Holanda, pois oferece mais liberdade técnica aos utilizadores, já que, entre outros benefícios, não exige dependência do suporte de informática da Instituição.

Durante as entrevistas com os professores de jornalismo ficou evidente que todos desejavam melhores ferramentas, a integração com as demais disciplinas e a interdisciplinaridade com as práticas laboratoriais do jornalismo de rádio e TV, porém sinalizavam suas dificuldades de integração com as atividades dos outros docentes, dizem ser difícil promover a convergência das mídias em um único produto, nesse caso o projeto pedagógico de cada curso vai ser um motivador ou não, mesmo que os recursos técnicos permitam, mencionando também a necessidade (embora cada vez menor) de alfabetização digital dos alunos e diversos problemas de cunho administrativo com suas instituições.

Mas o fato que mais chamou atenção foram as questões de âmbito curricular e da falta de integração entre as disciplinas, que neste caso depende exclusivamente da integração dos docentes do curso como um todo. Este fato não se mostrou surpreendente, até porque o próprio modelo curricular de ensino disciplinar e compartimentado, conforme as primeiras teorizações sobre currículo, era pautado na tarefa dos elaboradores de currículo que consistia em fazer um levantamento das habilidades, em desenvolver currículos que permitissem que essas habilidades fossem desenvolvidas e, finalmente, em planejar e elaborar instrumentos de medição para dizer com precisão se elas foram aprendidas.

Mesmo que as mudanças nos processos educativos tendam a ser mais lentas e precisem de muito mais tempo para se adequarem aos movimentos da atualidade, é inegável a conquista de melhorias quando se trata de aproximação entre tecnologias da comunicação e o campo jornalístico na era da convergência digital, permitindo, se não o ideal, um pouco mais próximo do que se vivencia no mercado profissional para estes estudantes, especialmente se comparado às vivências daqueles que passaram pelos bancos universitários há apenas duas décadas passadas.

A importância dos laboratórios, entre outras funções, é formar jornalistas que tenham interesse pela análise crítica e as desenvolvam por meio de suas práticas profissionais em produção laboratorial, embora não se deva perder de vista o perigo do



ensino excessivamente técnico e prático, pois pode vir a se construir uma distorção no processo ensino-aprendizagem. Este impasse da experimentação crítica e da formação teórica, e elaboração de modelos alternativos através das atividades práticas se estendem até hoje, e talvez de forma até mais expressiva, já que a rápida expansão dos meios digitais apanhou de surpresa as instituições de ensino. O ritmo, de certa forma foi acelerado pela tecnologia digital e internet em todas as atividades sociais, o que deixou os cursos de comunicação, tanto na Europa como na América Latina, segundo a Rede ICOD (2006), até certo ponto defasado quanto aos avanços do mercado. As licenciaturas e bacharelados em Comunicação foram originalmente pensadas para um tipo de profissional e de mercado que se modifica rapidamente e carregam em seu bojo o peso dessa história pregressa.

O problema talvez esteja no ponto de vista da surpresa da rapidez das mudanças, que não deu tempo para a definição das competências exigidas pela sociedade digital, já que incorporação de conteúdos digitais nos currículos tradicionais de Comunicação decorreu de forma aleatória (Rede ICOD, 2006). Nos programas disciplinares que examinamos, o digital ainda aparece nos planos curriculares sob a forma de disciplina do meio para o final do curso, de forma um pouco isolada, sob diversos nomes como Jornalismo Digital ou Online, Comunicação Multimédia, Webjornalismo, Oficinas de Jornalismo Digital/Online, etc. Porém, a realidade demonstra que já não existem meios de comunicação não digitais: atualmente, os profissionais da comunicação trabalham imersos num ambiente de conteúdo tecnológico que influencia toda a rotina produtiva e não apenas o produto final como o jornal, a revista, o rádio, a televisão, a internet, etc. Por isso a necessidade de se pensar em distribuir os conteúdos que abordem as tecnologias digitais nos planos de estudo dos cursos de comunicação, em vez de serem relegados para os últimos semestres do curso.

Em última instância e em tendo em vista o muito que ainda pode ser explorado nesta temática, podemos considerar o que foi apresentado nesta Dissertação representa apenas um ‘mapeamento inicial e exploratório’, que levanta mais questões do que efetivamente responde. Ainda assim, acreditamos que este passo inicial pode representar uma pequena contribuição no contexto do estudo geral que vem sendo desenvolvido pelo projeto PROCAD em sua vertente de Salvador.

## REFERENCIAS

- ADAM, G. Stuart. **The education of journalist**. SAGE Publications Vol. 2(3): 315–339, 2001.
- APPLE, Michael W. . **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artemed, 2006
- BARBOSA, Susana.; MIELNICZUK, Luciana.; QUADROS, Claudia. **Estudos sobre jornalismo digital no Brasil**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (e-compós). Artigo apresentado no IV Encontro da SBPJOR, Porto Alegre, 2006. Disponível em <  
<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/119/118>>
- BASTOS, Helder. **Jornalismo eletrônico: internet e reconfiguração de práticas nas redações**. Coimbra: Minerva, 2000.
- BORGES, Clarissa. MACHADO, Elias; MIRANDA, Milena. **Os gêneros narrativos no jornalismo digital baiano**. In I ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, Brasília/DF, 2003. Disponível em <  
<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/t017.doc>>
- BRAGA, José Luiz. “**Ensino e pesquisa em Comunicação: da teoria versus prática à composição contexto & profissão**”, in Comunicação & Educação, ano XII, edição n. 2, mai/ago 2007.
- CALDAS, Graça.; CAPRINO, Mônica. **Formação do jornalismo e reforma curricular: a experiência da metodista**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação/Vol. XXIII, nº 02, JUL/DEZ 2000.
- CALVO, Santiago Tejedor. **La enseñanza Del ciberperiodismo. De la alfabetización digital a la alfabetización ciberperiodística**. Sevilla: Comunicación Social, 2007.
- CARDOSO, Onésimo Oliveira. **Fragmentação do ensino da comunicação: a busca de novas metáforas**. In : KUNSCH, Margarida M. Krohling (org.). O ensino de comunicação: análises, tendências e perspectivas futuras. São Paulo: ABECOM: ECA/USP, 1992
- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, Volume 3.
- CASTELLS, Manuel. **Inovação, liberdade e poder na era da informação**. In: MORAES, Denis (org). *Sociedade Mediatizada*. Rio de Janeiro, Mauad, 2006.
- CORRÊA, Elizabeth Saad.; CORRÊA, Hamilton Luís. **O ensino da comunicação e do jornalismo no panorama das mídias digitais: perspectivas para uma renovação do perfil de habilidades e competências**. V Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet. Faculdade de Comunicação, UFBA, 2004.
- CORRÊA, Elizabeth Saad.. **Convergência de mídias: metodologias de pesquisa e**

**delineamento do campo brasileiro** (2008). In NOCÍ, Javier Díaz.; PALACIOS, Marcos (Orgs.). Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008.

DEMO, Pedro. **Formação permanente e tecnologias educacionais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

e-MEC, **Lista de Cursos da IES**, 2010a. Disponível em <  
<http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhamento/d96957f455f6405d14c6542552b0f6eb/MTY0MQ==/9f1aa921d96ca1df24a34474cc171f61/MTc=>>

e-MEC, **Lista de Cursos da IES**, 2010b. Disponível em <  
<http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhamento/d96957f455f6405d14c6542552b0f6eb/MTA1OA==/9f1aa921d96ca1df24a34474cc171f61/MTc=>>

FAGUNDES, N. C.; BURNHAM, T. F. **Discutindo a relação entre espaço e aprendizagem na formação de profissionais de saúde**. Interface - Comunic, Saúde, Educ, v.9, n.16, p.105-114, 2004. Disponível em <  
<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n16/v9n16a09.pdf>>

FIDALGO, Antonio. **O ensino de jornalismo no e para o século XX**. In: Jornalismo Online. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

GILMOR, Dan. **The Future of Journalism Education**. Mediactive, 2010. Disponível na Internet via URL <http://mediactive.com/2010/02/02/the-future-of-journalism-education/>

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003. Disponível em:  
<<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf>>.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia C.; SANTANA, Isnaia V. **Manual de estilo**

- acadêmico: monografias, dissertações e teses.** 4ª ed. Salvador: Edufba, 2008.
- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: campo, conceito e pesquisa.** 3ª Edição, Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.
- MACHADO, E.; BORGES, C.; MIRANDA, M. **Modelos de produção de conteúdos no jornalismo digital baiano.** Trabalho apresentado no Colóquio Brasil-Itália, XXVI Intercom, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2003.
- MACHADO, Elias. **Comunicação digital: competências profissionais e desafios acadêmicos,** 2006. In: Red ICOD, 2006. Disponível na internet via URL: <[http://www.icod.ubi.pt/pt/pt\\_mediateca\\_machado.html](http://www.icod.ubi.pt/pt/pt_mediateca_machado.html)> Acesso em 13/10/2008
- MACHADO, Elias. PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Modelos de jornalismo digital.** Salvador: Calandra, 2003.
- MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **La experiencia de la enseñanza del periodismo digital en la FACOM -UFBA (1995-2005),** 2005. In: *V Congreso Iberoamericano de Periodismo en Internet.* México : Sociedade Iberoamericana de Periodistas en Internet. Disponível em <[http://www.ehu.es/zer/zer20/Zer20\\_9\\_machado.pdf](http://www.ehu.es/zer/zer20/Zer20_9_machado.pdf)>
- MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (orgs). **O ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software.** Salvador: EDUFBA, 2007.
- MACHADO, Elias. **Cinco teses equivocadas sobre o ensino em tempos de convergência.** 2010. In MACHADO, Elias.; TEXEIRA, Tattiana. (Org.) *Ensino de Jornalismo em tempos de convergência.* Rio de Janeiro: E-papers, 2010.
- MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. **Produção laboratorial no ensino de jornalismo em busca de uma educação comunicativa.** Lumina, Vol.4, nº2, dezembro 2010.
- MARTÍN-BARBERO. Jesús. **Comunicação digital: competências profissionais e desafios acadêmicos,** 2006. In: Red ICOD, 2006. Disponível na internet via URL: <[http://www.icod.ubi.pt/pt/pt\\_mediateca\\_barbero.html](http://www.icod.ubi.pt/pt/pt_mediateca_barbero.html)>
- MAXIMIANO, Antonio C. Amarú. **Teoria Geral da Administração: da escola científica à competitividade na economia globalizada.** São Paulo: Atlas, 2000.
- McADAMS, Melinda. **Teaching online journalism: how to build a first-level college course.** Online Journalism Review, 2004. Disponível <<http://www.ojr.org/ojr/education/1081490316.php>>
- MEDITSCH, Eduardo. **Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo,** 1999. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt> Acesso em 12/04/2010

MELO, José Marques. et al. **Novas Diretrizes Curriculares para o Curso de Jornalismo**, 2009. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=555DAC004>

MELO, José Marques. **Comunicação: Teoria e Política**. 1ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

MELO, José Marques. **Contribuições para uma Pedagogia da Comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1974

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?** São Paulo: Contexto, 2004.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web. Uma contribuição para um estudo sobre o formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na web**. Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM. Lisboa. 2001. Disponível em <[http://200.18.45.42/professores/chmoraes/comunicacao-digital/13-2001\\_mielniczuk\\_caracteristicasimplicacoes.pdf](http://200.18.45.42/professores/chmoraes/comunicacao-digital/13-2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf)>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC). **Educação superior, cursos e instituições**. Habilitação (on line). Disponível na INTERNET via URL: <<http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/curso.stm>>.

MORIM, Edgar (org). **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro, Bertrand, 2007

MOURA, Cláudia Peixoto de. **O curso de comunicação social no Brasil – do currículo mínimo às novas diretrizes curriculares**. Coleção Comunicação 21. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC). **Resolução do Parecer n.º:CNE/CES 492/2001**. Habilitação (on line). Disponível em:< [http://www.pp.ufu.br/Res\\_CNE\\_492.htm](http://www.pp.ufu.br/Res_CNE_492.htm).>.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

NOCÍ, Javier Díaz.; PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

PALACIOS, Marcos. DÍAZ NOCI, Javier (Eds.). **Online journalism: research methods. A multidisciplinary approach in comparative perspective**. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2007. Disponível em:< <http://gjol.blogspot.com/2009/03/livro-bi-nacional-discute-metodologias.html>>

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória**: Apontamentos para debate. Apresentado nas Jornadas de Jornalismo Online, Departamento de

Comunicação e Artes, Universidade da Beira Interior, Portugal, 2002. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4\\_f.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm)

PALACIOS, Marcos.;MIELNICZUK, Luciana.; BARBOSA, Suzana.; RIBAS, Beatriz.; NARITA, Sandra. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo on-line brasileiro.** Trabalho apresentado na Redecom, Salvador, 2002 Disponível em <http://www.facom.ufba.br/jol/producao.htm>

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo. Editora Contexto. 2005

PLAVIK, John. **Journalism and New Media.** Columbia University Press, 2001.

Red ICOD. **Comunicação digital: competências profissionais e desafios acadêmicos,** 2006. Disponível em < <http://www.icod.ubi.pt/home.html>>

Rede PROCAD. **O ensino de Jornalismo na Era da Convergência Tecnológica – grades curriculares, planos de ensino e demandas profissionais** (2008-2011).

RIBAS, Beatriz.; PALACIOS, Marcos. **Blogs como ferramentas de ensino do Jornalismo.** In: MACHADO, Elias.; Palacios, Marcos. (Orgs) **O Ensino do Jornalismo em Redes de Alta Velocidade,** Salvador; EDUFBA, 2007

RIBAS, Beatriz; PALACIOS, Marcos. **Manual de Laboratório de Jornalismo na Internet.** Salvador: EDUFBA, 2007.

CORRÊA, E.S. **O jornalismo contemporâneo no Brasil.** Pauta Geral, São Paulo, v. 7, 29 nov. 2005. Disponível em < <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/bienal/Mesa%206/elizabethsaad.pdf>

SALAVERRÍA, Ramón. **Aproximación al concepto de multimedia desde los planos comunicativo e instrumental,** 2007, disponível em: [http://www.ucm.es/info/periodoI/PeriodoI/EMP/Numer\\_07/7-5-Inve/7-5-13.htm](http://www.ucm.es/info/periodoI/PeriodoI/EMP/Numer_07/7-5-Inve/7-5-13.htm) .

SILVA JR, Afonso. **Jornalismo 1,2: características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São Paulo.** 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador , 2000.

SILVA JR, Afonso. **Uma abordagem metodológica sobre a convergência digital e o fluxo de conteúdos.** 2008. In NOCÍ, Javier Díaz.; PALACIOS, Marcos. (Orgs.) **Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983

SOUSA, Jorge Pedro. **A prática antes da teoria e o foco no objecto: Uma proposta para o ensino universitário do jornalismo.** XXVIII Ciclo de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação/XXVIII Congresso da Intercom, 2004. Disponível em < <http://www.scribd.com/doc/3517160/Jornalismo-pratica-e-teoria>>

SCHWINGEL, Carla. **Os sistemas de publicação como fator da terceira fase do Jornalismo Digital**, 2004. Disponível em < [http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/ii\\_sbpjour\\_2004\\_ci\\_10\\_carla\\_schwingel.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/ii_sbpjour_2004_ci_10_carla_schwingel.pdf)>

SCHWINGEL, Carla. **O estado da arte dos estudos do jornalismo digital no Brasil**, 2007. Disponível em <<http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2007/schwingel.pdf>>

SFEZ, Lucien. **A Comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **O estudo da história nos cursos de jornalismo**, Intercom, XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0658-1.pdf>

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo . A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2008.

UNESCO. **Model Curricula for Journalism Education for Developing Countries & Emerging Democracies**. Paris: Unesco, 2007 Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001512/151209e.pdf>

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Caminhos para a construção da docência universitária**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n30, p. 129-135, jul./dez, 2008.

VIEIRA JR, Antônio. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório**. 2002. 306f. Tese (Doutorado em Comunicação), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ZANOTTI, Carlos Alberto. **Teorias do jornalismo e atividades laboratoriais**. SBPJOR , VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Universidade Metodista de São Paulo - SP, 2008. Disponível em: < <ftp://ftp-acd.puc-campinas.edu.br/pub/professores/CLC/zanotti/APLICADO%202010/Teorias%20do%20Jornalismo%20e%20atividades%20laboratoriais.pdf>>

## ANEXO

### QUESTIONÁRIO PROCAD 2010

Nome do responsável pelas respostas:		Telefone:	
		Email:	
Instituição:			
Coordenação:			
Nome das disciplinas de jornalismo digital/online ou afins:			
Prof(a). disciplinas:			
<p>1. Considera que o ensino do jornalismo digital deve ser realizado através de uma disciplina específica ou na forma transversal, incluindo o seu estudo de forma articulada no conjunto de disciplinas do currículo do curso de jornalismo?</p>			
Disciplina específica <input type="checkbox"/>		Transversal <input type="checkbox"/>	
Outra modalidade <input type="checkbox"/>			
Especifique a sua escolha, por favor:			
<p>2. Qual é o perfil da disciplina de jornalismo digital? Fale de conteúdo, metodologia, produto e processo...</p>			
<p>3. Você considera que a disciplina de jornalismo digital está bem localizada, em geral, no sexto semestre? Se não considera bem localizada em que período deveria estar?</p>			
Início(1/2) <input type="checkbox"/>	Meio(3/4) <input type="checkbox"/>	Final (5/6/7) <input type="checkbox"/>	Diferentes períodos (em caso de desdobramento em I, II ou III) <input type="checkbox"/>
Especifique a sua escolha, por favor:			
<p>4. Acredita que apenas uma disciplina específica (de jornalismo digital) é suficiente? Você acredita que deve haver mais disciplinas de jornalismo digital?</p>			
Uma disciplina <input type="checkbox"/>		Mais de uma disciplina <input type="checkbox"/>	
Outras modalidades, além das disciplinas específicas <input type="checkbox"/>			
<p>5. Você acha que existe relação entre as disciplinas de jornalismo digital e as outras áreas: telejornalismo, radiojornalismo, jornalismo impresso, etc, tais como atividades e/ou produtos em conjunto? <u>Em caso positivo</u>, como você acredita que se dá essa relação?</p>			



<p><b>6. Quais objetivos devem ser projetados para este(s) tipo(s) de disciplina(s) (jornalismo digital e afins)?</b></p>
<p><b>7. Qual deveria ser o perfil desta(s) disciplina (s) em sua opinião?</b></p> <p><input type="checkbox"/>Teórico   <input type="checkbox"/>Teórico-prática   <input type="checkbox"/>Prático</p>
<p><b>8. Caso considere que seja necessário um <u>perfil prático ou teórico prático</u> para esta(s) disciplina(s), qual o conteúdo deveria ser ministrado?</b></p> <p><input type="checkbox"/>Ensinar a usar softwares   <input type="checkbox"/>Estudos de casos   <input type="checkbox"/> Desenho de conteúdos  <input type="checkbox"/>Redação multimídia   <input type="checkbox"/>Desenho de web   <input type="checkbox"/>Gestão de conteúdos   <input type="checkbox"/>Outros, especifique:</p>
<p><b>9. Caso considere importante o ensino de algum tipo de software para a disciplina de jornalismo digital, qual seria? Isso acontece na sua disciplina?</b></p>
<p><b>10. Quais temas considera próprios do tema do jornalismo digital?</b></p> <p>Marque de 1 a 10, sendo que o <u>10 é mais importante</u>.</p> <p><input type="checkbox"/>Características da comunicação digital  <input type="checkbox"/>História da Sociedade do Conhecimento  <input type="checkbox"/>Teorias do Hipertexto  <input type="checkbox"/>Redação multimídia de conteúdos  <input type="checkbox"/>Gestão de conteúdos  <input type="checkbox"/>Usabilidade  <input type="checkbox"/>Desenho web  <input type="checkbox"/>O periódico eletrônico: características e modelos  <input type="checkbox"/>Desenvolvimento de projetos multimídias  <input type="checkbox"/>Fluxos comunicacionais  <input type="checkbox"/>Comunicação em redes sociais  <input type="checkbox"/>Outro. Quais? .....</p>
<p><b>11. Que tipo de bibliografia considera mais importante para uma matéria sobre o estudo do jornalismo digital na perspectiva da convergência?</b></p> <p><input type="checkbox"/>Livros teóricos   <input type="checkbox"/>Manuais   <input type="checkbox"/>Publicações científicas   <input type="checkbox"/>Outros. Quais?</p>
<p><b>12. Qual bibliografia estrangeira considera básica para o ensino do jornalismo?</b></p>
<p><b>13. Qual bibliografia brasileira considera básica para o ensino do jornalismo digital?</b></p>

<p><b>14. Quais autores do panorama internacional destacaria como referência no âmbito do estudo da convergência do ponto de vista jornalístico? (em ordem crescente de importância)</b></p>
<p><b>15. Qual importância daria para a aquisição do conhecimento técnico por parte do aluno na discussão e ensino do jornalismo digital e da convergência?</b></p> <p><input type="checkbox"/>Muito alto <input type="checkbox"/>Alto <input type="checkbox"/>Médio <input type="checkbox"/>Baixo <input type="checkbox"/>Nulo</p>
<p><b>16. Que tipo de produtos jornalísticos você considera que melhor se adequam aos objetivos pedagógicos de sua disciplina?</b></p> <p><input type="checkbox"/>portal <input type="checkbox"/>site <input type="checkbox"/>blog <input type="checkbox"/>webrevista <input type="checkbox"/>redes sociais <input type="checkbox"/>Jornal digital <input type="checkbox"/>outros</p>
<p><b>17. Existem produtos/produções laboratoriais específicos vinculados a(s) disciplina(s) de jornalismo online/digital?</b></p> <p style="text-align: center;"><input type="checkbox"/>sim <input type="checkbox"/>não</p>
<p><b>18. Se sim, quais são esses produtos laboratoriais e que obstáculos você encontra na implantação/veiculação desses produtos?</b></p>
<p><b>19. Você acha que as produções laboratoriais digital /online propiciam aos estudantes experimentações que lhes ajudem a adquirir competências técnicas e cognitivas para atuar no mercado de trabalho?</b></p>
<p><b>20. Que barreiras encontra atualmente na incorporação do jornalismo digital/online como disciplina de estudo no ensino do Jornalismo?</b></p>
<p><b>21. Como acredita que deve ser a incorporação da convergência nos cursos de Jornalismo?</b></p>
<p><b>22. De que forma você compreende e trata a questão da convergência na sua disciplina?</b></p>
<p><b>23. Do ponto de vista da formação, quais são as principais mudanças práticas e teóricas exigidas no ensino do jornalismo digital?</b></p>
<p><b>24. Que tipo de competências deve adquirir o futuro profissional do jornalismo no contexto da convergência? (Enumere três que considere mais importantes)</b></p>